

*I Congreso de Geografía Económica*



**Resúmenes  
Extendidos**

**LA NUEVA GEOGRAFÍA DEL  
CAPITALISMO**

**MAR DEL PLATA 22, 23 Y 24 DE JUNIO DE 2016**

**ISSN 2525-0299**

# Resúmenes extendidos

## *I Congreso de Geografía Económica*

### **LA NUEVA GEOGRAFÍA DEL CAPITALISMO**

22, 23 y 24 de Junio de 2016

Colectivo GeoEcon (UNMDP – UNLu)

Facultad de Humanidades

Universidad Nacional de Mar del Plata

Funes 3359, Mar del Plata – Argentina

## **Coordinadores Generales**

Ana María Liberali

Jorge Osvaldo Morina

## **Coordinadores regionales**

Ana Laura Berardi

Zeno Crocetti

Jerónimo Montero Bressan

## **Comité Académico**

Lic. Juan Roberto Benítez (UNCPBA – Centro Humboldt)

Prof. Omar Horacio Gejo (UNLu – UNMDP – Centro Humboldt)

Dr. Adriano Rovira (Universidad Austral de Chile – Centro Humboldt)

Dr. Álvaro Sánchez Crispín (UNAM – Centro Humboldt)

Dra. Jussara Mantelli (Universidade Federal de Rio Grande, Brasil – Centro Humboldt)

# Índice

## **Tendencias en investigación en geografía económica en el Instituto de Geografía de la Universidad Nacional Autónoma de México, 1970 - 2015**

Álvaro Sánchez Crispín .....7

## **O “Moderno Príncipe” e os desafios impostos a grande política no século XXI**

João Victor Moré Ramos .....8

## **Violencia contemporânea en Colombia: centralización deficitaria y liberalismo irrestricto**

Hernán Giovanni Méndez .....14

## **Projetos prioritarios do eixo de Capricornio o a proposta de integração regional feita pelo COSIPLAN/IIRSA**

Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz.....19

## **A geopolítica da crise: crise econômica e as mudanças no espaço mundial**

Fernando dos Santos Sampaio – Marlon Clovis Medeiros.....25

## **A política nacional de habitação e a crise econômica**

Ricardo Carvalho Leme .....31

## **Crise econômica brasileira: o ideal da privatização e o rebatimento sobre as instituições federais de ensino**

Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso .....36

## **Hidrocarburos: modelo productivo extractivista**

Graciela Patricia Cacace – Jorge Osvaldo Morina .....42

## **Inserción internacional y agricultura industrial: el caso del monocultivo de eucaliptos en Uruguay**

Micaela Zabalza.....47

**Geografía del comercio y cambio climático: un estudio exploratorio de la relación entre los acuerdos internacionales sobre la emisión de gases de efecto invernadero y el transporte marítimo de mercancías**

Elda Tancredi – Fernanda González Maraschio .....51

**Estructura territorial de la pesca comercial ribereña en el área de protección de flora y fauna Laguna de Términos, Campeche (México)**

Giselle Jazmín Campos Flores .....57

**Impacto territorial de la actividad pesquera comercial ribereña en la Reserva de la Biósfera Ría Celestún (México)**

José Manuel Crespo Guerrero – Araceli Jiménez Pelcastre .....60

**A indústria da pesca: proposta de análise geográfica**

César Augusto Avila Martins.....66

**Geografía, capitalismo global e impacto local. Estrategias de reproducción social de las comunidades Raqueles en la Provincia de La Pampa em el contexto de avance de la frontera agropecuaria**

Natalia Analía Miguel.....70

**Geografía económica argentina: construcciones, miradas, propuestas en el marco del capitalismo. La actividad agropecuaria pampeana como estudio de caso.**

María del Carmen Labey .....74

**La necesaria innovación tecnológica en la ganadería bovina para carne**

Susana Beatriz Fratini .....78

**A arquitetura da crise financeira**

Zeno Soares Crocetti .....83

**Movilidad, pobreza y transporte en el Área Metropolitana de Buenos Aires: una aproximación al estudio de la movilidad femenina**

Solange Paula Redondo .....90

**O surgimento do modelo baseado na grande empresa capitalista moderna na industria de leite no Brasil**

Joel José de Souza .....95

**Finanzas, indústria y territorio: Las formas de financiamiento para la inversión productiva en la ciudad de Tandil (Provincia de Buenos Aires, Argentina)**

Derlis Daniela Parserisas .....99

**Construção de usinas hidrelétricas na Amazônia: Complexo tapajós uma avaliação crítica do licenciamento ambiental e os impactos as populações atingidas**

Jacqueline Araújo – Odinei Silva .....103

**Impactos del cambio climático en destinos turísticos**

Pablo Miranda Álvarez .....105

**A atividade turística e o lazer no meio rural, ensaio e perspectivas: Município de Canguçu, Rio Grande do Sul, Brasil**

der Jardel da Silva Dutra .....106

**Los derechos de propiedad intelectual en Argentina: adecuación normativa al sistema internacional de comercio y tratados bilaterales de inversión**

Dafne Salomé Alomar Messineo .....111

**Interacciones espaciales y flujos comerciales para la producción industrial de Tandil (Provincia de Buenos Aires)**

Josefina Di Nucci .....115

## TENDENCIAS DE INVESTIGACIÓN EN GEOGRAFÍA ECONÓMICA EN EL INSTITUTO DE GEOGRAFÍA DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL AUTÓNOMA DE MÉXICO, 1970-2015

Álvaro Sánchez Crispín  
Instituto de Geografía, UNAM  
Ciudad de México, Distrito Federal

La finalidad de este trabajo es presentar una visión sintética del desarrollo de la investigación que se ha llevado a cabo en el Departamento de Geografía Económica del Instituto de Geografía de la Universidad Nacional Autónoma de México, en el período 1970-2015. En este lapso, el Departamento ha evolucionado, de ser un pequeño grupo de académicos dedicados a la investigación de las manifestaciones territoriales de ciertas actividades económicas (agricultura, industria, servicios), con perspectivas metodológicas y conceptuales diversas, a convertirse en un referente nacional en el trabajo científico que se realiza en áreas consolidadas como Geografía del Turismo, Geografía del Transporte y Cartografía Temática especializada en Geografía Económica. Las tendencias recientes indican una orientación del esfuerzo investigativo enfocado a examinar procesos particulares como el entramado territorial del turismo religioso, la manifestación espacial de los accidentes de tránsito en las principales carreteras del país y el impacto socio-económico que tiene el envío de remesas a lugares marginados de México. Estos escenarios de investigación en Geografía Económica han generado una producción científica abundante y de calidad, en revistas nacionales y extranjeras; y están asociados intensamente con la docencia y formación de profesionales de la Geografía en el país.



## O “MODERNO PRÍNCIPE” E OS DESAFIOS IMPOSTOS A GRANDE POLÍTICA NO SÉCULO XXI

\*João Victor Moré Ramos

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina  
Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

Mais que uma mera questão ideológica, a não subordinação do subdesenvolvimento as diretrizes elaboradas pelo consenso de Washington na última década do século XX, - situação esta em que ruíram os alicerces do campo socialista, ao fechar o ciclo histórico aberto pela questão nacional na vitoriosa Revolução de Outubro (LOSURDO, 2004), ulterior ao que Moniz Bandeira (2013) chamou de Segunda Guerra Fria – colocou em marcha um novo caminho a ser percorrido pela grande política no século XXI.

Se por um lado a reestruturação capitalista acelerava o emprego de novas tecnologias em serviços e produção de bens imateriais, condicionando países emergentes a uma industrialização de tipo “pós-industrial” (MAGRI, 2014) – garantia essa que se dava pela regulação do mercado via acumulação predominantemente financeira das grandezas macroeconômicas (consumo, investimento e emprego) (CHESNAIS, 2000) – por aqui medidas anticíclicas elaboradas nas esteiras do nacional-desenvolvimentismo eram adotadas como uma estratégia de transição pós-capitalista que passava a elevar o comércio exterior a um alto grau de planejamento, com acordos “bilaterais, planificados e de Estado” (RANGEL, 2005b, p.503).

Inversamente as medidas adotadas pela grande política do subdesenvolvimento, o ultra-imperialismo sob a hegemonia dos Estados Unidos, ao executar uma política de poder com fins estratégicos, i.e, protegerem fontes energéticas e de matérias-primas, além de investimentos em mercados de suas corporações armamentistas em diferentes regiões do mundo, transferiram para a periferia do sistema capitalista não só a instalação de bases militares e guerras programadas (MONIZ BANDEIRA, 2013), como também suas heranças da *White Supremacy* – hoje *American Supremacy*<sup>1</sup>, uma espécie de hierarquização natural dos povos e nações consagradas por uma vontade divina, similares a monarquia absolutista do *Ancien Regime* (LOSURDO, 2015).

Alem disso, ao combinar as políticas do “*regime change*”, que articulam doutrinas, agências de inteligência, especialistas e profissionais da mídia moderna com potenciais revolucionários na guerra de desinformação e descrédito das instituições do Estado, junto ao sistema financeiro internacional e as grandes corporações, os valores e interesses do Ocidente (Estados Unidos) pautaram-se em utilizar da estratégia de enaltecer as contradições domésticas e os problemas internos de cada país a fim de derrubar governos sem utilização da força, ou dito de outro

<sup>1</sup> Dois dogmas que foram enunciados em duas campanhas eleitorais são bem ilustrativos no que diz respeito ao enraizamento dessa tradição política estadunidense: 1) No primeiro mandato presidencial de Bill Clinton ele declarava o primado dos Estados Unidos e seu direito-dever de dirigir o mundo que “Nossa missão é eterna!”; 2) já George W Bush proclamou que “A nossa nação foi eleita por Deus e tem o mandato da história para ser o modelo do mundo” (LOSURDO, 2015).



modo, pela via de golpes militares. Consumaram-se assim as “revoluções coloridas” na Europa e na Ásia, bem como no Oriente Médio e na África do Norte (MONIZ BANDEIRA, 2013).

Todavia, o *Project for the New American Century* dos neo-conservadores<sup>2</sup> executado por George W Bush e endossado pelo presidente Barack Obama ousaram ampliar em conjunto com o sistema de espionagem da National Security Agency (NSA), a United States Agency for International Development (USAID), a National Endowment for Democracy (NED) além de ONG's – a Open Society Foundation (OSF) do bilionário George Soros, além da Freedom House e a International Republican Institute (IRI) controladas pelo senador John McCain - e outras entidades americanas, e alguns especialistas da Joint Military Attache School (JMAS) operada pela Defence Intelligence Agency (DIA) o monitoramento das comunicações de governantes tanto rivais quanto de sua base aliada (MONIZ BANDEIRA, 2015).

Somadas a esta, incluíam-se na agenda (*neocon*) desestabilizadora de Estados-nacionais e suas soberanias, a substituição de conceitos como crise e economia por palavras de ordem que serviriam para impor e para fazer com que se aceitassem “medidas e restrições que as pessoas” não teriam “motivo algum para aceitar”. O substantivo *Crise*, por exemplo, passava a significar nos dias de hoje simplesmente que “você deve obedecer” (AGAMBEN, 2012).

Nesse sentido, segundo Losurdo uma nova questão do Estado impõe-se ao cenário mundial. Quando Marx, na Ideologia Alemã atribuía que as ideias (*Gedanken*) da classe dominante são as ideias dominantes de cada época, isto é, “a classe que é a força material dominante da sociedade, é ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (MARX, 1986, p.72), hoje diríamos que a classe dominante não detém somente o monopólio das ideias, mais também o monopólio das emoções. Com um aparato tecnológico e psicológico mais sofisticado, o aparelho militar do ultra-imperialismo ficou mais forte não só no domínio militar clássico, mas também no plano multimidiático, já que “as armas midiáticas passam a provocar a opinião pública a ser favorável ao início de uma guerra” (LOSURDO, 2013).

Sob essa égide do meio técnico-científico-informacional, onde são instaladas as atividades “hegemônicas, aquelas que têm relações mais longínquas e participam do comércio internacional, fazendo com que determinados lugares se tornem mundiais” (SANTOS, 1994, p21), o professor de literatura italiana Giulio Ferroni, ao lidar com as concepções gramscianas do “Moderno Príncipe”, - que surge em Maquiavel na figura de um indivíduo político que se faz povo, e “se confunde com o povo” (BARATTA, 2011, p.328) *mutatis mutandis* aparecendo em Gramsci na moderna figura do partido político – irá afirmar que na conjuntura atual o lugar do príncipe-**condottieri** está mitificado no capital simbólico da televisão (FERRONI, 2007).

Nessa mesma perspectiva ocidental, Otavio Ianni, em seu artigo “O príncipe eletrônico”, dirá que o poder que a mídia exerce enquanto técnicas sociais obrigam as instituições clássicas a se reinventarem ou serem substituídas por novas técnicas e instituições (IANNI, 1999). Todavia, o autor acima citado não deixa claro as relações, e as possíveis combinações existentes entre as diferentes tipologias atribuídas ao “Príncipe” – desde a sua forma tradicional àquela mais contemporânea sugerida como “eletrônico” – ou mesmo se uma forma superior e inacabada do príncipe destruiria a sua forma mais antiga ou moderna. Desse modo, não seria o caso de pensar o

---

<sup>2</sup> Como principal responsável pelo restabelecimento contemporâneo dos estudos de filosofia política, Leo Strauss passou a ser considerado o mentor intelectual do movimento (*neocon*), formando dezenas de funcionários responsáveis pelos governos norte-americanos no século XXI. De todo modo, vale a pena aprofundar os estudos deixados por esse autor no que tange a complexidade de compreender os acertos e as dificuldades do Príncipe de Maquiavel, em sua obra “*Thoughts on Machiavelli*” publicado em 1958, como também sua obra posterior que abrirá um novo ciclo no pensamento filosófico do século XX: “*Liberalism Ancient and Modern*” publicado em 1968.

conceito de “Príncipe” enquanto teoria específica ligada ao processo geral, ao mesmo tempo como produção contraditória do geral, ou, em outras palavras, aquilo que Rangel - utilizando um termo barroco - chamou de “contemporaneidade do não-coetâneo” (RANGEL, 2005a)?<sup>3</sup>

Com efeito, o desenvolvimento econômico chinês dirigido pelo Partido Comunista nos últimos cinquenta anos tem demonstrado um dinamismo colossal diante do mundo ocidental, não só pelos altos índices de crescimento que o país mantém em ritmo acelerado, mas também por suas heranças confucionistas de unificação do Estado Nacional a cerca de 2500 anos. Um país que, alias, embora se mantenha nas fronteiras do subdesenvolvimento, se transformou no maior exportador mundial, segundo as informações da Organização Mundial do Comércio (OMC), além de ter quadruplicado entre o período de 2008-2014 – em meio à crise mundial – suas receitas e investimentos nos locais (África e América Latina) onde o capital norte-americano e europeu não conseguiu chegar (ROSÁRIO, 2015).

Levando em consideração os feitos realizados pelo PC chinês ao longo desses 50 anos de transição e abertura comercial ao mundo a cargo de Deng Xiaoping, não seria um exagero dizer, como faz Alan Badiou, que a forma-partido (o príncipe-moderno), estaria suplantada no século XXI, ou mesmo que o paradigma leninista de tomada do poder estatal estaria superado? (KEUCHEYAN, 2015).

\*\*\*

Sem embargo, não seria exagero dizer que ainda hoje permanece em estado latente o *leitmotiv* “dreyfusiano” no interior da política moderna. Segundo as análises do professor Robison, do núcleo de Estudos latino-americanos e ibéricos na Universidade da Califórnia, vivemos nos tempos em que se buscam inúmeros bodes expiatórios – como no caso dos imigrantes, e dos muçumanos – através de diretrizes ideológicas que abraçam “um passado idealizado e mítico”. Um passado, sobretudo, enraizado no encarceramento em massa, tomando lugar dos campos de concentração em nome das chamadas guerra contra as drogas, guerra contra a juventude pobre, guerra contra o terrorismo, guerra contra os imigrantes (ROBINSON, 2013).

De fato, o problema da imigração, notoriamente marcado em grande parte por êxodos, fugas e exílios decorrente das guerras, por mais distinto que seja da questão muçumana por suas conotações religiosas, no fundo se inserem na mesma conjuntura mundial de realocação do capital. Como demonstra Piketty, a redistribuição e regulação da desigualdade mundial do capital pela imigração estão intimamente vinculadas às políticas públicas inerentes aos países ricos. O risco, ainda segundo o autor, se insere no uso ou não de regulamentações pelo Estado<sup>4</sup>, – sejam elas, imposto progressivo sobre a renda, e/ou imposto progressivo sobre o capital. Em síntese, quando não há as bases de um Estado Social – no sentido forte da palavra - que permita uma integração pelas camadas menos favorecidas aos imigrantes, onde os “benefícios econômicos da globalização gerem lucros para todos”, o impulso à “exacerbação nacional e identitária serão mais fortes do que nunca” (PIKETTY, 2014, p. 525).

---

<sup>3</sup> Para Rangel a coexistência da realidade “antiga com a nova não é uma simples superposição, mas uma oposição”. Elas se modificam mutuamente na medida em que as duas realidades reagem uma sobre a outra. Todavia, não constituem duas coisas separadas, mais uma realidade complexa única, que, na linguagem hegeliana corresponderia aos contrários estarem em unidade dialética (RANGEL, 2005a, p.207).

<sup>4</sup>

Todavia, poder-se-ia dizer que essa questão não se encerra em si mesma. Ao considerar as lições de Gramsci dos *Cadernos*, para qual não se pode entender “as instituições políticas como simples superestruturas da economia” (SILVA, 2011), Losurdo insiste na tese de que não basta justificar o surgimento do fundamentalismo como base econômica, a menos que se queria eximir-se da responsabilidade de compreender “a transição da sociedade do espetáculo para o espetáculo como técnica de guerra” manifestado em escala planetária desde 1989 (LOSURDO, 2013).

Nesse sentido, Losurdo chama atenção até mesmo a um prestigiado filósofo italiano, Giorgio Agamben, que nem sempre demonstrando uma vigilância crítica em relação à ideologia dominante, sintetizou de modo assaz os caminhos que a excitação das massas foi utilizada no desmonte do campo socialista na Jugoslávia, bem como na revolução de veludo em Praga (1989), e a revolução Cinecittà na Romênia. Vejamos o que diz o filósofo a respeito desta última:

“Pela primeira vez na história da humanidade, cadáveres recém enterrados ou alinhados nas mesas das morgues foram desenterrados às pressas e torturados para simular diante das câmaras o genocídio que devia legitimar o novo regime. Aquilo que o mundo inteiro tinha diante dos olhos em directo como verdade nos écrans de televisão era a absoluta não-verdade. E apesar de que por vezes a falsificação foi evidente, ela era de qualquer forma autenticada como verdadeira pelo sistema mundial dos media, para a qual, ficou claro, a verdade doravante não era senão um momento do movimento necessário do falso (LOSURDO, 2010)”.

No final dos anos 90, o “príncipe eletrônico”, utilizando a expressão de Ianni (1999), ganha uma nova expressão – a chamada Internet irrompe enquanto tecnologia capaz de modificar profundamente as relações de força no plano internacional. Utilizada como ferramenta geopolítica dos EUA, - via o controle da rede por grandes grupos – as operações secretas realizadas anteriormente pela NSA em organizar movimentos políticos em países longínquos, passaram desde então a um novo estágio de comunicação operada a partir do Ocidente (LOSURDO, 2010).

Claro está que até mesmo Agamben posteriormente em sua obra *Homo Sacer* (1998) acabou seduzido pela própria denúncia do Auschwitz da sociedade do espetáculo na revolução Cinecittà, ao tecer críticas – alinhado ao coro dominante – contra “*the excommunist ruling classes’ unexpected fall into the most extreme racism (as in the Serbian program of “ethnic cleansing”)*” (AGAMBEN, 1998, p.72).

Involuntariamente, o filósofo italiano aceitara de modo precipitado a propaganda de guerra

difundida no “sistema mundial dos media”, que anteriormente apontara como a fonte principal da manipulação. Depois de ter denunciado a redução do “verdadeiro” para “momento do movimento necessário do falso”, feito pela sociedade do espetáculo, ele limitava-se a conferir uma aparência de profundidade filosófica a esse “verdadeiro” reduzido a “momento do movimento necessário do falso” (LOSURDO, 2013).

Alem disso, faz mister pensar a trama que se desenvolve nos últimos anos entre o Partido Comunista Chinês (PCC) - sob o título de príncipe moderno - como um dos grandes obstáculos ao “príncipe eletrônico” sob tutela da multinacional norte-americana em matéria de redes (Internet) no mundo, a Google. Diluídas pela grande imprensa internacional como alvo de censura, o PCC em um só golpe foi utilizado em uma campanha de relações públicas em prol de “beneficiar a imagem e os lucros da multinacional estadunidense, abrindo-lhe o caminho para uma expansão em outros países” (LOSURDO, 2010). Entretanto, contrapondo a ideia de censura e a reafirmação do direito humano à livre informação, o Ministro da Administração do Ciberespaço da China, Lu Wei, deixou claro em um encontro com Mark Zuckerberg – fundador do facebook – que a “China sempre foi muito hospitaleira”, embora

escolhesse quem entraria em sua casa. E conclui: “Não podemos permitir que qualquer companhia entre na China e ganhe dinheiro enquanto machuca o país”. Alias, “não disse que o Facebook não poderia entrar na China, mas também não disse que poderia” (WEI, 2014).

\* (email: jaumbgood@gmail.com)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**. Califórnia: Ed: Stanford University, 1998.

\_\_\_\_\_. “**Deus não morreu. Ele tornou-se dinheiro**”, 2012. Acesso em: 08 de ago. 2015

BARATTA, Giorgio. **Antonio Gramsci em contraponto**: diálogos com o presente. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

CHESNAIS, F. Mundialização: o capital financeiro no comando. **Les temps modernes**, Paris, 607, 2000. Tradução de Ruy Braga

FERRONI, G. O príncipe moderno não é mais um partido ou o partido, mas a televisão. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, 231, ano VII, ago – 2007. Disponível em:

[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1207&secao=231](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1207&secao=231) Acesso em: 07 de ago. 2015.

IANNI, Octavio. O príncipe eletrônico. Perspectivas: **Revista de Ciências Sociais**. São Paulo, v.22, 1999. Disponível em:

<http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2079> Acesso em 09 de ago. de 2015.

KEUCHEYAN, Razmig. **Alain Badiou: Evento, fidelidade, Sujeito**, 2015. Disponível em: <https://overquill.wordpress.com/2015/04/11/alain-badiou-evento-fidelidade-sujeito-por-razmig-keucheyan/> Acesso em: 21 de jul. 2015.

LOSURDO, Domenico. **Fuga da História?** A revolução russa e a revolução chinesa vistas de hoje. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

\_\_\_\_\_. **Resistência Falsa e Manipulação Verdadeira: A geopolítica da Internet**, 2010. Disponível em:

<http://www.voltairenet.org/article167106.html> Acesso em 10 de ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **A indústria da mentira, parte da maquina de guerra do imperialismo**, 2013. Disponível em: <http://www.voltairenet.org/article180543.html> Acesso em: 10. de ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Produção das emoções é o novo estagio do controle da classe dominante**, 2013. Disponível em:

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/31615/losurdo+producao+das+emocoes+e+novo+estagio+do+controle+da+classe+dominante.shtml%22EUA%20s%C3%A3o%20o%20pio%20inimigo%20da%20democracia%20nas%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20Internacionais%22> Acesso em: 07 de ago. 2015

\_\_\_\_\_. Revolução de outubro e democracia no mundo. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis – PPGICH**. Florianópolis, v.12, n.1 jan/jun -2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2015v12n1p361> Acesso: 07 de ago. 2015.

- MARX, Karl. ENGELS, F. **A ideologia alemã** (Feuerbach) 5ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MAGRI, Lucio. **O alfaiate de Ulm**: uma possível história do Partido Comunista Italiano. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MONIZ BANDEIRA, Luis Alberto. **A segunda guerra fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos** – Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- MONIZ BANDEIRA, Luis Alberto. **EUA promovem desestabilização na América Latina**, 2015. Disponível em: <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Moniz-Bandeira-EUA-promovem-desestabilizacao-na-America-Latina-/4/33088> Acesso em: 05 de ago. 2015.
- PIKETTY, Thomas. **O Capital no século XXI**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- RANGEL, Ignacio. **Obras Reunidas**. Volume 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a. \_\_\_\_\_ . **Obras Reunidas**. Volume 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005b.
- ROBINSON, William I. **As sementes do fascismo no século XXI**, 2013. Disponível em: <http://outraspalavras.net/posts/as-sementes-do-fascismo-no-seculo-21/> Acesso em: 04 de ago. 2015.
- ROSÁRIO, Miguel do. **Entrevista: Elias Jabbour fala sobre a China**, 2015. Disponível em: <http://www.ocafezinho.com/2015/08/09/entrevista-elias-jabbour-fala-sobre-a-china/> Acesso: 10 de ago. 2015.
- SILVA, Marcos Aurélio da. **O Brasil no olho do furacão**, 2015. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/266803-1> Acesso: 21 de jul. 2015. \_\_\_\_\_ . **O comunismo crítico de Antonio Gramsci**, 2011. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1356> Acesso em: 05 de ago. 2015.
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio-técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- WEI, Lu. **Se o Facebook não entra na China, a China não entra no Facebook**, 2014. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/link/se-o-facebook-nao-entra-na-china-a-china-entra-no-facebook/> Acesso em: 10 de ago. 2015.

## **VIOLENCIA CONTEMPORÁNEA EN COLOMBIA: CENTRALIZACIÓN DEFICITARIA Y LIBERALISMO IRRESTRICTO**

**ANTROPÓLOGO  
HERNÁN GIOVANNI MÉNDEZ  
UNIVERSIDAD ESTADUAL DE CAMPINAS  
BRASIL**

### **I**

En Colombia, el Estado se realiza a renglón seguido de una centralización basada en disputas cruentas que en el siglo XIX arribaron a número de 10, sin hablar de los 44 levantamientos que acaecieron en lugares distintos de nuestra geografía nacional (Caballero, 1981 [1970]). Este proceso se da en medio de solicitudes de una economía en que trabajo y medios de producción son objeto de acaparamiento. Tensiones semejantes llevaron a la Guerra de los Mil Días, librada entre 1899 y 1902, la guerra civil más sanguinaria registrada en la historia de Colombia, hasta la guerra civil de mediados de siglo XX. Esta guerra se atribuye en parte considerable a la implantación del papel moneda (Bustamante, 1980), una decisión gracias a cuyos oficios el Estado pasaría a controlar el sistema monetario nacional.

La centralización de este sistema afectaría sensiblemente a los poderes en las regiones, los cuales perdieron por disposición de Ley la liquidez y el crédito que monopolizaban y justificaba sus privilegios y dominaciones. Sin embargo, el capital líquido de que disponían se terminaría invirtiendo en la compra de tierras y el establecimiento de cultivos de granos de café (Gallo, 1974), además de la adquisición de bonos territoriales.

La Guerra de los Mil Días acaecería en definitiva en un momento en que el Gobierno incurrió en un déficit fiscal agudo resultado de una corrupción administrativa rampante, enfrentada institucionalmente mediante la imposición de un gravamen a la exportación de café, lo que acarreó la oposición airada de quienes cultivaban este grano, llevando a un levantamiento generalizado en armas.

La guerra civil acaecida en Colombia a mediados de siglo XX se superaría por medio del Frente Nacional, una coalición acogida como solución a las pugnas viscerales que se desataron entre Conservadores y Liberales por la apropiación del aparato estatal de manera ilegítima, según los últimos. Esta fórmula de civilidad implicaba una alternancia por la cual estos partidos políticos se cedían la presidencia y se repartían los cargos públicos por mitad cada cuatro años, un acuerdo que se mantuvo en pie entre 1958 y 1974.

### **II**

Nuestra independencia de España se financió con recursos provenientes de préstamos proporcionados por la banca de Inglaterra. Abrigábamos la esperanza de que el botín ganado a los españoles fuera suficiente para el pago de la deuda que se contraía. Colombia asumió los costos de esta empresa animada por la Libertad que se deseaba, tanto en Colombia misma como en Venezuela y Ecuador. Además de Perú y Bolivia. Empero, hacia 1827 de este botín en Colombia se concentraba un 5.25%, en Venezuela un 93.3% y en Ecuador un 1.5% (Arango, 2014: 67). En Colombia y en

Ecuador estos porcentajes fueron inferiores en extremo porque se permitió que las propiedades de los españoles siguieran en manos de *Los Criollos*, o sea, sus descendientes, toda vez que hubieran participado de la revolución consumada.

El Estado en Colombia nació en déficit. Éste se tratará de salvar comprometiendo en un comienzo el patrimonio territorial nacional. Se emitirían a estos efectos bonos territoriales destinados a pago de deuda externa e interna, expedidos de preferencia a favor de prestamistas internacionales y de todos aquellos que integraron los ejércitos que expulsaron a los españoles, desde generales hasta soldados rasos. A bonos territoriales semejantes el Estado recurrirá asimismo en aras de pagar los servicios que sus empleados prestaban en el mantenimiento de la cosa pública (Ibídem, 2014: 95).

Este problema no se superó en Colombia hasta que nos engranamos en el orden económico internacional, obteniendo mediante la exportación de hojas de tabaco y granos de café, principal y posteriormente, las divisas que favorecieron el establecimiento de nuestro Estado.

La expectativa de riqueza que el comercio de hojas de tabaco y granos de café trajo consigo motivó a muchos colombianos a migrar de las partes altas de nuestro territorio, donde se concentraba el grueso de la población, a las partes bajas y medias (LeGrand, 1984, 1986 y 1988). En las primeras, a fin de cultivar hojas de tabaco. En las segundas, a fin de cultivar granos de café. Empero, la bonanza asociada a las hojas de tabaco no rebasaría el siglo XIX. Entretanto, la exportación de granos de café derivaría en la columna vertebral de nuestra economía hasta la década de 1980, a pesar de los altibajos de sus precios a escala internacional. El comercio mundial de estos productos precipitaría el desarrollo de nuestros mercados internos durante la Depresión Económica de 1920 y la primera y segunda de las Guerras Mundiales, toda vez que nos veríamos volcados a producir en nuestro territorio artículos alimenticios y suntuarios que no podían ser importados más, circulando internamente las divisas que arribaban. Nuestras ciudades se convirtieron en destino de millares de migrantes campesinos, procedentes principalmente de las zonas donde el cultivo de granos de café cubría extensiones vastas. Estos migrantes guardaban la ilusión de ser contratados por las empresas que dieron origen a nuestra industria nacional (Henderson, 2006).

Se seguiría de aquí la colonización de la parte media de la cordillera central, la vertiente oriental de la parte media de la cordillera occidental y la vertiente occidental de la cordillera oriental, a la altura del curso medio del río Magdalena, cuyo cauce constituía la vía que nos comunicaba predominantemente con el extranjero. Los cultivadores de hojas de tabaco se incorporaron a los frentes de colonización donde se cultivaban granos de café tan pronto la bonanza de que se beneficiaron a lo largo de tres décadas concluyó.

Esta expectativa de riqueza atrajo también a comerciantes y terratenientes, quienes representaban los poderes en sus regiones. Unos y otros usurparon tanto el trabajo de estos migrantes como la tierra donde se cultivaban hojas de tabaco o granos de café, sustraída a la selva después de años de trabajo perseverante en compañía de parientes y vecinos. Los comerciantes esgrimían en los frentes de colonización en que se interesaban escrituras emitidas por empleados públicos que oficiaban en el centro o en las urbes de las regiones (LeGrand, 1984, 1986 y 1988). Se hacían a lo reclamado de manera jurídica pagando a partir de bonos territoriales las extensiones solicitadas a cambio (Arango, 2014). En estos documentos el Estado concedía en calidad de propiedad privada terrenos que se consideraban incultos y pertenecían a la Nación, denominados Baldíos Nacionales. Entretanto, los terratenientes expropiaban a estos

migrantes involucrando sus tierras en sus haciendas por medio del corrimiento de cercas y la ejecución de desalojos donde participaban sus trabajadores (LeGrand, 1984, 1986 y 1988). Así las cosas, las alternativas que se dejaban a los migrantes se reducían a su conversión en aparceros o arrendatarios o a expulsiones que repelían empuñando armas blancas y de fuego. Se originarían en consecuencia formas de resistencia campesina que los terratenientes buscaban contrarrestar por medio de grupos de autodefensa, los cuales se transformaron en muchos casos en formas de asociación delincuenciales. He ahí el caldo de cultivo de la violencia inercial o en estado larvario que en nuestro territorio se recicla y se exagera de tiempo en tiempo (Revéz, 1997; Uribe, 1978).

Los migrantes que a propósito de esta política sufrieron desplazamiento se encaminaron en parte hacia las ciudades y en parte terminaron engrosando frentes de colonización nuevos, en los cuales esta vez terratenientes menos afectos a la agricultura que a la ganadería extensiva y el cuidado de cultivos industriales ejercieron presión sobre los claros que habían logrado despejar en las selvas por medio de un trabajo colectivo sostenido tanto en el espacio como en el tiempo.

Las formas de resistencia campesina cooptadas por el Partido Comunista de Colombia de 1930 en más se transformaron en las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia (FARC) a mediados de la década de 1960, después de que el Gobierno declarara a sus enclaves 'repúblicas independientes' y tomara la determinación de exterminar a todas las mismas. Sus reductos migraron de la vertiente occidental a la vertiente oriental de la cordillera oriental, arraigando en el Piedemonte Amazónico a la altura de los departamentos de Meta y Caquetá. Se afianzarían en lo militar y desde aquí pretenderían la conquista del centro, apoyadas en el músculo económico proporcionado por la siembra de hojas de coca y la comercialización de cocaína (Echandía, 1999). En el resto del país, estas formas de resistencia tratarían de ser cooptadas por guerrillas del ELN, EPL y M-19, necesitadas de bases sociales (Reyes y Bejarano, 1988).

El Partido Socialista Revolucionario sería el predecesor del Partido Comunista de Colombia. Se afianzaría en el campo más que en las ciudades en virtud de la represalia que en la década de 1930 el Establecimiento acometería contra el Sindicalismo, en una época en la cual comenzaba el crecimiento económico de nuestro país.

### III

La centralización del Estado en Colombia se concretaría en el Frente Nacional. Esta coalición se encaminó a construir un Estado de bienestar a partir del favorecimiento a una industria enfocada a sustituir los artículos que importábamos. Este desarrollo implicó invertir recursos mayúsculos tanto en fábricas como en la pacificación generalizada dondequiera que en el campo la violencia hubiera imperado. A estos efectos, los industriales recibirían subsidios y protección aduanera. Este propósito se orquestaría desde las ciudades de Bogotá, Medellín y Cali, de cuya interacción se sucedió un territorio que coincide lejanamente con nuestra geografía nacional, donde institucionalidad y comerciantes habían capturado íntegramente la bonanza cafetera. Surgieron así mercados internos que gravitaron en torno de estas tres ciudades, conocidas en conjunto como 'el triángulo de oro' (Jaramillo y Cuervo, 1987). Mientras tanto, los campesinos se volverían objeto de programas de rehabilitación más centrados en el asistencialismo que en el desarrollo de sus sociedades.



El Frente Nacional culminó en 1974. La modernización que precipitó se consiguió donde se aglomeraron los mercados internos; donde se dio la acumulación de excedentes de la producción de los bienes transables y donde se establecieron la mayoría de las empresas y fábricas de los grupos que orquestaron este proceso (Duncan, 2015 [2006]). Sin embargo, la política macroeconómica de sustitución de importaciones por medio de la cual se efectuaría la industrialización garante de la modernización que en Colombia se pretendía se resintió sin que el punto de equilibrio aguardado pudiera ser alcanzado. Hubo contracción política después de la contracción económica que se suscitó.

A finales de década de 1970, los narcotraficantes destinarían los excedentes de sus actividades en la compra de propiedades situadas donde los mercados internos se deprimieron (Reyes, 1997). Quienes vendieron se llevaron sus capitales consigo a los frentes de colonización que estaban en vigencia o empezaban a ser abiertos. Se trataba de campesinos que se convirtieron de nuevo en colonos (LeGrand, 1994). El negocio del narcotráfico implica de suyo el concurso de armas de fuego y esquemas de seguridad habida cuenta del volumen del lucro que reporta en tiempo tan estrecho. Los narcotraficantes se rodearon por tanto de grupos de autodefensa y formas de asociación delincuenciales que velaron por sus intereses. Los miembros de grupos semejantes crecerán en número y recibirán instrucción por parte de militares extranjeros tan pronto las FARC comiencen a ejecutar el plan de expansión que efectivos de 27 frentes guerrilleros habían acordado a comienzos de 1982 en la séptima de sus conferencias (Echandía, 1999), ejerciendo presión sobre las ciudades y centros de desarrollo regional desde los frentes de colonización donde campeaban. El paramilitarismo surge como reacción a este avance (Duncan, 2015 [2006]). Las zonas donde los narcotraficantes adquirieron propiedades coinciden las más de las veces con rutas de movilidad a lo largo de las cuales se produce el 40% de las ganancias que rinden cultivo de hojas de coca y comercialización de cocaína (Ibídem, 2015 [2006]). De ahora en adelante, la violencia que sobrevendrá en Colombia acontecerá básicamente aquí. Distante de frentes de colonización. Resultado de una centralización deficitaria y el liberalismo irrestricto característico del tráfico de una droga ilícita consumida ampliamente globalmente.

## LITERATURA CITADA

Arango, Mariano. 2014. *La tierra en la historia de Colombia*. Bogotá, Academia Colombiana de Ciencias Económicas.

Bustamante, 1980. Efectos económicos del papel moneda durante la Regeneración. Medellín, Editorial Lealon.

Caballero, Enrique. 1981 [1970]. *Historia económica de Colombia*. Bogotá, Printer Colombiana.

Gallo, Carmenza. 1974. *Hipótesis de la acumulación originaria de capital en Colombia*. Medellín, La Pulga.

Duncan, Gustavo. 2015 [2006]. *Los señores de la guerra. De paramilitares, mafiosos y autodefensas en Colombia*. Bogotá, Debate.

Echandía, Camilo. 'Expansión de las guerrillas colombianas'. *Reconocer la guerra para construir la paz*. Bogotá, Universidad de Los Andes-CEREC-Norma.

Henderson, James. 2006 [2001]. *La modernización en Colombia. Los años de Laureano Gómez 1889-1965*. Medellín, Universidad de Antioquia.

Jaramillo, Samuel y Luis Mauricio Cuervo, 1987. *La configuración del espacio regional en Colombia*. Bogotá, Universidad de Los Andes.

LeGrand, Catherine. 1984. 'De las tierras públicas a las propiedades privadas: acaparamiento de tierras y conflictos agrarios en Colombia. 1870-1936'. *Revista Lecturas de Economía*. Núm. 13. Pp. 13-50.

LeGrand, Catherine. 1986. 'Los antecedentes agrarios de la violencia: el conflicto social en la frontera colombiana, 1850-1936'. *Pasado y presente de la violencia en Colombia*. Bogotá, CEREC.

LeGrand, Catherine. 1988. *Colonización y protesta campesina en Colombia (1850-1950)*. Bogotá, Universidad Nacional de Colombia.

LeGrand, Catherine. 1994. 'Colonización y violencia en Colombia: perspectivas y debate'. *El agro y la cuestión social*. Bogotá, Tercer Mundo-Caja Agraria-Banco Ganadero-VECOL.

Revéiz, Edgar. 1997. *El Estado como mercado. La gobernabilidad política y económica en Colombia*. Bogotá, FONADE-Carlos Valencia.

Reyes, Alejandro. 1997. 'Compra de tierras por narcotraficantes'. *Drogas ilícitas en Colombia. Su impacto económico, político y social*. Bogotá, PNUD.

Reyes, Alejandro y Ana María Bejarano. 1989. 'Conflictos agrarios y luchas armadas en la Colombia contemporánea: una visión geográfica'. *Análisis político*. Núm. 5. Pp. 6-27.

Uribe, María Victoria. 1978. *Matar, rematar y contramatar. Las masacres de la Violencia en el Tolima, 1948-1964*. Bogotá, CINEP.

[yo.soy.tus.presunciones@gmail.com](mailto:yo.soy.tus.presunciones@gmail.com)

## PROJETOS PRIORITÁRIOS DO EIXO DE CAPRICÓRNIO E A PROPOSTA DE INTEGRAÇÃO REGIONAL FEITA PELO COSIPLAN/IIRSA.

Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz  
Doutoranda em Geografia  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP)  
Presidente Prudente, São Paulo – Brasil

### 1. Breve contextualização sobre a criação do COSIPLAN/IIRSA e o Eixo de Capricórnio.

No contexto do regionalismo aberto, criada no ano de 2000, a Iniciativa para a Integração Regional Sul-Americana (IIRSA), surgiu na América do Sul com o objetivo de contribuir para o fomento da integração física no subcontinente, através do incremento técnico e ampliação das redes de transportes, energia e comunicações. Inserida em um novo cenário geopolítico e econômico do surgimento de novos atores e potências regionais sob a demanda crescente de exportação de *commoties* para a Ásia (Porto-Gonçalves e Quental, 2012). Isso porque até a entrada do século XXI, a geopolítica era marcada pela extensão, pela contigüidade, e afirmação dos estados nacionais, a partir daí, com a expansão das redes globais e a conformação cada vez mais veloz de diferentes tipos de fluxos, a integração passa a ser vista como algo necessário para o fortalecimento da economia (Egler, 2014).

Para Benedetti (2014), a IIRSA surge, portanto, como um imperativo da integração dos mercados nacionais no intuito de buscar a articulação dos espaços pouco conectados, daí a proposição dos dez Eixos de Integração e Desenvolvimento (EIDs) para construção de novas infraestruturas ou adequação das já existentes. O critério para formação dos eixos é a existência e o potencial de fluxos nos pontos de maior atratividade do território sul-americano para o estabelecimento de trocas comerciais, dando ênfase nos projetos macrorregionais que abrangem todos os modais para a integração física da rede de circulação subcontinental (Costa, 2009).

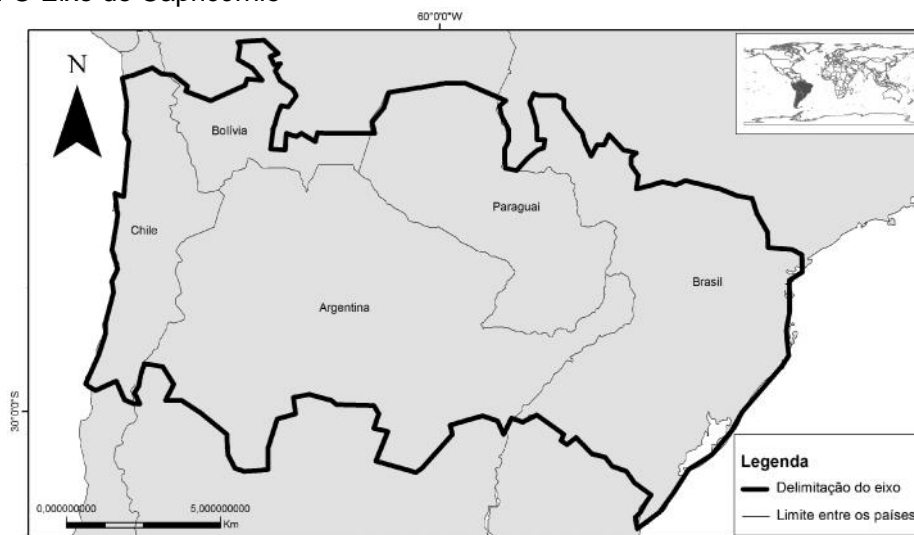
Após o advento dos governos de esquerda na América do Sul, tendo como a principal figura o governo Lula, no Brasil, as discussões acerca da integração regional sul-americana ganharam um novo conteúdo político, dando origem a acordos de cunho pós-liberal, sendo o principal exemplo na América do Sul, a União das Nações Sul-Americanas (Unasul), criada em 2008 (Sanahuja, 2008). Três anos após a criação da Unasul, a IIRSA foi inserida no COSIPLAN, que passou a ser chamada de COSIPLAN/IIRSA. Isso ocorreu justamente porque a criação da Unasul não significou um abandono das iniciativas anteriores, mas a busca pelo fomento da cooperação entre os países em outros campos, além do comercial (Lima, 2008).

Com o COSIPLAN/IIRSA foi inaugurada uma nova fase de desenvolvimento dos projetos, sobretudo pela criação dos fóruns entre os países, a partir dos quais foi criado o fórum como espaço de diálogo para discutir questões específicas dos eixos, projetos e obras de infraestrutura, o que deu maior respaldo às cooperações binacionais. Em função disso, o COSIPLAN/IIRSA faz parte de uma estratégia de regionalização para o incremento técnico infraestrutural no território sul-americano, em que um dos principais objetivos é alcançar maior fluidez territorial a fim de contribuir com o aumento dos fluxos, diminuir os custos com a produção de mercadorias, tornando-as mais competitivas no comércio internacional.

Para otimizar o desenvolvimento dos projetos, o COSIPLAN/IIRSA propôs a regionalização da América do Sul em dez Eixos de Integração e Desenvolvimento (EIDs), cujos critérios de formação, são os seguintes: as características demográficas, econômicas e produtivas de cada área que apresentam necessidades específicas quanto à dinamização

dos fluxos e a implantação de novos fixos. Dentre os EIDs, está o Eixo de Capricórnio, composto por Argentina, Brasil, Bolívia, Chile e Paraguai, como mostra o mapa 1.

Mapa 1: O Eixo de Capricórnio



Fonte: IIRSA, 2015.

Elaboração: Autora, 2015.

Caracterizado por uma área de dispersão territorial, produtora de *commodities* e de limitada rede de transportes (IIRSA, 2015), o objetivo do Eixo de Capricórnio é facilitar a exportação de produtos primários para os mercados internacionais, por isso 88,2% dos projetos são relacionados à infraestruturas de transportes, sendo que a maior parte deles corresponde ao modal ferroviário (COSIPLAN/IIRSA, 2013). Arroyo (2015) usando como referência Gottman, afirma que para explorar um recurso e utilizá-lo economicamente é preciso deslocá-lo, a autora menciona, a partir disso, a importância das infraestruturas que compõe uma rede técnica, atribuindo a localização, maior competitividade em relação aos demais, tornado-se por isso mais atrativa.

Ao contrário, a escassez de infraestruturas de transportes acompanhada da deterioração das infraestruturas existentes dificultam a fluidez territorial. Fluidez que é fundamental, de acordo com Silva Júnior (2009), para a reprodução do capital, a qual requer investimento em novos aparatos infraestruturais e ampliação dos fixos para atender os fluxos. No caso do Eixo de Capricórnio, os fluxos observados para a elaboração dos projetos são aqueles relacionados à exportação de *commodities*, sobretudo grãos, carnes e minerais (COSIPLAN/IIRSA, 2013), que são as principais mercadorias produzidas na área delimitada.

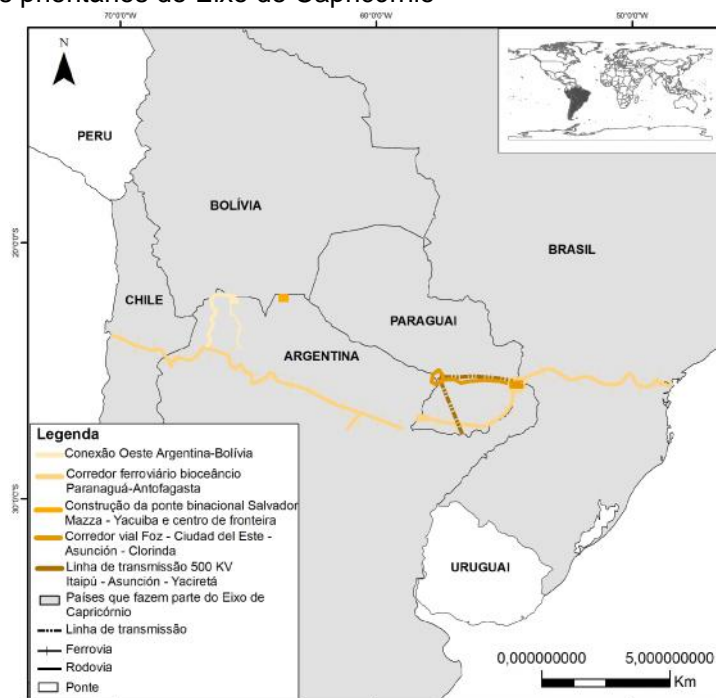
De acordo com os dados da Cepal (2014), dos países que fazem parte do Eixo de Capricórnio, no ano de 2013, todos tiveram maior porcentagem de exportação de produtos primários do que de produtos manufaturados, sendo o Brasil, o país com menor porcentagem de exportação de produtos primários, 63,6%, e a Bolívia, o país com maior porcentagem de exportação de produtos primários, 96,6%. Embora este texto se trate especificamente dos países do Eixo de Capricórnio, é importante ressaltar que os principais produtos de exportação na América do Sul são os produtos primários, herança que vem desde o período colonial, e que perdurou ao longo do tempo, sendo reforçada com a reprimarização da economia devido a demanda crescente de *commodities*, sobretudo da China (Lamoso, 2012).

## 2.Características dos projetos prioritários do Eixo de Capricórnio

Dentre os projetos que compõem o Eixo de Capricórnio, existem aqueles que estão inseridos na Agenda de Projetos Prioritários de Integração (API). Para ser incluído na API, os projetos devem atender os seguintes requisitos: prioridade para os governos dos países envolvidos; alcance regional e fronteiriço; perfil coerente com o desenvolvimento sustentável. Embora este último requisito esteja estabelecido nos documentos oficiais do COSIPLAN/IIRSA, os projetos, muitas vezes são alvo de críticas, com a crítica feita por Porto-Gonçalves e Quental (2012), que ao se referirem dos projetos incluídos no portfólio da IIRSA afirmam que “esses processos de construção de infraestrutura para a região têm sido marcados por uma lógica territorial que concebe grandes áreas do espaço geográfico sul-americano como sendo ‘vazios demográficos’” (Porto-Gonçalves e Quental, 2012). Os autores mencionam ainda, que essa visão deixa de considerar a biodiversidade e as comunidades tradicionais, gerando conflitos territoriais (Porto-Gonçalves e Quental, 2012).

Os projetos do Eixo de Capricórnio inclusos na API estão apresentados no mapa 2, são eles: Construção da Ponte Binacional Salvador Mazza – Yacuiba e Centro de Fronteira entre Bolívia e Argentina; Conexão Oeste Argentina-Bolívia; Corredor Ferroviário Bioceânico Paraguaguá-Antofagasta; Linha de transmissão 500 KV (Itaipu – Asunción – Yacyretá); Conexão Vial Foz - Ciudad del Este – Asunción – Clorinda.

Mapa 2: Projetos prioritários do Eixo de Capricórnio



Fonte: COSIPLA/IIRSA, 2013

Elaboração: Autora, 2015

Dos cinco projetos apresentados no mapa 2, apenas 1 não está relacionado ao setor de transportes, que é o projeto da “Linha de transmissão KV (Itaipu – Asunción – Yacyterá)”, cujo objetivo é construir uma linha de transmissão, visando a segurança energética no Paraguai, além de promover o intercâmbio de energia entre este país e a Argentina e abastecer as cidades dos três países envolvidos no projeto (Argentina, Brasil e Paraguai) (COSIPLAN/IIRSA, 2013).

Os demais projetos são voltados aos transportes, sendo dois deles específicos do modal rodoviário, a saber: “Construção da Ponte binacional Salvador Mazza – Yacuiba e centro de fronteira entre Bolívia e Argentina” e “Conexão Vial Ciudad del Este – Asunción – Clorinda”. O primeiro, em fase de execução, objetiva facilitar a circulação entre Argentina e Bolívia, através da construção de uma nova ponte internacional para diminuir o

congestionamento existente na atual ponte “Yasma”, em que há problemas relacionados ao tráfego intenso. O projeto de construção da nova ponte propõe integrar o principal corredor vial entre Argentina e Bolívia que vinculam a província de Salta, na Argentina, com os departamentos do sudeste da Bolívia, que possui um único corredor de transporte até Cochabamba e La Paz; devido a importância do projeto ele está incluído tanto no Plano Estratégico Territorial da Argentina, como no Plano de Desenvolvimento da Bolívia (IIRSA, 2015). O segundo projeto, “Conexão Vial Foz - Ciudad del Este – Asunción – Clorinda” está em fase de pré-execução, objetiva dinamizar as atividades econômicas que acontecem na região metropolitana de Asunción e da tríplice fronteira até Clorinda, na Argentina, através de uma proposta de integração física que busca dinamizar futuramente os fluxos entre os três países, sobretudo entre o estado do Paraná e o Paraguai.

O projeto “Conexão Oeste Argentina-Bolívia” é composto por subprojetos voltados tanto para o modal rodoviário, como para o modal ferroviário, que estão em etapa de pré-execução, visando: reabilitação de tramo ferroviário, construção de ponte e centro de fronteira, pavimentação de rodovia, e construção de um nó de integração multimodal (que estimule o desenvolvimento de atividades produtivas na região e evite a circulação de caminhões de cargas em vias urbanas das cidades fronteiriças) (IIRSA, 2015). Assim como no caso do projeto de “Construção da Ponte bionacional Salvador Mazza – Yacuiba e centro de fronteira entre Bolívia e Argentina” e de construção da “Nova ponte porto Presidente Franco – Porto Meira, com área de controle integrado Paraguai-Brasil”, para melhor atender o tráfego já existentes nas pontes de “Yasma” e da “Amizade”, a construção da “Ponte e centro de fronteira La Quiaca – Villazón” tem o mesmo objetivo.

Dos cinco projetos do Eixo de Capricórnio que estão inseridos na API, apenas o projeto de construção do “Corredor ferroviário bioceânico Paranaguá-Antofagasta” que está em execução é, exclusivamente, composto por subprojetos do modal ferroviário, no entanto, este é o de maior impacto para a integração regional.

O único país do Eixo de Capricórnio que não compõe diretamente o projeto é a Bolívia, no entanto o objetivo do projeto é que os impactos alcancem não só os países que fazem parte diretamente do projeto, mas toda a rede de transportes sul-americana para melhoria da fluidez do transporte de cargas mercados internacionais pelos oceanos Atlântico ou Pacífico. Um dos principais objetivos é diminuir os custos logísticos, já que propõe a construção de um corredor ferroviário que interliga o litoral paranaense no Brasil, passando pelo Paraguai e o norte argentino, ao litoral chileno. A partir da construção do corredor ferroviário bioceânico, por exemplo, para países como o Brasil ou Chile que contam com a possibilidade de escoamento de suas mercadorias apenas pelos oceanos do litoral de seus territórios, e, principalmente, para os países como a Bolívia e o Paraguai que não tem litoral, esse projeto possui grande importância (Ceceña e Motto, 2005).

Dos nove sub-projetos que compõem o corredor, apenas um está concluído, que é o tramo chileno Antofagasta-Socompa. Quanto aos tramos localizados na Argentina e no Brasil, embora ainda não estejam concluídos, os respectivos subprojetos estão em andamento. A preocupação é com o tramo localizado em território paraguaio pois o país apresenta dificuldades de financiamento para prosseguir com o subprojeto, um agravante é que enquanto em outros países a malha ferroviário em sua maior parte deve ser adaptada, as obras no Paraguai precisam ser construídas devido à falta de infraestrutura pré-existente no país. Como alternativa, o Paraguai busca firmar acordos com os Argentina, Brasil e Chile justificando que a construção de seu tramo terá impactos significativos a nível internacional, maiores do que os custos necessários para construí-lo, por este argumento os demais países teriam maiores benefícios que o próprio Paraguai<sup>1</sup>.

### **3.Considerações finais**

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada em 25/06/2015 com o Sr. Patricio Mansilla, membro do Comitê de Coordenação Técnica da IIRSA e funcionário do BID, na cidade de Santiago, Chile.

Os projetos de integração regional propostos no âmbito do COSIPLAN/IIRSA através da ampliação das infraestruturas de transportes, estão relacionados a dialética entre fixos e fluxos, discutida por Santos (2008). Embora haja menção acerca da importância dos projetos também para a mobilidade de pessoas, este fato pouco é mencionado.

A integração regional através dos transportes neste contexto, se reduz, portanto, para fins de circulação de mercadorias, e é sobre este argumento que está pautada a demanda pela diminuição do descompasso entre fixos e fluxos no eixo de Capricórnio. Contraditoriamente, a proposição dos projetos prioritários tem pouca articulação com os projetos locais. Dessa maneira, uma rede de transporte internacional é proposta a fim de se sobrepor a redes locais sem que haja uma correlação direta entre os projetos. O projeto do Corredor ferroviário bioceânico Paranaguá-Antofagasta é um exemplo disso, apesar de sua importância na rede de transportes sul-americana, sua interligação com outros projetos e com infraestruturas locais existentes nos países não possui a mesma importância nos documentos oficiais do COSIPLAN/IIRSA.

#### 4.Referências bibliográficas

- ARROYO, M. Redes e circulação no uso e no controle do território. In: ARROYO, M; CRUZ, R. de C. A. da (orgs.). **Território e circulação: a dinâmica contraditória da globalização**. São Paulo: FAPESP/PPGH/CAPES/Annablume Geografias, 2015, p. 37-49.
- BENEDETTI, A. Espacios fronterizos del sur sudamericano. Propuesta de un modelo conceptual para su estudio. In: **Estudios Fronterizos**. vol 15, n. 29, 2014, p. 11-47.
- BLANCO, J. Territorio, circulación y redes: articulaciones y tensiones. In: ARROYO, M; CRUZ, R. de C. A. da (orgs.). **Território e circulação: a dinâmica contraditória da globalização**. São Paulo: FAPESP/PPGH/CAPES/Annablume Geografias, 2015, p. 15-36.
- CECEÑA, A. E.; MOTTO, C. E. **Paraguay: Eje de la dominación del Cono Sur**. 1. Ed. Buenos Aires: Observatório Latino-americano de Geopolítica, 2005.
- CEPAL. **Anuario Estadístico de América Latina y el Caribe**. Santiago: Naciones Unidas, 2014.
- COSIPLAN. **Agenda de proyectos prioritarios de integración**. Santiago: Cosiplan, 2013.
- COSTA, Wanderley Messias da, « **O Brasil e a América do Sul: cenários geopolíticos e os desafios da integração** », *Confins* [Online], 7 | 2009, posto online em 28 Outubro 2009, Consultado em 12 Julho 2014. URL : <http://confins.revues.org/6107> ; DOI : 10.4000/confins.6107
- EGLER, C. A. G. **Mercosul: um território em construção?** Disponível em: < <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n1/a13v58n1.pdf>>. Acesso em 29 de junho de 2014.
- LAMOSO, L. P. “Neodesenvolvimentismo” brasileiro: implicações para a integração regional no âmbito do Mercosul. In: **Sociedade e Natureza**. Uberlândia, ano 24, n. 3, 2012, p. 391-404.
- LIMA, M. R. S. de. Relações interamericanas: a nova agenda sul-americana e o Brasil. In: **Revista Lua Nova**. São Paulo, 2013, p. 167-201.
- PORTO-GONÇALVES, C. W.; QUENTAL, P. A. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. In: **Revista Polis**, n.31, 2012, p. 1-28. Disponível em: [polis.revues.org/3749](http://polis.revues.org/3749). Acesso em 25 de setembro de 2015.
- SANAHUJA, J. A. La construcción de una región: Suramérica y el regionalismo posliberal. In: CIENFUEGOS, M; SANAHUJA, J. A (org.). **Una región en construcción. Unasur y la integración en América del Sur**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2010, p. 87-134.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SILVA JÚNIOR. Roberto França da. **Circulação e logística territorial: a instância do espaço e a circulação corporativa**. 374 f. Universidade Estadual Paulista: Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2009.

**Correio eletrônico: [d.dayana@hotmail.com](mailto:d.dayana@hotmail.com)**



## A GEOPOLÍTICA DA CRISE: CRISE ECONÔMICA E AS MUDANÇAS NO ESPAÇO MUNDIAL

**Fernando dos Santos Sampaio**

Doutor em geografia humana pela Universidade de São Paulo

**Marlon Clovis Medeiros**

Doutor em geografia humana pela Universidade de São Paulo

Professores do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Francisco Beltrão-PR, Brasil.

O ano de 2008 marcou os debates acadêmicos e jornalísticos como a ocorrência da maior crise econômica ocorrida no mundo desde 1929. O estouro da bolha imobiliária norte-americana e a expansão da crise para o restante do mundo pela comercialização dos “papéis tóxicos” subprime bem como a contração do mercado norte-americano e europeu colocaram a atual crise como um problema que atinge todo o globo e não apenas o seu epicentro.

Algumas explicações buscam mostrar a crise como uma anomalia dentro do sistema capitalista, seja por uma falta de regulamentação da circulação de títulos financeiros que circulam o mundo (como em geral as correntes keynesianas analisam), sejam pelo excesso de ações estatais que impedem a ação do livre mercado, levando assim à crise (como as correntes neoliberais apregoam)<sup>1</sup>.

O presente trabalho buscando outra matriz explicativa, toma como pressuposto a existência de um mecanismo cíclico do processo de acumulação capitalista e que, portanto, as crises não são anomalias, mas parte componente, intrínseca e inseparável do próprio mecanismo de acumulação<sup>2</sup>. Conhecido o mecanismo das crises os Estados centrais buscam estratégias para que seja possível a saída da crise e o início de um novo processo de crescimento. A volta do crescimento, no entanto, nem sempre se dá nas nações até então hegemônicas o que faz com que tais estratégias tenham o seu componente econômico (ou geoeconômico), ao mesmo tempo que também se manifesta do ponto de vista geopolítico, buscando manter sua hegemonia no sistema capitalista mundial. Assim, discute-se os três aspectos centrais para o entendimento das características geopolíticas da crise: a financeirização, a questão tecnológica e as ações geopolíticas.

### 1. A financeirização e o longo processo da crise

A explicação da crise econômica internacional atual, não deve ser buscada isoladamente no mercado imobiliário e acionário dos Estados Unidos em 2008. A crise é consequência de um longo processo de reestruturação econômica em resposta à fase b do 4º ciclo de Kondratieff, marcado pela crise do petróleo de 1973. As baixas taxas de crescimento dos setores produtivos nos países avançados e a redução destas como parcela do PIB desde a década de 1960 levaram ao paulatino crescimento do setor de serviços e da esfera financeira. Como estratégia da retomada hegemônica dos EUA impôs-se uma série de medidas financeiras ao resto do mundo, rompendo com o pacto de Breton Woods e levando a uma desregulamentação financeira iniciada nos anos 1980 e radicalizada nos 1990.

Na década de 1990 o processo avança aceleradamente. A interligação eletrônica de bolsas e dos mercados financeiros, os mercados de futuros, o crescimento dos fundos de investimentos, as novas formas de contabilidade e distribuição dos lucros baseados em expectativas futuras, levaram ao crescimento sem precedentes da financeirização e seu descolamento dos setores

---

<sup>1</sup> Uma série de livros foram publicados tratando sobre a crise de 2008, não se pretende neste momento fazer uma revisão exaustiva de bibliografia, mas algumas obras em que se baseou para as informações sobre o tema no presente trabalho são: BELUZZO, 2009; KRUGMAN, 2009; NAPOLEONI, 2010; REINHART e ROGOFF, 2010; STIGLITZ, 2010; DIEGO, 2010; MÉSZÁROS, 2011; ZIZEK, 2011; HARVEY, 2012; e KRUGMAN, 2014.

<sup>2</sup> Entre outras obras, nos baseamos em RANGEL, 2005 e MAMIGONIAN, 2005.

produtivos. Tradicionalmente, os investimentos financeiros lucravam com os setores produtivos nos quais investiam, agora, os setores produtivos só lucram com as maquinações financeiras tal qual Lenin apontou um século atrás.

Como consequência a esfera financeira se tornou muito maior que setor real- vide mercado de divisas nas bolsas de futuros. Os investimentos produtivos representam hoje pequena parcela dos investimentos totais nos países desenvolvidos. Com isso, mesmo se ocorrerem grandes blocos de investimentos em ativos físicos, serão movimentados pequenos volumes financeiros.

Nos países desenvolvidos, o pólo de poupança é muito maior que o pólo de investimentos. Na verdade, os países mais ricos conseguiram drenar a poupança formada em países emergentes para consumi-la de forma improdutivo: cobrir déficits em transações correntes e na balança comercial; financiar o consumo a juros baixos; manter as taxas de lucro dos monopólios e os subsídios aos seus setores produtivos estagnados.

Para o desejado funcionamento deste mecanismo era necessário que houvesse uma abertura econômica a nível mundial, já que no pós II Guerra foi comum aos países manterem um certo protecionismo de mercado e economias relativamente fechadas. A vitória norte-americana na Guerra Fria e o fim da URSS possibilitou uma ação mais agressiva por parte dos EUA para expandir suas áreas de interesse, seja por meio do *soft power*<sup>3</sup> (ação por meio das ideologias sociais, culturais, ONGs, “jornalismo econômico” pago, financiamento de grupos opositores etc.) ou mesmo do *hard power* (as invasões propriamente ditas, como as ocorridas no Oriente Médio e Iugoslávia nos anos 1990). A ideologia da globalização “naturalizou” a expansão das políticas neoliberais para os países periféricos, possibilitando a compra de ativos por meio de uma forte internacionalização de empresas industriais privadas ou estatais e o próprio mecanismo da desregulamentação que possibilitou a entrada no processo de financeirização mundial.

A evolução dos mecanismos financeiros de alavancagem e reprodução de moeda levou a que não haja problemas para **geração de recursos** para investimentos. O problema está nas **oportunidades** de investimentos a taxas de retorno compatíveis com os volumes financeiros. Isto levou a ocorrência de sucessivas bolhas na década de 1990 nos países subdesenvolvidos (Brasil, México, Rússia, Argentina, Tailândia, entre outros). Em seguida ocorre a bolha das empresas de internet, chamadas de “nova economia”. Investimentos começam a migrar para ativos reais, especialmente commodities minerais, energéticas e alimentos (ferro e aço, petróleo, gás, soja, milho etc). Isto impõe a dinâmica financeira dos mercados futuros sobre commodities tradicionais. Ocorre inflação de expectativa e de preços.

A estratégia de crescimento pela via financeira<sup>4</sup> baseado em crescentes déficits cobertos via endividamento, emissões de títulos da dívida pública, e especulação financeira se revelou insustentável e exige uma mudança estrutural profunda e uma nova **destruição criadora** que possa mobilizar grandes blocos de investimentos, gerar empregos e mudar a matriz energética e econômica, ainda da II revolução industrial.

Este quadro teve como resultado:

1. Bolhas cada vez mais constantes e intensas;
2. Crescentes déficits comerciais e endividamento externo dos países desenvolvidos;
3. Maior acumulação de reservas em países emergentes com alto nível de industrialização (China, Coreia do Sul), e em países ricos em recursos naturais (Brasil, Rússia, Venezuela, países do Oriente Médio).

Assim as características de “maturidade econômica” dos países desenvolvidos revelaram-se uma armadilha. A Alemanha parece não ter sentido tanto a crise porque justamente mantém um setor industrial como parte importante de sua economia. As medidas tomadas tanto pelos EUA quanto pela União Europeia só recriam as condições do problema.

## 2. A questão tecnológica e a longa crise

<sup>3</sup> Para maiores detalhes de tais políticas ver MONIZ BANDEIRA, 2013; PERKINS, 2005 e KLEIN, 2008.

<sup>4</sup> Sobre a financeirização ver CHESNAIS, 2005; DICKEN, 2010 e LENIN, 2011.

O desenvolvimento tecnológico dos setores de bens de capital, de eletrônica digital, química e farmacêutica não mais viabilizou retornos crescentes aos grandes volumes de capital financeiro à procura de oportunidades de investimentos. Além disso, os avanços tecnológicos propiciaram economia de capital (como ensinou Marx<sup>5</sup>), e não maior volume de investimentos aplicados. Logo, num contexto de baixo crescimento produtivo, **a economia de capital é recessiva**. O desenvolvimento tecnológico que deveria poupar os recursos naturais e energéticos, pouco avançou, enquanto os recursos financeiros abundantes não conseguem aplicações lucrativas duradouras.

Os monopólios retardaram a busca de tecnologias revolucionárias de fundo e impulsionaram inovações no “topo” como telecomunicações, eletrônica digital, química fina, processos industriais e automação, medicina e biotecnologia. O lento desenvolvimento de novos materiais que economizariam matérias-primas e a estagnação da inovação em **energias revolucionárias para produção e transporte** retardam uma III revolução industrial. A última grande inovação nos transportes foi a aviação de grande capacidade de carga e de longas distâncias, que data da II Guerra Mundial. A energia nuclear se mostrou muito cara e perigosa.

A II guerra mundial originou uma destruição criadora que possibilitou a extensão do padrão tecnológico da II revolução industrial, com inúmeras inovações importantes, mas sobre as mesmas bases energéticas. Desde a crise do petróleo, as taxas de lucro dos setores produtivos se demonstraram inferiores ao setor financeiro, desestimulando grandes blocos de inovações radicais.

Atualmente a busca de fontes de energia limpas e renováveis e a adoção de métodos menos poluentes na produção tem se mostrado como uma possibilidade de retomada do crescimento por via das inovações. Em geral a “preocupação ecológica” é ainda muito embrionária do ponto de vista produtivo, mas tem ganhado adeptos nos países desenvolvidos.

### 3. As consequências geopolíticas da crise

A crise tem várias consequências espaciais importantes, especialmente visto que ela se expande a partir dos países centrais do capitalismo, e atinge diferentemente o restante do mundo.

Em períodos de crise as grandes potências aumentam os conflitos entre si e a agressividade contra os países menores. No contexto de falta de novos campos de investimentos lucrativos e de baixo dinamismo tecnológico ocorre a tentativa de saída conservadora da crise.

Após 2001 ocorre mudança na geopolítica<sup>6</sup> mundial, com o início da crise nos EUA, os atentados de *11 de Setembro*, a invasão do Afeganistão e do Iraque pelos Estados Unidos e seus aliados. Estes fatos abalam a hegemonia norte-americana que vinha desde o fim da URSS. O sucesso da União Europeia leva a que os interesses europeus se distanciem dos EUA, com exceção da Inglaterra.

Assim, a Alemanha, principal potência da UE retira o apoio à guerra no Iraque após a crise econômica. A crise agrava disputas internas na UE, como França X Alemanha.

O governo conservador de Sarkozy na França reacende questões expansionistas e de hegemonia militar internacional. Aprofundamento da crise e aumento dos custos da importação de energia fez soar o alarme na Europa: **necessidade de retomar a influência política internacional**. Em 2009 a UE aprova nova adesão a OTAN com liderança da França. Em 2011 as crises políticas no norte da África deram a oportunidade para tomar ações mais extremas, como o bombardeio da Líbia liderado pela França.

Isto se situa numa questão geopolítica central: a disputa das potências mundiais por áreas de influência para exploração de energia e produção alimentar no contexto da crise mundial. A Europa sente perda de influência geopolítica que se aprofunda com crise econômica. Assim a crise política do Norte da África, que ficou popularmente conhecida como “Primavera Árabe”, se

<sup>5</sup> Apesar da discussão sobre tecnologia aparecer em diversas de suas obras aqui indicamos MARX, 1985.

<sup>6</sup> Entre os textos utilizados para tratar da questão geopolítica estão: ARRIGHI, 2008; BONIFACE e VENDRINE, 2009; MAMIGONIAN, 2002; SANTOS, 2003; FIORI, 2007; FONTANA, 2011; CAMPOLINA, e DINIZ, 2014 e MONIZ BANDEIRA, 2013.

configurou em oportunidade de retomar o controle de sua tradicional área de influência. Países europeus sempre mantiveram influência econômica indireta sobre as ex-colônias africanas: compra de petróleo, ouro, diamantes, etc, venda de armas aos governos nativos, assessorias e empréstimos a governos etc. Há intensa migração de norte-africanos para a Europa, especialmente França, Espanha e Itália.

Outras regiões já estão fora de seu alcance: O Oriente Médio permanece área de influência dos Estados Unidos; a Ásia Central é disputada por Rússia, China e Estados Unidos; A América Latina é uma área independente na qual Estados Unidos tenta se impor; o Irã permanece independente, mas com boas relações com a China.

No caso latino americano o início dos anos 2000 foram marcados pela emergência de novos governos que buscavam defender os interesses nacionais. O fracasso das políticas neoliberais na região levou ao governo políticos com um viés nacionalista e com tendências à esquerda. Os casos mais marcante foram o da Venezuela com Hugo Chavez e da Bolívia com Evo Morales, que levaram adiante uma política de re-nacionalização das empresas de petróleo e gás. Também houve governos progressistas nos governos do Paraguai, Equador, Peru, Brasil, Argentina e Chile. As estratégias americanas na região tornaram-se mais intensas nos meados da década de 2010, incentivando grupos opositores ou mesmo “golpes constitucionais” como o ocorrido no Paraguai e o que vem ocorrendo no Brasil.

Do ponto de vista geopolítico e geoeconômico o crescimento econômico chinês e o ressurgimento da Rússia como potência trouxeram alguns problemas extras para a tentativa de retomada da hegemonia por parte dos EUA.

O crescimento da China levou ao aumento do consumo de combustíveis, minerais e aço, acirrando a disputa pela influência sobre os países produtores (Venezuela, Irã, países africanos, Ásia Central). O aumento dos preços e do consumo mundial de petróleo na primeira década do século XXI aumentou a incerteza sobre o domínio destas fontes. No mesmo período, o retorno da Rússia como potência aumenta disputas na Ásia Central. As ações da China na África e a aproximação com países latino-americanos por meio de investimentos ou acordos em blocos (como o dos BRICS) mostram uma disputa de influências com os EUA em “seu próprio quintal”. No caso da Europa e Ásia Central a Rússia se mostrou bastante resistente à expansão dos interesses da OTAN na região, levando adiante ações bélicas no Cáucaso e na Ucrânia.

Novas tecnologias de extração de petróleo e gás e os investimentos em fontes energéticas alternativas, além do controle americano de boa parte da produção petrolífera do Oriente Médio, possibilitou uma vertiginosa queda do preço do petróleo em meados dos anos 2010, o que enfraqueceu a Rússia, a Venezuela e o Irã.

A ação geopolítica estadunidense para a saída da crise já vem ocorrendo em diversas áreas do globo. Os conflitos decorrentes da necessidade de mudança já vem se manifestando:

a) **No interior dos países desenvolvidos:** ocorrem disputas pelo controle da política econômica e pela tensão entre gastos sociais e proteção das grandes fortunas. Grandes manifestações vem ocorrendo e crescendo em diversos países (Inglaterra, França, Espanha, Itália, Grécia), desembocando em conflitos violentos, distúrbios, saques, violenta repressão policial.

b) **No plano internacional:** ocorre crescente tensão e disputa nos órgãos multilaterais (FMI, ONU, Banco Mundial, blocos regionais) e acordos comerciais entre países emergentes e países desenvolvidos. Os países emergentes reivindicam espaço de decisão compatível com seu crescimento econômico na última década. Países desenvolvidos reativam imperialismo “à moda antiga” sobre países pequenos com recursos energéticos e minerais (Irã, Líbia, Ucrânia, Síria, Venezuela).

c) **Na União Europeia:** crescem as disputas entre os países membros. Divergências quanto à ajuda aos países em crise, e quanto ao controle do parlamento e do Banco Central Europeu. A França luta para manter a diretoria do FMI e para ampliar seu papel militar internacional. O crescimento alemão reascende ciúmes franceses. União Europeia busca fortalecer identidade própria e afastar seus interesses da liderança dos EUA. Os conflitos do Oriente Médio trazem o problema dos refugiados e um grande fluxo

migratório para os países europeus, esse fato aumenta os problemas da xenofobia e do fortalecimento de grupos neonazistas nos países mais desenvolvidos da região.

d) **Nos Países emergentes:** ocorre aprofundamento dos laços políticos e comerciais entre si. Países com grandes territórios, recursos e população tem melhores condições de cuidar das exportações e do mercado interno ao mesmo tempo, e manter superávits comerciais, como China, Rússia, Brasil, Índia e até mesmo Argentina e África do Sul. No entanto a ação dos EUA em buscar acordos bilaterais e em desestabilizar os governos nacionalistas da região colocam em novo patamar as ações conjuntas que esses países tem condições de levar adiante.

Assim, o entendimento da crise enquanto momento de um ciclo não a coloca como um problema menor e momentâneo. As ações dos países centrais, no momento em especial a ação dos EUA, tem repercussão direta sobre os demais países do globo. São nos momentos de crise que as nações hegemônicas se tornam mais agressivas e belicistas e, portanto, não se pode deixar de lado as consequências geopolíticas das políticas de retomada de crescimento e manutenção do poder hegemônico. A noção de crise como mera anomalia dentro do sistema capitalista ou mesmo a ideia de uma crise final que porá fim ao capitalismo são pressupostos que não explicam a dimensão da crise atual e muitas vezes levam a debates com pouco sentido prático ou teórico.

## REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: Origens e Fundamentos do Século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008.

BELUZZO, L. G. Os antecedentes da tormenta: origens da crise global. São Paulo:Ed. Unesp, 2009.

BONIFACE, P. e VENDRINE, H. Atlas do Mundo Global. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CAMPOLINA, B. E DINIZ, C. C. Crise global, mudanças geopolíticas e inserção do Brasil. Revista de Economia Política, vol. 34, nº 4 (137), pp. 638-655, outubro-dezembro/2014

CHESNAIS, François. A Finança Mundializada. São Paulo: Boitempo, 2005.

DICKEN, Peter. Mudança Global: mapeando as novas fronteiras da economia mundial. Porto Alegre: Bookman, 5ª ed. 2010.

DIEGO, A. F. et al Las Crisis a lo largo de la historia. Valladolid:Universidad de Valladolid, 2010.

FIORI, J.L. O Poder Global e a Nova Geopolítica das Nações. São Paulo:Boitempo Editorial, 2007.

FONTANA, J. El futuro es un país extraño: reflexión sobre la crisis social de comienzos del siglo XXI. Barcelona:Pasado&Presente, 2011.

HARVEY, D. O Enigma do Capital e as crises do capitalismo. São Paulo:Boitempo, 2012.

KLEIN, N. A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre. Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 2008.

KRUGMAN, P. A crise de 2008 e a economia da depressão. Rio de Janeiro:Campus, 2009.

KRUGMAN, Paul. ¡Acaba ya com esta crisis! Barcelona:Ediciones Crítica, 2014.

LENIN, Vladimir Ilitch. Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo. Campinas: Unicamp, 2011.

MAMIGONIAN, A. Estudos de Geografia Econômica e de Pensamento Geográfico. Livre Docência: FFLCH-USP, 2005.

MAMIGONIAN, Armen. A Reconfiguração do Mundo e os Conflitos Atuais. In: XIII Encontro Nacional de Geógrafos, João Pessoa, 2002.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. (Os Economistas - vol. I a V) São Paulo, Nova Cultural, 1985.

MÉSZÁROS, I. Uma crise estrutural necessita de mudança estrutural. Margem Esquerda, 17. nov/2011.

MONIZ BANDEIRA, L. A. A Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos – Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NAPOLEONI, L. La Mordaza: las verdaderas razones de la crisis mundial. Barcelona:Paidós, 2010.

PERKINS, John. Confissões de Um Assassino Econômico. São Paulo: Cultrix, 2005.

RANGEL, Ignácio. Obras Reunidas, volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

REINHART, C.M. e ROGOFF, K.S. Oito séculos de delírios financeiros: desta vez é diferente. Rio de Janeiro:Elsevier, 2010.

SANTOS, T. Os Impasses da Globalização: hegemonia e contra hegemonia (vol. 1). Rio de Janeiro:Ed. PUC-Rio:2003.

STIGLITZ, Joseph. O Mundo em Queda Livre: os Estados Unidos, o mercado livre e o naufrágio da economia mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ZIZEK, Slavoj. Primeiro como tragédia, depois como farsa. São Paulo:Boitempo, 2011.

Contatos:

Fernando dos Santos Sampaio – email: [fssampa@gmail.com](mailto:fssampa@gmail.com)

Marlon Clovis Medeiros – email: [marlonmedeiros@hotmail.com](mailto:marlonmedeiros@hotmail.com)

## A POLÍTICA NACIONAL DE HABITAÇÃO E A CRISE ECONÔMICA

Prof. Dr. Ricardo Carvalho Leme  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Francisco Beltrão/Paraná/Brasil

### Introdução

A observação feita sobre as profundas modificações do cenário habitacional brasileiro, mais especificamente sobre o mercado imobiliário das cidades brasileiras, tem chamado a atenção de vários pesquisadores, como os arquitetos Nabil Bonduki e Ermínia Maricato e os geógrafos Ana Fani Alessandri Carlos, Roberto Lobato Corrêa e Maria Encarnação Beltrão Sposito entre tantos outros.

Este problema, que aparentemente não tem nenhum reflexo mais direto na sociedade brasileira, afeta a todos os estratos de renda, só que de forma diferenciada, impactando de forma mais expressiva àqueles com baixo poder aquisitivo. Apesar da elevação do poder aquisitivo da população brasileira em geral nos últimos anos, este segmento de menor renda, acaba enfrentando dificuldades no acesso a moradia, restando a este o atendimento do Estado através dos programas de Habitação de Interesse Social.

A partir de 2003 a questão da moradia ganha força no cenário nacional, com a eleição do Presidente Lula. Uma das metas do governo era reduzir a pobreza e fazer uma melhor distribuição de renda no país, através de programas sociais como “Bolsa Família” e “Fome Zero”.

Em 2008 o governo federal optou por estimular o setor da construção civil com a criação do Programa Minha Casa, Minha Vida, programa este que veio também suprir parte da demanda habitacional existente no país. Essas opções ajudaram o país a superar em parte a crise econômica mundial iniciada em 2007 e que vem se arrastando nos últimos anos.

### Déficit Habitacional Brasileiro

Existe no Brasil um grande déficit habitacional principalmente dos estratos sociais de menor poder aquisitivo. Segundo Maricato (2005) é nas faixas de renda situadas abaixo dos cinco salários mínimos que se concentra 92% do déficit habitacional brasileiro.

No entanto, nos últimos anos (2003 a 2012) muitos brasileiros, que antes pertenciam a esses estratos de renda ascenderam socialmente, e passaram a ocupar o que muitos autores chamam de a “nova” classe média.

Esta nova classe média teve seu poder aquisitivo elevado, seja pelos aumentos ou reposições salariais, seja pela qualificação profissional ou pela possibilidade de obter financiamentos bancários (prazos maiores e juros menores). Esta elevação do poder aquisitivo possibilitou, portanto, a aquisição de bens e serviços antes de difícil acesso, como a mercadoria habitação.

Evidentemente, que não se trata apenas de um fenômeno ideológico. A casa própria é percebida pelas camadas populares como verdadeira forma de sobrevivência familiar, ainda mais em tempos de crise e de instabilidade crescente no mundo do trabalho.

Para atender a essa demanda habitacional, muitos empreendimentos horizontais e verticais começaram a ser construídos nas periferias das grandes cidades brasileiras, das cidades médias e na fronteira entre o rural e o urbano.

Atender a esta demanda destaca o aspecto quantitativo desse momento de expansão do setor imobiliário. Afinal, são muitos os loteamentos, conjuntos habitacionais de interesse social e condomínios residenciais privados (horizontais e verticais) que estão sendo lançados no país.

E aos donos do capital imobiliário o que importa é obter uma boa margem de lucro, e exercer influência econômica e política na gestão do espaço urbano.

### **Política Nacional de Habitação**

Nos grandes centros urbanos as grandes empresas construtoras e incorporadoras comandam parcela significativa da força de trabalho do setor e procuram influenciar os governos para a ampliação de seu mercado com a realização de grandes obras públicas.

É preciso planejar o futuro das cidades brasileiras, e partir do princípio da continuidade administrativa. É necessário que se construa um pacto social em torno de uma proposta hegemônica, da “cidade que queremos”, principalmente, da “cidade que necessitamos”.

Cabe destacar que os problemas urbanos mais significativos se concentram nas metrópoles brasileiras, e que, até pouco tempo atrás, início dos anos 2000, não existia nenhuma política institucional específica para as regiões metropolitanas.

Em 2003, na gestão do Presidente Lula, o governo federal criou o Ministério das Cidades, com vários programas especiais para as regiões metropolitanas, como programas de Habitação de Interesse Social, Saneamento Básico, Transporte e Mobilidade, além de outros programas voltados para o Planejamento Urbano, a Regularização Fundiária, a Prevenção de Riscos, a Reabilitação de Áreas Urbanas e a Prevenção e Mediação de Conflitos.

Com a criação do Ministério das Cidades, o Brasil passou a apresentar um desenho mais consistente de políticas sociais, como a política habitacional, o que não acontecia desde o fechamento do BNH (Banco Nacional de Habitação) em 1986. O maior reflexo da existência de uma política habitacional neste período foi o lançamento do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV).

Segundo Ermínia Maricato e Jorge Hereda, o Programa Minha Casa, Minha Vida faz parte de uma política anticíclica que tem por objetivo aumentar os investimentos no setor da construção civil e garantir a geração de emprego e renda e, assim, mitigar os impactos da crise econômica mundial. (MARICATO et al, 2009).

E a chegada do Plano Real, foi o primeiro passo dado para se consolidar as Políticas de Desenvolvimento Econômico do Brasil e principalmente para inovar a Política Nacional para a Habitação. No entanto, é preciso destacar que apenas o Plano Real não foi suficiente para promover essa reconstrução, fora preciso construir outras referências institucionais.

Um primeiro avanço institucional verificado foi a promulgação da lei federal nº 9.514 de 1997 que instituiu o Sistema de Financiamento Imobiliário (SFI). Este sistema estabeleceu uma conexão direta entre o mercado de capitais e o negócio imobiliário. Foram criadas, a partir de então, as Companhias Securitizadoras de Créditos Imobiliários, instituídos os Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRIs) e introduzida a Alienação Fiduciária de Bens Imóveis, que conferiu mais rapidez nas execuções das garantias.

Em 2000 o Direito à Moradia foi inserido na Constituição Brasileira por meio da emenda nº 26, e na sequência em 2001, foi promulgada a lei nº 10.257, conhecida como Estatuto da Cidade, que regulamentou o capítulo de política urbana (artigos 182 e 183) da Constituição Federal. O Estatuto da Cidade definiu o que seria a função social da cidade e da propriedade urbana e fomentou os municípios a realizarem seus Planos Diretores, oferecendo a estes, um conjunto de instrumentos urbanísticos de intervenção sobre seus territórios.

A criação do Ministério das Cidades em 2003 representou, portanto, um marco institucional na rearticulação da política habitacional e de infraestrutura urbana do país.

Podemos dizer que a criação do Ministério das Cidades, em 2003, representou uma resposta a um vazio institucional, à ausência de uma política nacional de desenvolvimento urbano consistente, capaz de construir um novo projeto de cidades



sustentáveis e democráticas. Por isso, a criação desse Ministério, a nosso ver expressou o reconhecimento, pelo governo federal, da questão urbana como uma questão nacional a ser enfrentada por macropolíticas públicas.

Coerente com a Constituição Federal, que considera a habitação um direito do cidadão, com o Estatuto da Cidade, que estabelece a função social da propriedade e com as diretrizes do atual governo (Lula), que preconiza a inclusão social, a gestão participativa e democrática, a Política Nacional de Habitação visa promover as condições de acesso à moradia digna a todos os segmentos da população, especialmente o de baixa renda, contribuindo, assim, para a inclusão social.

O Plano Nacional de Habitação tem como objetivo articular e potencializar os programas e ações dos três níveis de governo e as capacidades existentes dos demais agentes sociais afetos ao setor habitacional.

No entanto, para que o Plano Nacional de Habitação cumpra sua função, é necessário que o Estado enfrente o problema da extrema valorização fundiária e imobiliária desencadeada, para daí sim, efetivar o direito à moradia com um princípio constitucional. Portanto, a política habitacional deve estar no centro das discussões da política urbana (MARICATO, 2001).

### **Economia Brasileira: ascensão e crise**

A franca expansão dos setores da construção civil e do crédito imobiliário a partir do início do governo Lula, vinha gerando impactos positivos na economia brasileira. A cadeia produtiva da construção civil, por exemplo, incluindo os setores de materiais, serviços, construção propriamente dita e comercialização imobiliária, representava em 2006 aproximadamente 16% do PIB. Se levar em consideração apenas a construção de habitações, esta representa 6% do PIB, o equivalente a mais de cinco milhões de empregos diretos, que a caracteriza como a atividade econômica que mais emprega população economicamente ativa, especialmente aquela parcela com menor qualificação.

Para Pedrozo e Garcia (2007) entre os fatores que explicam este boom, sobressai-se, certamente, o aumento da oferta de crédito imobiliário e a queda da taxa de juros, que permitiram às pessoas adquirir um imóvel em maior número de prestações. Ademais, para os autores a queda da taxa básica de juros empurra para baixo a rentabilidade das aplicações financeiras mais conservadoras e torna os imóveis uma boa oportunidade de investimento.

Neste sentido, o papel do Estado é fundamental para a configuração tanto da oferta quanto da demanda de moradias através das políticas governamentais.

Segundo Dias e Garcia (2009) a queda na taxa de juros e o crescimento da renda garantiram um ambiente de estabilidade econômica favorável à expansão do crédito e à tomada de recursos por parte das famílias. Outro fator de suma importância é que o setor da construção civil passou a ser identificado pelo governo como um dos motores de desenvolvimento econômico do país. Nesse sentido, medidas de política econômica de estímulo às atividades do setor industrial da construção civil têm sido fundamentais na criação de um ambiente favorável ao aumento do investimento.

Para que o setor imobiliário pudesse compreender o que realmente estava acontecendo, em 2008 foi criado no Brasil o Índice FipeZap de Preços de Imóveis Anunciados, sendo este o 1º índice nacional de preços do setor imobiliário.

O exemplo da cidade de São Paulo é bem elucidativo. Segundo o índice FipeZap, no período compreendido entre janeiro de 2008 e março de 2016, houve um aumento de 225,2% no preço de venda dos imóveis (apartamentos novos). Ao comparar este índice com o IPC-FIPE (Índice de Preços ao Consumidor), utilizado para medir a inflação, este registrou variação de apenas 62,3% para o mesmo período, ou seja, os preços dos apartamentos em São Paulo tiveram ao longo do período, uma valorização muito acima da inflação brasileira. Destaca-se também a notória freada nos aumentos dos preços dos imóveis, fruto da crise econômica agravada principalmente a partir de 2014. O índice FipeZap que chegou a ser de 27%

em 2011, foi reduzido drasticamente ano a ano, chegando a valor de 2,51% no último ano (2015). Com a economia em recessão, os preços diminuíram o ritmo de elevação, ficando inclusive inferior a inflação medida para o ano de 2015, que ficou em 11,07%.

Por afetar milhões de pessoas, a valorização dos imóveis residenciais talvez seja a ponta mais visível da eferescência do mercado imobiliário das cidades brasileiras.

O Brasil se depara com uma problemática habitacional especialmente difícil de resolver. Nos próximos anos seria necessária uma oferta anual de 1,5 milhão de novas moradias para atender a demanda habitacional gerada pelo crescimento da população, pela diminuição do tamanho médio das famílias, pelo combate ao déficit habitacional e pela reposição do estoque atual de moradias.

De acordo com Navarro (2009) o Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), lançado pelo governo Lula em 2009, deu esperança de que esse desafio fosse enfrentado com determinação e recursos. O programa dispõe de ajuda estatal para a compra da primeira residência a famílias com renda de até dez salários mínimos. Define três segmentos de renda aos quais outorga subsídios progressivos (quanto menor a renda, maior o nível de subsídio).

Sem dúvida, o programa é um grande avanço do governo em matéria de política habitacional, uma vez que adota conceitos e recursos novos.

Para Navarro (2009) o governo concebeu o PMCMV como um plano transitório de geração de emprego e crescimento econômico e não como uma política habitacional permanente. Mas, segundo o autor “para que as grandes empresas construtoras e incorporadoras entrem com força nesse mercado, será necessário que se torne uma política permanente, com metas e recursos anuais”. Quanto mais estáveis os programas de subsídios e recursos, mais atores participarão do processo. Paralelamente, haverá mais investimentos em novas tecnologias e em industrialização e, por consequência, maiores reduções nos custos de produção.

### **Considerações Finais**

Procuramos discutir a política nacional de habitação, partindo do pressuposto que o resultado final da política habitacional adotada a partir de 2003, com o primeiro mandato do então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), e na sequência, do primeiro mandato da Presidente da República Dilma Rousseff (Dilma), introduziu no cenário brasileiro um incremento extraordinário de recursos, via articulação de fundos para o setor da construção civil, principalmente para a aquisição ou construção da moradia.

Um dos resultados desta política foi a elevação dos preços dos imóveis de modo geral no Brasil, o que traz outro lado desta história, que é justamente o encarecimento da mercadoria habitação.

Primeiramente, demonstramos que o déficit habitacional brasileiro é bem significativo e que representava, por exemplo, em 2012, 9,1% dos domicílios particulares permanentes e improvisados. No entanto, cabe destacar que este déficit se concentra nos estratos sociais com renda inferior a cinco salários mínimos, ou seja, 92% da demanda, justamente das famílias que vivem em domicílios precários (favelas e cortiços).

Em segundo lugar, é relevante destacar que os programas sociais implantados a partir de 2003, no governo Lula, elevaram o poder aquisitivo da população, principalmente dos mais pobres. Evidenciamos o Programa “Bolsa Família” e a política de recuperação do poder de compra do salário mínimo, com reajustes acima da inflação.

Em terceiro lugar, apesar da desconstrução da capacidade administrativa da política habitacional do governo federal com a extinção do Banco Nacional de Habitação (BNH) em 1986, muitas referências institucionais foram criadas para dar suporte a questão da moradia.

Muito se credita todo esse avanço da política habitacional brasileira ao Plano Real, no entanto, apesar de importante, pela estabilidade econômica, se constitui

apenas no primeiro passo dado. Neste sentido, outras medidas foram ocorrendo com o passar dos anos, que vieram reforçar esta nova visão política de governo, preocupado não apenas com a economia brasileira, mas principalmente, com a população mais carente.

Esse conjunto de avanços trouxeram para o mercado mais estabilidade e segurança tanto para os incorporadores imobiliários, quanto para a população em geral. Somados a esses avanços não podemos deixar de citar as mudanças que ocorreram nas regras do financiamento habitacional, como a ampliação do prazo máximo de financiamento, que passou de 25 (vinte e cinco) para 30 (trinta) anos, a redução nas taxas de juros praticadas, principalmente pelos bancos públicos para as famílias de baixa renda, e o subsídio fornecido pelo governo federal aos futuros mutuários.

Todas estas medidas fizeram com que o mercado se movimentasse mais vigorosamente, deixando de lado a lacuna de políticas públicas para o setor de habitação do período anterior (compreendido entre os anos de 1986 a 2003). Neste sentido não há como não reconhecer a importância das políticas sociais e econômicas implantadas no primeiro mandato do Presidente Lula.

Infelizmente fruto da instabilidade política pela qual o Brasil passa, e por decisões na política econômica do atual mandato da Presidente Dilma Rousseff, o país se encontra em grave crise econômica, com a redução da produção e do consumo. A marola passou, e agora sentimos o gosto do Tsunami promovido pela elite “raivosa” brasileira.

Apesar do “sonho” da casa própria, ou seja, a demanda por habitação de mercado ter ficado mais solvável, é necessário que os empresários do setor imobiliário atendam tanto a habitação de mercado, quanto à habitação de interesse social.

#### **Bibliografia:**

BONDUKI, Nabil G. Origens da habitação social no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

CARLOS, Ana Fani A. São Paulo: do capital industrial ao capital financeiro. In: CARLOS, Ana Fani A., OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. (Orgs.). Geografias de São Paulo: a metrópole do século XXI. São Paulo: Contexto, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri, SOUZA, Marcelo Lopes de, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DIAS, Edney C., GARCIA, Fernando. Investimento em construção cresce 27% em três anos. São Paulo, Conjuntura da Construção, ano VII, n.3, set. 2009, p.8-10.

MARICATO, Ermínia et all. O programa Minha Casa, Minha Vida articula planejamento urbano à política habitacional? Revista Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, Ano 24, n. 182. Maio 2009

NAVARRO, Mário. O financiamento habitacional da “nova classe média”. São Paulo, Conjuntura da Construção, ano VII, n.2, jun. 2009, p. 10-11.

PEDROZO, Euclides, GARCIA, Fernando. Mercado Imobiliário: recuperação dos preços dos imóveis paulistanos. São Paulo, Conjuntura da Construção, ano V, n.4, dez. 2007, p.11-14.

**E-mail:** [rc-leme@uol.com.br](mailto:rc-leme@uol.com.br)

## **CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA: O IDEAL DA PRIVATIZAÇÃO E O REBATIMENTO SOBRE AS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO.**

Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso  
Doutoranda do Progradama de Pós Graduação em Geografia – UFRJ.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ  
Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

### 1. Contextualização política.

O neoliberalismo surge como tentativa de contenção da crise de acumulação, iniciada na década de 1970, além de ser considerada uma forma de contenção dos ideais socialistas e socialdemocratas, que se generalizavam tanto na periferia quanto no centro do capitalismo. Ideais estes oriundos da teoria marxista, no primeiro caso, e keynesianas, no segundo caso. Embora com objetivos radicalmente distintos, as duas teorias tinham métodos semelhantes, a saber, a intervenção do Estado na economia.

Harvey (2008) afirma que o Estado de bem estar social, como ficou conhecido o conjunto de políticas keynesianas, tinha como pressuposto assegurar altas taxas de crescimento econômico, pelo menos nos países de capitalismo avançado. O principal objetivo desta política foi apoiar a superação dos impactos da crise de 1929. No entanto, as políticas econômicas, que se apoiaram neste modelo, não conseguiram avançar substancialmente, em sua propagação em escala mundial. Em outras palavras, este conjunto de políticas não foi capaz de conter o desenvolvimento geográfico desigual<sup>1</sup> e, tampouco, a grande crise de acumulação que iria acometer os países centrais já na década de 1970, como dito acima.

A crise de acumulação da década de 1970 significou aumento do desemprego e altas taxas de inflação. Todas as classes sociais foram afetadas em maior ou menor grau. Mas, ainda segundo Harvey (idem), a insatisfação gerada pela crise possibilitou o surgimento de governos e lideranças socialistas em todo o mundo, fazendo com que as classes mais abastadas se sentissem ameaçadas. A forma encontrada por elas para se proteger desta onda socializante apoiava-se em atitudes ditatoriais. Na América Latina, embora em momentos políticos distintos, no Chile, Argentina e Brasil, as elites domésticas foram coadjuvantes na tomada do poder pelos militares, apoiados pelos Estados Unidos da América.

Nesse sentido, apoiando-nos em autores como Harvey (2008), Boito Jr (2003) e Antunes

---

1 Expressão utilizada por Harvey (2008) para designar a diversidade de situações econômicas e sociais geradas a partir da ascensão do neoliberalismo. Através desta expressão, conseguimos observar que existem diferentes níveis de adoção da ajuda neoliberal.

(2010), observamos que os propósitos do neoliberalismo incluem a fidelidade e defesa dos interesses das elites econômicas, ao se aumentar substancialmente o número de privatizações de empresas, bem como, de facilitar a entrada de capitais especulativos, obedecendo, assim, à dinâmica financeira das grandes empresas. Tais características contribuíram para a redução dos poderes do Estado sobre a economia, reservando sua atuação apenas em momentos de crise aguda do sistema. Neste período, o Estado passa ter sua atuação minimizada, tendo acesso apenas aos seguintes setores: educação, segurança e saúde.

Vale destacar que o Estado não deixa de existir, pois mesmo diante de sua atuação mínima, desempenha papéis fundamentais para a existência do capitalismo. Santos (2003) nos auxilia a entender este jogo político ao deixar claro que não se trata de uma completa ausência do Estado. Ele apenas se omite quando o que está em jogo são os interesses da população e se torna mais ágil e forte quando se trata dos interesses das grandes corporações, ou seja, se torna ativo diante dos interesses da elite econômica. Corroborando esta reflexão, Harvey (ibidem) apresenta a célebre frase de Margareth Thatcher ao se referir ao fundamento da ideologia neoliberal: “A sociedade não existe, apenas homens e mulheres individuais, e suas famílias”.

Assim, a partir do amplo convencimento das nações subdesenvolvidas, a ortodoxia neoliberal se consolida, dando início a mudanças, que aprofundaram o fosso entre as classes sociais contribuindo, dessa forma, para o advento de uma era de perda de direitos trabalhistas, privilégios do grande capital, aumento do desemprego e, principalmente, perda da soberania nacional, ao promover a privatização de empresas estratégicas, sobretudo nos países subdesenvolvidos. Além desses processos, neste momento da globalização neoliberal, a dinâmica empresarial também sofre alterações, isto é, observamos uma tendência a fusões de grandes empresas e a formação de trustes, ou seja, empresas que buscam controlar todos os setores da produção, o que lhes confere garantias de sobrelucro e grande capacidade de influenciar processos políticos (HARVEY, 2008).

Por esta razão, Santos (idem) argumenta que a política agora é feita no mercado e, de modo inverso, a política praticada no mercado equivale à decretação de morte da política, uma vez que esta deve ser pensada para o conjunto da sociedade e não para indivíduos (SANTOS, 2003:67). Nesta perspectiva, observamos que o Estado passa a estar a serviço do grande capital<sup>2</sup>, favorecendo a elite dominante em detrimento da maioria, que sofre o impacto da expansão das empresas multinacionais, que buscam, a partir deste momento, as periferias do capitalismo, por apresentarem condições mais competitivas de produção para os capitalistas.

---

2 Alguns autores como Miliband (1978), Lênin ([1918] 2007) e Harvey (2006) vão além, pois argumentam que o Estado alega que sua política é feita e executada em nome de todos, mas na verdade, ela é pensada apenas para a classe dominante, sem que as classes hegemônicas se dêem conta disso; e por isso, concluem, o Estado é a classe dominante.

## 2. Situação das Universidades Públicas Brasileiras.

As Instituições Federais de Ensino (IFE) foram alvo de políticas de cunho privatizante nas últimas duas décadas. O Brasil, assim como outros países latinoamericanos, participaram do Consenso de Washington, em 1989. Nesse evento, economistas e especialistas forneceram a receita para que estes países saíssem rapidamente da crise econômica em que estavam, a saber, a implantação do projeto neoliberal.

As décadas de 1990 e dos anos 2000 representaram períodos de maiores transformações dentro das universidades e no mundo do trabalho como um todo. De modo mais emblemático, podemos citar a Reforma da Previdência, em curso desde o primeiro mandato do governo de Fernando Henrique Cardoso, em 1995. Nela, se intencionou criar um fundo de reserva na Previdência para atender benefícios futuros, a partir de uma emenda constitucional, a emenda 20, de 1998, que se transformou no último artigo da Constituição, artigo 250. Embora a lei nunca tenha sido regulamentada, os governos subsequentes retornam a ela quando se há uma crise de conjuntura. Mais recentemente, outras leis foram promulgadas, em uma evidente retirada de direitos trabalhistas, como a constituição de Fundos de Previdência Privados (em âmbito federal e estadual) e também, na ameaça das diversas carreiras do funcionalismo público, através da ampliação das terceirizações (PLC 30/2015, que versa sobre as terceirizações de atividades-fim).

Desse modo, desde a inserção da doutrina neoliberal no Brasil (fins da década de 1980 e início da década de 1990), está em curso sucessivos ataques aos direitos trabalhistas em geral, mas sobretudo aos funcionários públicos. Nas universidades federais tal fato não seria diferente. São notórias as perdas de direitos nas carreiras docentes e de técnico administrativos, que aliás é a mais ameaçada de extinção. No caso de docentes, as perdas se relacionam à impossibilidade de se aposentar integralmente pelo Regime Jurídico Único (RJU), já que há a necessidade de aderir a um fundo de previdência privado (FUNPRESP); como também, as perdas de direito sobre pensão por morte e auxílio doença, retirando arbitrariamente direitos historicamente conquistados. Dizemos que a carreira dos técnico-administrativos está em extinção, pois serviços considerados “base” da carreira (cozinha, limpeza, segurança e motoristas) em sua maioria são ocupados por empregados de empresas terceirizadas. E esta é uma tendência para que outras profissões da carreira sejam sumariamente terceirizadas também, como, por exemplo, a parte administrativa e de escritório.

Tendemos, portanto, a concordar com diversos autores que sustentam que a terceirização é umas das piores formas de exploração do trabalhador, retirando aquilo que é mais digno da condição humana, a possibilidade de enxergar sentido na vida de quem vive do trabalho (ANTUNES, 2010; DRUCK, 2011; ALVES,2000). São estes mesmos autores que evidenciam que a agudização das formas de exploração do trabalho estão intimamente relacionadas aos períodos de crise conjuntural do capital. Os países ao apresentarem instabilidade econômica grave, “descontam” no trabalhador, retirando-lhes direitos e benefícios, a fim de garantir que outras parcelas da sociedade (bancos e grandes empresas) permaneçam com suas receitas em dia.

### 3. Resistência da Classe Trabalhadora pertencente às IFE.

Desde a sua fundação em 1981, primeiro como Associação e depois da promulgação da Constituição de 1988, como Sindicato Nacional, o ANDES-SN somou um total de 19 greves da categoria (sendo uma média de uma greve por ano, nos anos 1980/1990; havendo um hiato maior entre os anos de 2005-2012). Todas estas greves são resultado de longos debates e de maior conscientização da categoria acerca das perdas materiais e imateriais a que estavam expostos. Não há dúvidas que as duas últimas greves (2012 e 2015) tiveram características semelhantes. Primeiro pela extensão (125 e 131 dias, respectivamente) e depois pelo baixo atendimento das pautas, evidenciando as dificuldades de diálogo do sindicato nacional com o governo (Ministério da Educação – MEC e Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão – MPOG) (ANDES,2015).

Outra característica interessante destas foi a sua espacialização. Principalmente na última greve (2015), as universidades que prontamente aderiram ao movimento paredista foram aquelas localizadas nas regiões norte e nordeste. Este fato é importante, pois evidencia que nestas regiões o processo de expansão foi mais marcante. Configurando, portanto, o cenário brasileiro já conhecido, em que políticas públicas destinadas a estas regiões não são prioritárias. Há a combinação de dois elementos perversos: ampliação do número de vagas discente em descompasso com a oferta de vagas para docentes, bem como de infra estrutura adequada nestas IFE. O resultado é sem dúvida, um local onde ensino e condições de trabalho são extremamente precários.

### 4. Conclusão.

A terceirização das atividade fim, como o ensino, por exemplo, representam um enorme retrocesso nas políticas educacionais brasileiras. A tentativa de universalização do acesso não acompanhou o desenvolvimento de pessoal das IFE, promovendo um verdadeiro descompasso entre o excessivo número de alunos para o reduzido número de professores concursados. Isso sem falar na assistência estudantil e na infra estrutura técnica para atender a este alunado, ou seja, o aluno consegue se matricular na universidade, mas não consegue se manter nela, pois faltam alojamentos, restaurantes e programas institucionais de bolsa. Além disso, é frequente a reclamação de falta de equipamentos e materiais básicos para determinadas cursos.

Em um momento de crise econômica e política, como este que vivemos, a classe trabalhadora é a maior impactada pelas políticas de austeridade e corte de gastos. Observa-se claramente os lentos passos da doutrina neoliberal no Brasil, que segue privatizando o ensino público, a saúde e tantos outros serviços essenciais para a reprodução da classe trabalhadora. Se esta não possuir as condições materiais básicas para ao menos se reproduzir, como o capital irá se manter? Marx nunca foi tão atual: “Trabalhadores” do mundo, uni-vos!

Bibliografia:

ALVES, G. **O novo e precário mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. São Paulo: Contexto, 2010.

ANTUNES, R.; DRUCK, M.G. A terceirização como regra? **Revista do tribunal Superior do Trabalho**, v.79, p.214-213, 2013.

BOITO Jr., Armando. A Hegemonia Neoliberal no Governo Lula. In: **Revista Crítica Marxista**, n.17, Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. **Neoliberalismo**. História e Implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: AnnaBlume, 2006.

\_\_\_\_\_. **Condição Pós Moderna**. São Paulo: Loyola, 2007

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002, 1996.

\_\_\_\_\_. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. de; SILVEIRA, M. L. **Território Globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_. A questão: o uso do território. In: SANTOS, M., SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XX**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização**, Rio de Janeiro: Redord, 2003.

\_\_\_\_\_. **O trabalho do Geógrafo do Terceiro Mundo**. São Paulo: EDUSP, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pobreza Urbana**. São Paulo: EDUSP, 2009a.



Correio eletrônico: isabellavitoria.pedroso@gmail.com

## HIDROCARBUROS: MODELO PRODUCTIVO EXTRACTIVISTA

Graciela Patricia Cacace; Jorge Osvaldo Morina

Universidad Nacional de Luján, Pcia de Buenos Aires  
[cacacegraciela@gmail.com](mailto:cacacegraciela@gmail.com); [ojmorina@gmail.com](mailto:ojmorina@gmail.com)

### 1. Introducción y marco de referencia

En la Argentina, el *neoliberalismo* produjo importantes transformaciones económicas y sociales. Se inició con el *Rodrigazo* de 1975<sup>1</sup>, punto de inflexión en la evolución de la economía nacional definida hasta entonces como mercado–internista (Gejo; Morina; Velázquez, 2000). Finalizó en diciembre de 2001 con la crisis de la *Convertibilidad* que condujo a un marasmo sin precedentes: desocupación, pobreza e indigencia, resultados inseparables del plan agotado. Con la enorme devaluación estas variables llegaron a valores inéditos en 2002 y 2003. Comenzaron así a perfilarse nuevas tendencias que, con el correr de los años, se tornarían características de un nuevo “modelo” económico llamado *neo-desarrollismo* (Katz, 2007). Sin embargo, la dinámica económica “exitosa” en Argentina a partir de 2002 planteó una serie de restricciones. El límite más importante que enfrenta el desarrollo capitalista en Argentina es la consolidación de un patrón de acumulación de carácter dependiente y periférico basado en el saqueo de las riquezas naturales (extractivismo) en el marco de una economía transnacionalizada. Esta situación conforma un obstáculo significativo a las posibilidades de avanzar en un proyecto de cambio social pues supone la conformación de una sólida correlación de fuerzas sociales a favor del bloque dominante burgués y –dentro de éste– de su fracción transnacional. Este rasgo de continuidad es el que da cuenta del carácter postneoliberal de la etapa actual (Félez y López, 2010). Pero con un detalle distinto: incorpora, por necesidad, a parte del pueblo trabajador como socio subordinado sin poder garantizar trabajo no precario. En este “detalle” están sus límites (Félez; López, op. cit.).

La Argentina, como otros países de América Latina en el presente siglo, ha venido transitando de un “modelo” anclado en la valorización financiera hacia otro asentado en la producción y exportación a gran escala de bienes primarios (commodities): metales y minerales, productos agrarios, biocombustibles e hidrocarburos. Perfiles productivos exportadores que consolidan una matriz extractivista funcional a la globalización comercial y a la integración subordinada de nuestro país al *sistema económico mundial*. Es el pasaje del *Consenso de Washington* al *Consenso de los Commodities* (Svampa, 2013).

Los gobiernos buscan justificar el modelo de desposesión (Harvey, 2004) afirmando que es la vía que permite generar las divisas que luego son reorientadas a la redistribución del ingreso y al consumo interno, o a la generación de actividades con mayor contenido de valor agregado.

Estos procesos tienen estrecha relación con las políticas orientadas a la atracción de inversiones extranjeras- IED- especializadas en la explotación de recursos naturales y en las primeras etapas de su procesamiento dentro de las Cadenas Globales de Valor. En los últimos años, las exportaciones de los países de la región y los altos precios de varias materias primas (incluso con caídas en 2014, 2015 y en lo que va del 2016), favorecieron recurrentes balanzas comerciales superavitarias. De esa manera, el “modelo” fomentado por la IED consolidó formas de producción que implicaron la sobreexplotación de la capacidad de carga de los ecosistemas y una transferencia de riqueza encubierta (agua, nutrientes) en las transacciones

---

<sup>1</sup> Conjunto de medidas puestas en marcha por el Ministerio de Economía a cargo de Celestino Rodrigo durante la presidencia de M. E. Martínez de Perón tendientes al deterioro del salario real con una devaluación del 160 %.

internacionales. Son nuevos mecanismos de expropiación de recursos naturales que violan los derechos, tanto humanos como naturales: Una verdadera *extrahección*<sup>2</sup> (Gudynas, 2013). Estos procesos generan profundas repercusiones sociales, políticas, económicas, ambientales y científicas. “La expulsión de los más pobres de la tierra, la afectación de los ecosistemas y de los hábitats humanos, los cambios en las condiciones de trabajo, la fragmentación social y territorial son parte de la dinámica principal y global que afianza una inserción económica internacional de la mano del capital financiero y las transnacionales” (Fernández Equiza, 2013). El modelo extractivista nacional se apoya en la expansión sojera, como fenómeno paradigmático de la imposición de la agricultura industrial transgénica, en la gran minería a cielo abierto y la gestión de los hidrocarburos convencionales y no convencionales. En esta presentación sólo se desarrolla una aproximación sintética de la situación hidrocarburífera.

## 2. La gestión de los hidrocarburos

En Argentina, el neoliberalismo produjo importantes transformaciones económicas y sociales en el sector hidrocarburífero. En los '90 la desregulación de las actividades económicas y la privatización de empresas estatales constituyeron los pilares de las reformas del mercado y de la reestructuración del Estado. En ese contexto, se privatizó la petrolera estatal YPF<sup>3</sup> modificando radicalmente el modelo energético nacional. Al mismo tiempo, se entregó a las empresas privadas la totalidad de las áreas marginales y centrales por el lapso de 25 años<sup>4</sup>. YPF fue un caso emblemático de la desnacionalización (Gavaldá, 2004).

En esa nueva etapa se intensificó la extracción de petróleo y gas, y se incrementaron las exportaciones a niveles impensables (hasta el 2006). Mientras la extracción creció un 48 % entre 1988 y 2005, las exportaciones se multiplicaron por 12, llegando a multiplicarse por 28 en 1997. De exportarse el 2,58 % del petróleo producido en 1989, se pasó a exportar el 25 % en 2004. La máxima exportación se alcanza en 1996, con el 41 % de la extracción nacional (Mansilla, 2007). Las retenciones a la exportación de crudo<sup>5</sup> tuvieron un papel importante. El escenario también favorecía a las provincias, pese al magro 12 % de las regalías petroleras<sup>6</sup>. Pero la recaudación de aquellos años se transformó en un grave problema actual: la

---

<sup>2</sup> La extrahección es el caso más agudo del extractivismo. La palabra tiene su origen en el vocablo latino “extrahere”, donde “ex” significa fuera, y “trahere” alude a quitar y arrastrar hacia sí. Por lo tanto, extraher es el acto de tomar o quitar con violencia, “arrancar” los recursos naturales, sea de las comunidades como de la naturaleza.

<sup>3</sup> En 1922 se creó Yacimientos Petrolíferos Fiscales- YPF. El presidente M. T. de Alvear designó al frente de YPF al coronel e ingeniero Enrique Mosconi quien aplicó un plan para desarrollar una empresa estatal que estuviera en condiciones de apropiarse del mercado de los combustibles. El Estado adquirió así un carácter de empresario considerando al petróleo como un bien estratégico.

<sup>4</sup> En junio de 2000, se extendió la concesión del yacimiento gasífero Loma de La Lata, Neuquén, hasta 2017, a favor de Repsol. En 2007, fue prorrogado el control de Cerro Dragón (en Golfo San Jorge, sur de Chubut y norte de Santa Cruz), en beneficio de Pan American Energy, hasta 2027, con opción a seguir explotando el yacimiento hasta 2047. Esta última es una de las concesiones más controvertidas.

<sup>5</sup> La retención a la exportación de petróleo se estableció en 25 % con un gravamen extra dependiente de la cotización del crudo WTI (*West Texas Intermediate*). Si el barril supera los U\$S 32., se llega al 28 %; si alcanza los U\$S 35. es del 31 %, aumentando al 45 % para valores superiores a los U\$S 45. Pero conviene aclarar que, de acuerdo a la Ley 21.453, los importes realmente pagados son menores a lo indicado por la alícuota. Se considera que el valor F.O.B. de las exportaciones incluye las retenciones. De ese modo, para un valor F.O.B. de U\$S 100., las exportaciones declaradas son de U\$S 69.-. Es sobre ese importe que se aplica el 45 %, pagándose U\$S 31 en concepto de retención. Es entonces un 31 % menos de lo que se suele estimar (Mansilla, 2007).

<sup>6</sup> Las regalías hidrocarburíferas son el importe que pagan las empresas petroleras al Estado provincial por el derecho a la extracción de petróleo y gas. Al deducir costos de traslado y otros gastos, sobre declaraciones juradas de las mismas empresas, en muchos casos sólo pagan un 8 % de regalías. Ya el porcentaje pautado por ley es de los más bajos a nivel mundial.

Argentina dejó de autoabastecerse. La producción de petróleo y de gas descendió al igual que las reservas<sup>7</sup>.

El siglo XXI encuentra a la Argentina en una compleja problemática energética que impacta directamente en el desarrollo del país y en la pérdida de autonomía respecto de la energía. Los hidrocarburos son la fuente de energía más representativa en la matriz energética y, hasta tanto no se diversifique, el petróleo y el gas deben ser considerados bienes estratégicos.

A principios de 2012, el gobierno nacional estatizó el 51% de Repsol YPF como una forma de dar respuesta al fracaso de las privatizaciones petroleras y al vaciamiento de las reservas hidrocarburíferas. La recuperación de una parte de YPF despertó ilusiones y una fuerte adhesión en amplios sectores de la sociedad. Repsol reclamaba 10.500 millones de dólares por las acciones *expropiadas* ante el Centro Internacional de Arreglo de Diferencias Relativas a Inversiones (CIADI), del Banco Mundial. Tras dos años de complejas negociaciones, la Argentina reconoció como indemnización U\$S 5.000 millones que fueron cancelados con un paquete de títulos públicos (bonos del Tesoro)<sup>8</sup>.

Luego de la estatización parcial, la producción continuó en descenso. En 2015, la producción de petróleo<sup>9</sup> fue 30.894.027 m<sup>3</sup>, en 2014, de 30.881.427 m<sup>3</sup>, en 2013 llegó a 31.327.461 m<sup>3</sup>, por debajo de los 32.997.883 m<sup>3</sup> del año anterior, según datos del Ministerio de Energía y Minería de la Nación. En el caso del gas, la producción en 2015 fue de 42.901.588 miles de m<sup>3</sup>, en 2014 fue de 41.484.024 miles de m<sup>3</sup>, en 2013, 41.708.300 miles de m<sup>3</sup>, por debajo de los 44.123.065 miles de m<sup>3</sup> de 2012.

Varios programas de incentivación a la producción llevados adelante desde el Estado Nacional en los últimos años desacoplaron los precios de la energía local de los mercados internacionales. A pesar del descenso del precio internacional de los hidrocarburos, en Argentina mejoraron las condiciones de los productores ya que se llevó el precio del gas por millón de BTU, de 2,8 dólares a 7,5 dólares, es decir casi tres veces más, lo que representó un incentivo para las empresas privadas. Lo mismo sucedió con el petróleo que paso de 42 dólares el barril interno (2007) a alrededor de 70 dólares (2014). Según el gobierno, este incentivo permite garantizar el empleo. En este contexto, Argentina es uno de los pocos países del mundo donde las compañías ampliaron sus operaciones en 2016. Incluso se está produciendo una paradoja: en el primer trimestre del año 2016 se registra superabundancia de crudo sin embargo el Ministro de Energía convino importar cargamentos de crudo desde Nigeria a precios inferiores a los que se comercializa en el mercado interno.

La escasez de gas natural durante los últimos años es un problema que obligó a importar volúmenes crecientes y costosos de gas, natural y licuado. Pasamos de importar en el año 2010 3.612.263 miles de m<sup>3</sup> a 11.809.593 miles de m<sup>3</sup> en 2013 (Ministerio de Energía y Minería de la Nación, 2015) y 11.929.699 miles m<sup>3</sup> en 2014 (ENARGAS). La Argentina recibe gas extranjero por dos vías: desde Bolivia, a través de gasoductos, y desde ultramar, en la forma de gas natural licuado (GNL), que llega por barco a los puertos de Bahía Blanca y de Escobar donde se encuentran las plantas regasificadoras. Los precios varían de acuerdo al momento de la operación, modo contractual y el origen del gas natural. Por millón de BTU, las compañías que extraen gas nacional reciben unos 2,8 dólares para pozos en función y 7,5 dólares para la

---

<sup>7</sup> En el año 2005, las reservas eran inferiores a las que el país tenía en 1988, y mucho menores a las de 1973.

<sup>8</sup> La Argentina pagó a Repsol un paquete fijo por un valor nominal de 5.000 millones de dólares compuesto por: Bonar X (U\$S 500 millones), Discount 33 (U\$S 1.250 millones) y Bonar 2024 (U\$S 3.250 millones). Y un paquete complementario de 1.000 millones de dólares compuesto por: Boden 2015 (U\$S 400 millones), Bonar X (U\$S 300 millones), Bonar 2024 (U\$S 300 millones). En mayo de 2014, Repsol ya había vendido toda la cartera de bonos argentinos quedando extinguida la deuda de 5.000 millones de dólares reconocida por Argentina. Ahora esos bonos argentinos están en otras manos. Los Boden 2015 fueron vendidos a JP Morgan en mayo de 2014.

<sup>9</sup> Los precios del petróleo, que en el primer semestre del año 2008 superaron los 145 dólares el barril, a mediados de 2014 rondaban los 100 dólares. En julio de 2015 el petróleo crudo estaba a menos de 60 dólares el barril. En enero 2016 bajó a 26,50 U\$S el barril. En abril 2016 registra una leve alza con 43 U\$S (OPEP)

producción que surja de nuevas inversiones. Pero las importaciones de gas de Bolivia se pagaban unos 11 dólares MBTU en 2014 y en marzo 2016 se pagan 5,4 dólares como consecuencia del derrumbe del valor de los hidrocarburos en los mercados internacionales. El GNL se llegó a pagar 20 dólares el MBTU en marzo 2014 y se paga 5,04 dólares en marzo 2016<sup>10</sup>. Chile suministrará 5,5 millones de metros cúbicos diarios de gas a Argentina entre los meses de mayo y septiembre de 2016 que representarán cerca del 20 % del total de las importaciones argentinas de esta energía. Chile recibe el gas desde el sudeste asiático que exporta a la Argentina para consumo industrial y residencial en Bs As.

Desde distintas posiciones políticas, se declama que la recuperación del autoabastecimiento energético pasa por la explotación del megayacimiento neuquino de Vaca Muerta con hidrocarburos no convencionales que deben extraerse a través del fracking o fractura hidráulica. En Zapala es donde se hizo el primer pozo de fracking del país; un territorio árido, donde la empresa estadounidense Apache trabaja sin autorización de las comunidades indígenas Gelay Ko. No hubo consulta ni estudios previos de impacto ambiental. Apache está extrayendo agua del acuífero Zapala, mientras las comunidades carecen de acceso al agua. Cerca de Las Heras, Golfo San Jorge, provincia de Santa Cruz, YPF perforó tres pozos con técnicas de fracking. Allí se registró el primer movimiento sísmico que podría estar ligado a esta actividad (2013). YPF lidera en América Latina proyectos exploratorios y de producción en recursos no convencionales. Loma Campana, en sólo dos años, se convirtió en el primer yacimiento de shale en el mundo fuera de América del Norte y el segundo en producción de petróleo de la Argentina, con 40.000 barriles diarios y más de 300 pozos perforados. En un sector de El Orejano, el proyecto insignia de gas de esquisto de YPF y de Schlumberger Ltd. SLB, el gigante de servicios petroleros de Houston, llama la atención el paisaje con tuberías azules de fracturación hidráulica entrecruzándose sobre el terreno.

Ante la necesidad de fuentes de financiamiento, YPF firmó un acuerdo con la estadounidense ecocida Chevron, con una inversión que superaría los U\$S 15.000 millones, en el plazo extendido<sup>11</sup> y con la empresa china Sinopec.

La técnica extractiva está hoy muy cuestionada, tanto en la Argentina como en otros países debido a sus efectos nocivos. Varias de las sustancias que se inyectan son altamente contaminantes e incluso cancerígenas (D'Elía, Ochandío y Observatorio Petrolero Sur, 2014). En nuestro país la búsqueda de estos hidrocarburos está extendiendo la frontera extractiva a todo el territorio nacional, como por ejemplo Entre Ríos, Chaco, Santiago del Estero y Buenos Aires; norte de Neuquén y sur de Mendoza, y la cuenca del río Paraná, bajo la cual se encuentra el acuífero guaraní, una de las reservas de agua dulce más importantes de todo el planeta. La difundida confianza en recuperar el autoabastecimiento explotando el petróleo y el gas no convencional, con técnicas cuestionadas a escala internacional, demuestra que los riesgos sociales y ambientales siguen siendo minimizados o directamente ignorados.

### 3. Consideraciones finales

La Argentina deberá seguir importando gas durante los próximos 20 años y necesitará millones de dólares de inversión para acompañar el crecimiento de la demanda interna de energía. Este es el resultado de la política de privatización, desregulación, desnacionalización del sector energético y del vaciamiento de YPF. La apuesta por la explotación de gas y petróleo no convencionales significa consolidar una matriz energética dependiente de los hidrocarburos (cada vez más escasos, y con mayores riesgos ambientales), cuando se debería apostar a la diversificación, en pos de modelos alternativos y realmente sustentables. Se estima que la

---

<sup>10</sup> Instituto Argentino de la Energía "General Mosconi" [www.iae.org.ar](http://www.iae.org.ar)

<sup>11</sup> El acuerdo, firmado el 16/07/13, es por la explotación sobre 30.000 Km<sup>2</sup>. La inversión inicial sería de U\$S 1.240.- millones para trabajar 100 pozos en 20 Km<sup>2</sup>. En 2017 debe haber 1500 pozos en perforación, en 395 Km<sup>2</sup>. Cabe acotar que el acuerdo, además de Chevron, incluye a Gas Medano, Exxon, PAE, Petronas, Dow y CGC (Compañía General de Combustibles).

producción de Vaca Muerta y otras formaciones no convencionales no alcanzarán volúmenes significativos hasta el 2020/25. Otro de los problemas radica en que el 70% de la actividad petrolera que actualmente se desarrolla fuera de YPF se rige aún por gravosos contratos suscriptos que vencen en muchos años (algunos en 2047) y que poseen la libre disponibilidad del crudo con el poder discrecional de los gobernadores de las provincias petroleras para manejar estos recursos. La expropiación de recursos naturales continúa muy vigente.

La crisis energética implica una pésima gestión de los hidrocarburos y una grave debilidad estratégica de Argentina. Un país sin un buen abastecimiento energético, sin reservas estratégicas suficientes, y sin el pleno dominio y propiedad de las fuentes energéticas, resulta muy vulnerable. Es fundamental que los ingresos derivados de la propiedad de los yacimientos sean captados por el conjunto de la sociedad, que en su forma político-jurídica es el Estado.

#### 4. Referencias Bibliográficas

- ✓ CEPAL. “La inversión extranjera directa en América Latina y el Caribe 2014”. 2015. Santiago de Chile. [http://www.eclac.org/publicaciones/xml/9/43289/2011-322-2010-WEB\\_ultimo.pdf](http://www.eclac.org/publicaciones/xml/9/43289/2011-322-2010-WEB_ultimo.pdf) (julio 2015).
- ✓ CACACE, Graciela; MORINA, Jorge (2008). “Recolonización y saqueo de los recursos naturales a través de la privatización petrolera. Algunas implicancias sociales en el Golfo San Jorge, Argentina”. En Jorge O. Morina (Dir. y Compilador) Cuestiones Regionales en la Argentina al Comenzar el Siglo XXI. Luján-Buenos Aires, Serie Publicaciones del PROEG (Programa de Estudios Geográficos) N° 5, Departamento de Ciencias Sociales, UNLu-ANPCyT.
- ✓ D'ELÍA, E., OBSERVATORIO PETROLERO SUR y OCHANDIO, R. (2014). Cuestiones geopolíticas, Fracking y panorama internacional. En VVAA, 20 Mitos y Realidades del Fracking, pp. 17-45. Editorial El Colectivo, Buenos Aires.
- ✓ FÉLIZ, M. y LÓPEZ, E. (2010). La dinámica del capitalismo postneoliberal-neodesarrollista. Contradicciones, barreras y límites de la nueva forma de desarrollo en Argentina. Herramienta, Nro. 45, 9-33.
- ✓ FERNÁNDEZ EQUIZA, A. M. (2013). Desarrollo y Conflictos Socioambientales. Indagaciones para construir nuevos posibles. En Fernández Equiza A. M. (comp.) Territorios, Economía Internacional y Conflictos Socioambientales, pp. 1-31. CIG-IGEHCS-UNCPBA, Tandil.
- ✓ GAVALDÁ, Marc (2004). La recolonización. Repsol en América Latina: invasión y resistencias. Barcelona, Icaria editorial.
- ✓ GEJO, Omar.; MORINA, Jorge O.; VELÁZQUEZ, Guillermo (2000). “Economía y territorio en Argentina 1975-2000. La violencia de los de arriba”. En Estudios Socio territoriales, Revista de Geografía, Año I, N°1. Tandil, CIG-FCH-UNCPBA.
- ✓ GUDYNAS, E. (2013). Extracciones, extractivismos y Extrahecciones. Un marco conceptual sobre la apropiación de recursos naturales. Observatorio del Desarrollo, Centro Latino Americano de Ecología Social (CLAES), Nro. 18, pp.1-18.
- ✓ HARVEY, David. (2004). El Nuevo Imperialismo. Madrid, Akal.
- ✓ Instituto Argentino de la Energía “General Mosconi” [www.iae.org.ar](http://www.iae.org.ar)
- ✓ KATZ, Claudio (2007): “El giro de la economía argentina. El curso neo-desarrollista”. Lista EDI, [www.lahaine.org](http://www.lahaine.org)
- ✓ MANSILLA, Diego (2007). Hidrocarburos y política energética. Buenos Aires. Ediciones del Centro Cultural de la Cooperación.
- ✓ Ministerio de Energía y Minería de la Nación.
- ✓ SVAMPA Maristella (2013). “El Consenso de los Commodities”. En Le Monde Diplomatique- Edición Cono Sur, Año XIV, N° 168, junio 2013.
- ✓ SVAMPA, M.y VIALE, E. (2014). Maldesarrollo. La Argentina del extractivismo y el despojo. Katz Editores, Buenos Aires.



## INSERCIÓN INTERNACIONAL Y AGRICULTURA INDUSTRIAL: EL CASO DEL MONOCULTIVO DE EUCALIPTUS EN URUGUAY

ZABALZA MICAELA

FACULTAD DE CIENCIAS HUMANAS. UNIVERSIDAD DEL CENTRO DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES. TANDIL

### *Introducción*

En el presente trabajo se propone analizar la evolución de la Agricultura Industrial y su relación con las formas de inserción internacional. Se identificarán los distintos factores que inciden en el impulso dado a esta forma de agricultura a nivel internacional y nacional, y cómo este modelo responde a una forma de inserción internacional que favorece la especialización primario exportadora y con ello el desarrollo de monocultivos, como el caso del eucaliptus en Uruguay.

En este marco, el presente trabajo pretende sumarse al debate sobre el impacto del extractivismo en tanto proceso y rasgo predominante en las estructuras productivas de la mayoría de las economías de la región. La especialización productiva en bienes intensivos en recursos naturales, así como la renta que generan a manos de agentes externos, operan como la variable principal que determina estrategias de inserción internacional subordinadas. Esta subordinación exterior resultante no sería ya solo, política-económica, sino también ecológica dada la conciencia actual en la desigual distribución de los costos e impactos socio-ambientales que conllevan estas actividades.

En las últimas décadas las cuestiones ambientales han adquirido gran relevancia en la agenda internacional. Por este motivo, resulta, además de pertinente, particularmente importante el abordaje de estas temáticas desde las Relaciones Internacionales. En esta línea, se propone analizar la sustentabilidad de la expansión del monocultivo eucaliptus para exportación en Uruguay, a la luz de los procesos internacionales y regionales que en ella inciden. El análisis se centrará en los aspectos internacionales y, especialmente, nacionales del desarrollo de la Agricultura Industrial en el país.

### *Presentación de la problemática*

A partir de la década del cincuenta, el aumento de la población humana, el consumo per cápita y la complejidad de los centros urbanos desencadenaron un aumento constante de la demanda de alimentos, fibras y energía. Esta tendencia impulsó la expansión de la agricultura y la intensificación productiva por unidad de superficie en todo el mundo.

Autores, como Ceccon (2008) localizan estos cambios con el surgimiento de la Revolución Verde. Históricamente, puede considerarse su inicio luego del término de la Primera Guerra Mundial; sin embargo, su expansión global ocurrió más tarde, durante la Segunda Guerra Mundial cuando las grandes industrias, sobre todo en Estados Unidos, desarrollaron una enorme acumulación de innovación tecnológica militar que no tuvo un mercado inmediato al término del conflicto bélico. De este modo, surgió la conversión rápida de innovaciones bélicas a usos civiles.

Hacia los años '70, en la mayoría de los países latinoamericanos comienzan cambios en las políticas agrarias que modifican sustancialmente las modalidades de funcionamiento del sector. Los ajustes estructurales empiezan a tener efectos en el sector agropecuario al

potenciarse desregulaciones de todo tipo, aperturas y privatizaciones que afectan a gran parte del andamiaje institucional y empresarial desarrollado en la etapa anterior. La nueva política gubernamental basada en la privatización de la economía, la inversión extranjera y la apertura comercial, junto con la disminución en términos reales de los subsidios y del gasto público, y el retiro del Estado en los procesos de comercialización y regulación de la actividad agropecuaria, pretenden crear las condiciones para transformar el capital privado nacional y extranjero en el principal agente de la reactivación del sector. Esta modalidad de política que abre el campo a procesos de globalización, motorizada en muchos casos por las grandes corporaciones transnacionales agroindustriales, se difunde a lo largo y a lo ancho del continente.

En este contexto, se plantean una serie de problemáticas en el sector, las cuales se intensifican en los noventa y principalmente en el siglo XXI:

- Avance de una nueva agropecuaria de creciente tecnificación, manipulaciones mayores sobre la Naturaleza, y fuerte uso de la biotecnología. Esta nueva versión es presentada como “paquetes” tecnológicos, que entre sus características más conocidas se encuentran el uso de transgénicos, aplicación de nuevas estrategias de siembra (siembra directa, siembra de precisión, etc.), químicos de nueva generación, uso intensivo de conocimiento, apoyo en tecnologías de la información, etc.
- Importancia creciente que asumen los complejos agroindustriales comandados por grandes corporaciones transnacionales que se vinculan con el comercio mundial de productos agropecuarios, la provisión de insumos y tecnología agropecuaria, el procesamiento industrial y la distribución final de alimentos.
- El avance de la Agricultura Industrial se orienta, en especial, a la expansión de los monocultivos, basados en la maximización de la ganancia en corto plazo y que conduce a una profunda crisis económica, social y ambiental. (Carrasco *et al*, 2012)

### *Consideraciones teóricas metodológicas*

El análisis del avance de la Agricultura Industrial en el mundo y las implicancias que la misma tiene para la inserción internacional de Uruguay, así como las consecuencias (sociales, ambientales, económicas) que genera, se abordan a partir del enfoque teórico-metodológico de Rolando García (2006). El mismo observa el objeto de estudio como un “sistema complejo”, el cual se caracteriza por ser una representación de un recorte de realidad, “conceptualizado como una totalidad organizada (de ahí la denominación de sistema), en la cual los elementos no son “separables” y, por tanto, no pueden ser estudiados aisladamente”. (García R, 2006: 21)

*“Los sistemas ambientales, son sistemas complejos. Un sistema ambiental tiene una localización geográfica y es el asiento de un conjunto de fenómenos que pueden agruparse, en principio, en un cierto número de componentes, que llamaremos subsistemas, y que varían según la naturaleza del sistema. En el caso de un sistema rural asentado en una región ecológica, por ejemplo, tendríamos un sustento físico, una flora y fauna características, un cierto tipo de producción, una población con determinada conformación social, un comportamiento económico, construcciones y obras de infraestructura, conjuntos de políticas que rigen diversos aspectos de la actividad dentro de la región”. (García R, 2011: 74)*

El nudo central del análisis de la dinámica de los sistemas, en la perspectiva de García, es el estudio de procesos. Éstos pueden ser procesos básicos, o de primer nivel,



(constituyen análisis de carácter diagnóstico, que buscan describir la situación real y sus tendencias sus tendencias en el nivel fenomenológico más inmediato. Tales análisis incluyen observaciones, mediciones, encuestas, entrevistas, etc.); el segundo nivel corresponde a procesos más generales que denomina metaprocesos, y que gobiernan o determinan los procesos de primer nivel. Estos pueden, a su vez, estar determinados por procesos de tercer nivel (por ejemplo, políticas nacionales de desarrollo, modificaciones del mercado internacional, internacionalización de capitales, etc.).

Los distintos niveles de procesos requieren niveles de análisis correspondientes. Las diferencias entre los niveles de análisis son fundamentales. Hay una primera diferencia en la escala de los fenómenos: los procesos de primer nivel son esencialmente locales (aunque tengan un alto grado de generalidad en cuanto a su repetición en zonas extensas o en lugares diversos). Los procesos de segundo nivel son regionales o nacionales. Los de tercer nivel son nacionales e internacionales. Los tres niveles tienen dinámicas diferentes y actores diferentes. Están, sin embargo, claramente interrelacionados: el análisis de los procesos del tercer nivel provee una explicación de los procesos del segundo nivel; el análisis de este último provee una explicación de los procesos del primer nivel.

En segundo lugar, se concibe a la inserción internacional fundamentalmente como “la relación del país con la economía mundial, la cual se manifiesta de manera multidimensional bajo el actual proceso globalizador”. Sin embargo, en última instancia “podemos comprender la misma a partir de la posición, el rol y la dinámica que una determinada economía desempeña en la división internacional del trabajo a través de dos canales fundamentales: las corrientes de comercio exterior y las de capitales transnacionales”. (Fernández Equiza A, 2013)

En tercer y último lugar, todas estas observaciones se relacionan con el modelo de desarrollo generado a partir de la transformación en el agro luego de la Revolución Verde. La misma fue considerada un cambio radical en las prácticas agrícolas hasta entonces utilizadas y definida como un proceso de modernización de la agricultura, desarrollándose con ella la Agricultura Industrial. Se realiza la definición de la misma a partir del aporte de Eduardo Gudynas (2008), quien define a este paradigma como “neo-extractivista”, el cual es un “nuevo estilo de extractivismo” que se genera a través de una versión de la agricultura basada en monocultivos y orientada a la exportación. Se caracteriza por ser de “cuño progresista” debido a que los nuevos gobiernos latinoamericanos, han mejorado la distribución del ingreso y disminuido la pobreza, aunque no han modificado sustancialmente el extractivismo, en el sentido de resolver los impactos sociales y ambientales, bajo una transición a otro estilo de desarrollo que no dependa de las exportaciones de materia prima.

### *Bibliografía*

CECCON, Eliane: “La Revolución Verde, tragedia en dos actos”. Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias - Universidad Nacional Autónoma de México (julio-septiembre 2008). México, 2008

CARRASCO, Andrés E., SÁNCHEZ, Norma E. y TAMAGNO Liliana E. “Modelo agrícola e impacto socio-ambiental en la Argentina: monocultivo y agronegocios”. AUGM- Asociación de Universidades Grupo Montevideo y Universidad Nacional de La Plata. La Plata, 2012

GARCIA, Rolando. “Sistemas complejos. Conceptos, método y fundamentación epistemológica de la investigación interdisciplinaria”. Ed. Gedisa. Barcelona, 2006

FERNÁNDEZ EQUIZA, Ana M. (coord). "Territorios, Economía Internacional y conflictos socioambientales". 1a ed. Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Centro de Investigaciones Geográficas, IGEHCS, FCH. Tandil, 2013.

GUDYNAS, Eduardo. "Un análisis preliminar de las transformaciones recientes en la agricultura latinoamericana" en SILVA, Consuelo (editor): "Economía crítica y desarrollo Nº 5". LOM Ediciones. Chile, 2008.

e-mail: micaz\_45@hotmail.com

## **GEOGRAFÍA DEL COMERCIO Y CAMBIO CLIMÁTICO: un estudio exploratorio de la relación entre los acuerdos internacionales sobre la emisión de gases de efecto invernadero y el transporte marítimo de mercancías.**

Dra Elda Tancredi; Magister Fernanda González Maraschio  
División Geografía, Departamento de Ciencias Sociales, Universidad Nacional de Luján  
Eldatancredi1@gmail.com; mfgmaraschio@gmail.com

El trabajo que aquí se presenta resume las intenciones de un proyecto de investigación recientemente iniciado en el Departamento de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional de Luján. En él se pretende articular los resultados de estudios desarrollados sobre la geografía del comercio internacional con la problemática específica del cambio climático global, las negociaciones multilaterales en la Convención Marco de Naciones Unidas sobre Cambio Climático (UNFCCC) y los estudios desarrollados por el Panel Intergubernamental sobre Cambio Climático (IPCC) y la Organización Marítima Internacional (OMI) sobre la relación entre el transporte marítimo de mercancías y la emisión de gases de efecto invernadero (GEI). Si bien mucho ya se ha investigado sobre el cambio climático y la emisión sectorial de GEI (en especial el impacto del sector transporte en dichas emisiones), en una primera revisión de bibliografía que se ha realizado como base para la definición de la propuesta puede sostenerse que no se han desarrollado muchos estudios específicos que aborden el impacto del transporte marítimo de mercancías sobre el cambio climático; las principales tendencias en función de las participaciones diferenciales de los países y las distintas regiones en el comercio y transporte internacional de mercancías, y por lo tanto la incidencia diferencial en las emisiones; y la incidencia que las nuevas normativas sobre eficiencia energética pueden tener sobre los costos del comercio, en especial en los países emergentes y en desarrollo, y en particular los que conforman el BRICS y Argentina.

Por ello en este proyecto se abordan, en una primera exploración, tres aspectos centrales: lo evaluado por el IPCC sobre las emisiones de GEI en el sector transporte y su relación con las negociaciones y compromisos de los países asumidos durante la COP21 de la UNFCCC en 2015; la ponderación de los intercambios comerciales por vía marítima; la normativa sobre eficiencia energética y desarrollo sustentable en buques y puertos y una primera evaluación de impacto sobre los costos del comercio. Sobre estos tres aspectos versa esta ponencia, presentando así los principales lineamientos sobre los que se basa la investigación.

### **(a) Sobre las evaluaciones del IPCC y la emisión sectorial de gases de efecto invernadero, para la toma de decisiones políticas.**

A escala global, y establecido en 1988 conjuntamente por la Organización Meteorológica Mundial (OMM) y el Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente (PNUMA), el IPCC es el organismo que elabora las evaluaciones científicas y técnicas (informes de evaluación, informes especiales, documentos técnicos, informes metodológicos y otros) que se han convertido en obras de referencia autorizadas y sustento de muchas de las políticas definidas por la Convención Marco de Naciones Unidas sobre Cambio Climático (UNFCCC). Ella lo define como el *“cambio del clima atribuido directa o indirectamente a la actividad humana, que altera la composición de la atmósfera mundial y que viene a sumarse a la variabilidad climática natural observada en períodos de tiempo comparables”*.

Como primer instrumento jurídico internacional obligatorio sobre el cambio climático, la Convención establece principios, obligaciones generales y protocolos como compromisos complementarios, persiguiendo el objetivo de lograr la estabilización de la concentración en la atmósfera de los GEI a un nivel que pueda: a) prevenir las

interferencias antropogénicas peligrosas con el sistema climático, dentro de un marco temporal suficiente como para permitir a los ecosistemas a adaptarse naturalmente al cambio; b) asegurar que la producción de alimentos no se vea amenazada; y c) permitir el desarrollo económico sustentable. Las actividades humanas que se vinculan con la emisión son las relacionadas con la combustión de petróleo (industrias energéticas, manufactureras y de construcción, transporte); las fugas de combustibles sólidos, gas natural y petróleo; los procesos industriales que utilizan productos minerales, químicos y metales; el uso de solventes, la agricultura y la generación de residuos. Sin embargo, más allá de los compromisos políticos asumidos y negociados en las sucesivas Conferencias de las Partes (COP) desde 1992, se sigue observando *“con grave preocupación el importante desfase que existe entre el efecto agregado de las promesas de mitigación de las partes para el año 2020 en lo que respecta a las emisiones anuales mundiales de gases de efecto invernadero y la trayectoria que deben seguir las emisiones agregadas para que haya una buena probabilidad de mantener el aumento de la temperatura mundial media por debajo de 2°C o 1,5°C con respecto a los niveles preindustriales. (A/CONF.216/L.1:40).*

El Quinto Informe de Evaluación (AR-5) del IPCC, publicado en 2013/2014, demuestra (con una seguridad del 95%) que la actividad humana es la causa dominante del calentamiento observado desde mediados del siglo XX. Y confirma que el calentamiento en el sistema climático es inequívoco, sin precedentes en los últimos decenios a milenios: la atmósfera y el océano se han calentado, los volúmenes de nieve y hielo han disminuido, el nivel del mar se ha elevado y las concentraciones de GEI han aumentado. La evaluación demuestra que las concentraciones atmosféricas de los GEI, a saber: dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), metano (CH<sub>4</sub>) y óxido nitroso (N<sub>2</sub>O), han aumentado desde 1750 el 40%, el 150% y el 20%, respectivamente, debido a la actividad humana (IPCC, 2013:11). Se estima, además, que a menos que se tomen medidas significativas en las actuales políticas de mitigación del cambio climático y en las prácticas de desarrollo sostenible conexas, las emisiones mundiales de GEI seguirán aumentando en más del 70% entre 2008 y 2050.

Las siguientes afirmaciones realizadas por el IPCC son importantes para nuestro estudio:

(1) Se prevé un cambio en la estructura regional de las emisiones de GEI. Tradicionalmente, son los países industrializados los que han emitido grandes cantidades de dióxido de carbono de procedencia energética. En la actualidad, el volumen total anual de emisiones GEI de los países industrializados y los países en desarrollo es aproximadamente igual, y 8 de los 20 países con mayores niveles de emisiones son países en desarrollo (OMC/PNUMA, 2009). Se estima además que, si no se modifican las políticas sobre emisiones, en 2030 las emisiones de CO<sub>2</sub> de los países no pertenecientes a la OCDE, y entre ellos particularmente los BRICS, serán un 72% superior a las de países de la OCDE.

(2) Las emisiones de CO<sub>2</sub>, que sigue siendo el principal GEI antropogénico con el 76% del total procedentes de la quema de combustibles fósiles y los procesos industriales, contribuyen en alrededor del 78% del aumento de las emisiones de GEI totales de 1970 a 2010.

(3) El aumento de las emisiones antropógenas anuales de GEI corresponde de forma directa a los sectores del suministro de energía (47%), la industria (30%), el transporte (11%) y los edificios (3%). A nivel mundial, los aumentos en las emisiones de CO<sub>2</sub> derivadas de la quema de combustibles fósiles son superiores a las reducciones en las emisiones derivadas de las mejoras en la intensidad energética.

(4) El sector del transporte es responsable del 27% del uso de la energía final en 2010, y las proyecciones apuntan a que las emisiones de CO<sub>2</sub> duplicarían en 2050. Este crecimiento en las emisiones debido a la creciente actividad mundial de traslado de pasajeros y fletes podría compensar en parte las futuras medidas de mitigación, incluidas las mejoras en las emisiones de carbono y la intensidad energética de los

combustibles, el desarrollo de infraestructura, el cambio de comportamiento y la aplicación general de las políticas.

(5) En términos de emisiones de CO<sub>2</sub> por tonelada de carga transportada por milla, se reconoce que el transporte marítimo es el medio de transporte comercial más eficaz. Se estima que ha emitido 796 millones de toneladas de CO<sub>2</sub> en el año 2012, representando no más del 2,2% del volumen de emisiones totales; pero si bien ellas han disminuido desde el año 2007 cuando representaron el 2,8% de las emisiones, se espera un crecimiento derivado del transporte marítimo internacional entre el 50% al 250% hacia el año 2050 (UNFCCC/SBSTA/2014/MISC.9:22). Además, por la enorme escala del sector mundial del transporte marítimo, se estima que las emisiones (en especial las de los buques-tanque y los portacontenedores) representan el 11,8% de las emisiones del sector transporte; aunque de acuerdo con el IPCC-AR5, la navegación internacional más la costera representa una parte menor: 9,26% del total. Según la Organización Marítima Internacional (OMI), las emisiones aumentarán en un factor de 2,4 a 3 entre 2007 y 2050 (UNCTAD, 2008; OMC/PNUMA, 2009).

#### **(b) La geografía del transporte marítimo de mercancías.**

Desde los inicios del siglo XXI, pueden señalarse tres características económicas sustantivas globales:

(1) El crecimiento exponencial de los intercambios comerciales. De acuerdo con los datos oficiales disponibles de la Organización Mundial del Comercio (OMC, 2015), las exportaciones mundiales de mercancías han experimentado un fuerte crecimiento en el transcurso de los últimos 20 años. En 2014 ascendieron a U\$S18,494 billones, una cifra casi cuatro veces superior a lo registrado en 1995. A la par, el valor del comercio de servicios consigna U\$S 4,9 billones; por lo que en el año 2014 el valor total del comercio (mercancías más servicios comerciales) asciende a U\$S 23,43 billones.

(2) La profundización de la integración regional y la cooperación Sur-Sur, que iría, como tendencia, reconfigurando las seculares relaciones desiguales entre el norte y el sur. De todas formas, Europa sigue siendo la principal región de origen y de destino de los flujos comerciales; seguida por Asia, cuya importancia como región comercial ha aumentado sustancialmente; y finalmente América del Norte. Durante los últimos 20 años, también ha aumentado la participación de las economías en desarrollo en el comercio internacional, en especial las denominadas economías emergentes del sudeste asiático (en especial China); su importancia como destino aumenta del 26% en 1995 al 39% en 2014, mientras que la de las exportaciones destinadas a las economías desarrolladas disminuyen del 68% en 1995 al 56% en 2014. Si bien en los últimos años las regiones marginadas del comercio mundial (América del Sur, Central y Caribe, África, Oriente Medio, Comunidad de Estados Independientes) muestran dicho aumento de su participación, ello corresponde a sólo algunos países de las mismas, de alto dinamismo exportador; pues en conjunto representan apenas el 17,8% del total mundial de exportaciones de mercancías

(3) La significativa expansión de las cadenas globales de valor, que representan la forma de desagregación y deslocalización de la producción de mercancías y servicios, que ha conducido a una nueva división internacional de la producción. Así, el comercio internacional y la inversión extranjera directa se entrelazan a través de las redes internacionales de empresas que invierten en todo el mundo, así como en la comercialización de insumos que forman parte de las cadenas de valor transfronterizas (intra-empresa o inter-firmas, regionales o de naturaleza global) con distintos grados de complejidad, cuyos eslabones se localizan en diferentes países o regiones que interactúan en una dinámica continua. Se estima que casi la mitad (el 49%) del comercio mundial de mercancías y servicios se lleva a cabo a través de cadenas de valor mundiales, frente a un 36% en 1995 (OMC, 2015b), en una clara dimensión regional (o “fábricas”) en el mundo: la “Fábrica Europa” (centrada en Alemania), la “Fábrica Norteamérica” (centrada en los Estados Unidos), y la “Fábrica Asia” (centrada originalmente en el Japón y más recientemente en China), las que se

caracterizan por altos porcentajes de comercio intrarregional, en especial de bienes intermedios.

El crecimiento del PBI global, el comercio de mercancías y el transporte marítimo se mueven articuladamente: el 80% del comercio mundial se realiza por vía marítima y los puertos tienen una función crucial como puntos de enlace en las cadenas globales de valor. Se estima que circulan en los puertos más de 9.800 millones de toneladas de bienes; que los flujos de carga seca (productos básicos secos principales y secundarios transportados a granel, carga general, carga fraccionada y comercio contenedorizado) representan la mayor proporción (70,2%) seguida por el tráfico de buques tanque (petróleo crudo, derivados de petróleo y gas (con una proporción del 29,8%); donde los principales productos exportados por vía marítima son el petróleo (17% de la carga) y mercancías en contenedores (15%) (UNCTAD, 2015).

Los países en desarrollo han aumentado su contribución a estos flujos, aunque en términos individuales la contribución sigue siendo desigual; en ellos se mantiene como tendencia que los volúmenes de mercancías embarcadas en los países en desarrollo sean mayores a las desembarcadas, aunque el valor se está equiparando en los últimos años. Regionalmente, Asia se constituye como principal área de carga y descarga; y le siguen en importancia América en lo que respecta a cargas y Europa en lo que respecta a descargas. Aunque el papel de África en el comercio marítimo es marginal, su progresiva especialización en la exportación de recursos naturales establece un potencial crecimiento. En conjunto, el comercio intra-regional (liderado por el comercio intra-asiático) y el comercio Sur-Sur representaron el 39,8% del comercio contenedorizado, seguidos en orden descendente por el comercio Norte-Sur (17%), el comercio transpacífico (13,6%), el comercio entre Oriente y Europa (13,1%), el comercio Esto-Oeste secundario (12,6%) y el comercio transatlántico (3,9%).

La fragmentación global de la producción y el desarrollo de sistemas multimodales de transporte internacional son los elementos que conducen también a una reorganización de los puertos. Como sostiene Martner (2010), el hemisferio norte tiene determinaciones profundas sobre la configuración espacial de los flujos, así como sobre la conformación de los puertos hubs y de los principales corredores de transporte multimodal internacional. *“Los flujos de carga movilizadas en contenedores reproducen, aunque no de manera idéntica, los patrones de concentración en torno a estas tres regiones continentales; por lo tanto, los movimientos Este-Oeste en el hemisferio norte adquieren gran densidad y concentran a los puertos y sistemas de transporte más importantes del mundo...en torno a los paralelos 30 y 60 del hemisferio norte”* (Martner, 2010: 333).

### **(c) La normativa sobre reducción de emisiones, eficiencia energética y desarrollo sustentable en buques y puertos como base para una primera evaluación de impacto sobre los costos del comercio marítimo en países emergentes y en desarrollo**

A medida que el transporte marítimo internacional aumenta en paralelo con la actividad comercial y económica, uno de los principales desafíos -especialmente desde la perspectiva del desarrollo social y ambientalmente sostenible, así como desde el punto de vista del transporte y la facilitación del comercio- consiste en reducir las emisiones de GEI (sobre todo CO<sub>2</sub>) y establecer políticas de mitigación y adaptación ante los efectos observados y proyectados del cambio climático.

La Organización Marítima Internacional, establecida por los gobiernos como una agencia especializada de Naciones Unidas como sustento para la cooperación intergubernamental en el área de la regulación marítima vinculada al comercio internacional, es la responsable por la regulación global de todos los aspectos de la navegación. Juega así un rol central con el propósito de asegurar que la vida en el mar no sea puesta en riesgo, incluyendo la seguridad naviera, así como que el ambiente no sea contaminado por las operaciones de los buques. Es esta organización la que encabeza la labor internacional sobre los aspectos técnicos y la mitigación para elaborar instrumentos vinculantes, y ha recientemente adoptado un conjunto de

medidas técnicas y operativas para mejorar la eficiencia energética y de emisión de GEI de los buques, como por ejemplo, el índice de Eficiencia Energética (para buques nuevos), con la intención de que promueva el comercio y, a su vez, la eficiencia energética y el desarrollo sostenible respetando el principio de las "responsabilidades comunes pero diferenciadas" entre países con desiguales desarrollos. Pero también los puertos marítimos exigen especial atención, no solo por ser puntos de enlace de las cadenas mundiales de suministro sino por ser vulnerables a los efectos del cambio climático y a sus riesgos asociados, puesto que se encuentran en zonas costeras, tierras bajas y deltas. Otro de los principales desafíos, sobre todo para los puertos de contenedores, es la mejora de las instalaciones para atender el aumento del tamaño de los buques y las presiones que esto supone sobre los aspectos espaciales y temporales de la manipulación de la carga. Pero además están sometidos a presiones cada vez mayores para reducir los efectos que tienen sobre el medio ambiente, con impactos que pueden clasificarse en tres esferas: las emisiones (en especial de GEI), las operaciones de carga y la contaminación accidental.

Antes estas nuevas normativas, resulta necesario estudiar también las posibles ramificaciones económicas y comerciales de un nuevo sistema de regulación de las emisiones de GEI procedentes del transporte marítimo, en particular para los países en desarrollo, prestando atención a las necesidades de adaptación, que hasta ahora han suscitado limitado interés.

Esta vinculación de los desafíos del cambio climático con las tendencias del transporte marítimo internacional y sus emisiones de GEI será precisamente el eje de este proyecto de investigación exploratorio e interdisciplinario sobre la geografía del comercio internacional. La base documental principal se conforma de documentos del PNUMA y la OMC sobre la relación existente entre el comercio y el ambiente, en especial aquellos referidos al cambio climático; los documentos publicados desde el año 2001 por la UNCTAD (Conferencia de Naciones Unidas sobre el comercio y el desarrollo) referidos al transporte marítimo, en especial el desarrollo otorgado a la vinculación entre éste y las problemáticas ambientales; los documentos de la Organización Marítima Internacional sobre políticas de reducción de emisiones de GEI, eficiencia ambiental en el transporte marítimo y en los puertos y normativa; los documentos elaborados en los procesos de negociaciones multilaterales vinculadas con el cambio climático en particular en el denominado proceso post-2015 de la UNFCCC-COP21 (París, diciembre 2015); así como también los compromisos y los esfuerzos estratégicos para combatir el cambio climático (en especial en el sector Transporte marítimo y puertos) expresados en las "Contribuciones Nacionalmente Determinadas" (INDC) ante la UNFCCC, asumidos por los países BRICS y Argentina, tomados como caso particular de estudio.

#### Bibliografía

- Convención Marco de las Naciones Unidas sobre Cambio climático (UNFCCC)  
<http://newsroom.unfccc.int/>
- IPCC (2014) Climate Change 2014: Impacts Adaptation and Vulnerability (WGII)
- IPCC (2014) Climate Change 2014: Mitigation of Climate Change" (WGIII)  
[http://www.ipcc.ch/news\\_and\\_events/docs/factsheets/FS\\_timeline\\_es.pdf](http://www.ipcc.ch/news_and_events/docs/factsheets/FS_timeline_es.pdf)
- Martner Peyrelongue, Carlos (2010) Puertos, espacio y globalización: el desarrollo de hubs en México. Convergencia, Revista de Ciencias Sociales nº 52, Universidad Autónoma del Estado de México.
- OMC (2015) Estadísticas del comercio internacional 2015. [www.wto.org](http://www.wto.org)
- OMC (2015b) Informe sobre el comercio internacional 2015. [www.wto.org](http://www.wto.org)
- OMC/PNUMA (2009) El Comercio y el Cambio Climático. Organización Mundial del Comercio. ISBN: 978-92-870-3524-0
- Tancredi, Elda y González Maraschio María F. (2015) La Permanencia de las Tendencias Globales y la Emergencia de Nuevas Economías en la Geografía del Comercio Internacional. Revista del Departamento de Ciencias Sociales, Vol 2 Nro 2:2-32
- UNCTAD (2008) El transporte marítimo y el reto del cambio climático. Nota de la secretaría de la UNCTAD. TD/B/C.I/MEM.1/2
- UNCTAD (2015) Review of Maritime Transport 2015  
[\[http://unctad.org/en/pages/PublicationWebflyer.aspx?publicationid=1374\]](http://unctad.org/en/pages/PublicationWebflyer.aspx?publicationid=1374)

-UNFCCC (2014). Informe de la Conferencia de las Partes sobre su 19º período de sesiones, celebrado en Varsovia del 11 al 23 de noviembre de 2013. FCCC/CP/2013/10/Add.1.





## **ESTRUCTURA TERRITORIAL DE LA PESCA COMERCIAL RIBEREÑA EN EL ÁREA DE PROTECCIÓN DE FLORA Y FAUNA LAGUNA DE TÉRMINOS, CAMPECHE (MÉXICO)**

Giselle Jazmín Campos Flores  
Licenciatura en Geografía  
Colegio de Geografía  
Facultad de Filosofía y Letras  
Universidad Nacional Autónoma de México  
Ciudad de México

El objetivo general de este trabajo es revelar la estructura territorial de la pesca comercial ribereña en la Laguna de Términos declarada por el Sistema Nacional de Áreas Naturales Protegidas (ANP) de México como Área de Protección de Flora y Fauna (APFF). La Laguna de Términos se localiza en los municipios de Carmen, Palizada y Champotón, en la zona costera al suroeste del estado de Campeche. Dentro de la laguna existe un conjunto de hábitats aptos para especies pesqueras de alto valor comercial como el camarón, el robalo, la corvina, el pargo y la jaiba, entre otros. La importancia de la pesca comercial ribereña depende de la privilegiada posición físico-geográfica de la laguna, situada entre el Estero Sabancuy y entre los ríos San Pedro y San Pablo. Lo que ha favorecido a la población involucrada y a la economía local. Sin embargo, a pesar de ser una actividad económica relevante para el estado de Campeche, la estructura territorial de la pesca comercial ribereña en la Laguna de Términos no se encuentra identificada. No existe un registro del producto desembarcado, de la cantidad de captura ni de las plantas de almacenamiento. Además, la interacción con otras actividades económicas como la extracción de petróleo y gas natural han representado mayor importancia para la región; al ser fuentes de trabajo mejor remunerado. La pesca comercial ribereña presenta características importantes, que están determinadas por la localidad en la que se encuentran, lo que permite identificar diversas formas de organización económica.

Esta investigación expondrá la importancia del sector pesquero en determinadas localidades costeras. Para ello, trata de ampliar el conocimiento que se tiene de la dinámica de la pesca comercial ribereña y la organización económica de esta actividad. Se pretende así, saldar una parte de la deuda académica contraída por los escasos estudios geográficos sobre dicho tema. Dicha investigación contribuirá al fortalecimiento investigativo de las áreas concernientes a la Geografía económica y los recursos naturales. Promoverá la introducción de nuevos trabajos relacionados con la pesca y la preservación de las ANP y apoyará a temas relacionados con la gestión y ordenamiento del territorio.

La presente proyecto de investigación favorecerá la identificación precisa del número de pescadores que existe en la Laguna de Términos y su organización, lo que llevará a un reconocimiento amplio de la dinámica de esta actividad económica. Así, se podrá contar con una mayor cantidad de datos que sirva para la implementación de proyectos que mejoren la calidad de vida de los pescadores por medio del desarrollo sostenible. La

investigación llevará consigo la revelación de un nuevo conocimiento sobre la configuración espacial e interacción entre pesca ribereña y el APFF Laguna de Términos.

El concepto de estructura territorial será el eje metodológico principal que, de acuerdo a Kostrowicki (1986), permite explicar la organización tangible de las actividades humanas en un espacio determinado. Éstas, debido a las diferencias en su distribución, generarán una formación de objetos de diferentes clases y tipos mezclada entre sí, dando como resultado una interacción con otros medios lo que promoverá una diversificación en las actividades y formas de organización distintas en cada espacio geográfico.

De manera general, podemos entender que la organización espacial posee dos componentes: la estructura territorial y los procesos territoriales. El primero encausado a explicar el arreglo espacial e identificación de elementos constreñidos en un espacio aparentemente organizado en función de los lugares de producción y consumo, además de las interacciones físicas y funcionales. Los procesos territoriales se refieren a una dimensión histórica que permite explicar la configuración territorial de un espacio determinado gracias a la evolución social, política, cultural y económica de dicho lugar.

La estructura territorial está constituida por elementos físicos, tangibles y dinámicos, que de alguna manera son los causantes de explicar las razones del porqué una actividad económica se puede desarrollar en un lugar determinado y no en otro. La localización del recurso, en este caso el de naturaleza marina determina la ocupación de las distintas localidades que se encuentran dentro del APFF Laguna de Términos. No obstante, para esta investigación será la estructura física y funcional, la infraestructura tangible; que es visible en el territorio, y las localidades geográficas las que permitirán declarar el desarrollo social y económico de una sociedad.

La comprensión de dicho posicionamiento debe dividirse en dos categorías: la producción (1) y el consumo (2). Ambas se encuentran bien definidas en el territorio y entre ellas existe una red física interconectada, cuya función se visualiza como las manifestaciones físicas y funcionales de intercambio. Así es necesario diferenciar entre aquellos sitios de producción, consumo y la estructura que las conecta. Estos resultados serán cartografiados, de manera que permitan ilustrar e interpretar el conjunto de contradicciones humanas y de desigualdad social entre la pesca comercial ribereña y las demás actividades económicas con las que interactúa y la conjunción que tiene con el ANP en la que está inmersa la actividad, que sin lugar a dudas forma parte de su estructura territorial.

En México la actividad pesquera se encuentra regulada por la Ley General de Pesca y Acuicultura Sustentables, la cual fue aprobada el 25 de junio de 1992 en el marco del Artículo 27 de la Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos, en lo que refiere a los recursos naturales de la Nación. Esta ley fue la responsable de impulsar la Carta Nacional Pesquera, que tiene como principal objetivo ser el órgano regulador de la toma de decisiones sobre el aprovechamiento y conservación de los recursos pesqueros y acuícolas en aguas de jurisdicción federal. La Carta Nacional Pesquera a través de las Normas Mexicanas Oficiales regula las temporadas de veda de las distintas especies marinas, las restricciones en los distintos cuerpos de agua o zonas marítimas, las especificaciones de restricciones de tamaño, de embarcaciones y equipo, licencias de

pesca, así como la entrada limitada de nuevos pescadores, niveles de captura permitida, entre otros.

Según el artículo 4° de la Ley General de Pesca y Acuicultura Sustentable la pesca es el “acto de extraer, capturar, recolectar o cultivar, por cualquier procedimiento, especies biológicas o elementos biogénicos cuyo medio de vida total, parcial o temporal sea el agua, así como los actos previos o posteriores relacionados con ellas”.

De acuerdo con el Glosario de términos relacionados con la pesca (2006) la pesca ribereña es “La captura o extracción que se realiza en bahías, sistemas lagunares, estuarios y en el mar, hasta un límite de tres millas náuticas a la costa (5.6 km). En la mayoría de los casos se practica en embarcaciones menores.” El concepto de pesca artesanal puede variar en función de los distintos agentes, es por ello que también es conocida como pesca a pequeña escala, la cual se justifica como una pesca carente o con un mínimo de tecnología; canales de comercialización locales o muy cercanos al lugar de origen y una diversificación laboral por parte de los pescadores.

A manera de conclusión, diremos que la pesca comercial ribereña es aquella actividad extractiva de organismos biogénicos que se lleva a cabo en ecosistemas costeros, lagunas o ríos y/o muy cercanos a la línea de litoral, que además ofrece cierta estabilidad económica a la población involucrada, provocada por la venta y comercialización de los productos extraídos del mar. Equipada con nulo o poco desarrollo tecnológico pero diseñada para la captura, así mismo se distingue por el poco tiempo de autonomía para navegar, con una importante fuerza de trabajo y una mínima inversión de capital, lo que permite mantener una diversificación de las especies extraídas. Y la importancia de ella radica en la cantidad de población que se dedica a este sector económico, su vulnerabilidad y la falta de interés por parte de la población en general que no tiene una visión de prosperidad hacia las costas mexicanas.

La presente propuesta del proyecto de investigación está financiada por el Programa de Apoyo a Proyectos de Investigación e Innovación Tecnológica (PAPIIT) que lleva como título Organización del sector pesquero comercial ribereño en las áreas naturales protegidas del Estado de Campeche, correspondiente a la clave IA300716.

## IMPACTO TERRITORIAL DE LA ACTIVIDAD PESQUERA COMERCIAL RIBEREÑA EN LA RESERVA DE LA BIOSFERA RÍA CELESTÚN (MÉXICO)

*José Manuel Crespo Guerrero*  
*Departamento de Geografía Económica*  
*Instituto de Geografía*  
*Universidad Nacional Autónoma de México*  
*Ciudad de México, México*  
*jcrespo@igg.unam.mx*

*Araceli Jiménez Pelcastre*  
*Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades*  
*Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*  
*Pachuca, México*  
*aracelijip@hotmail.com*

La pesca comercial ribereña es una práctica económica común para las poblaciones que viven en las áreas naturales protegidas de naturaleza marítimo-terrestre. El presente trabajo tiene como objetivo describir la forma organizativa de la pesca comercial ribereña en la reserva de la biosfera de Ría Celestún (noroeste de la península mexicana de Yucatán). Se mostrará cómo la organización y la regulación oficial de la actividad se completan con una distribución de los espacios de aprovechamiento de naturaleza sociocultural que están siendo modificados por la demanda de los mercados internacionales (estadounidense, europeo y asiático). Para ello, se utilizarán datos cuantitativos y cualitativos procedentes respectivamente, de las instituciones públicas y entidades privadas implicadas y el trabajo de campo.

La Carta Nacional Acuícola de México entiende el sector pesquero como el conjunto de actividades que tienen origen en el aprovechamiento de los recursos de la flora y fauna acuáticas, y está especializado en la captura y el cultivo de esos recursos, su transformación y comercialización. Es parte del quehacer económico de las zonas del litoral mexicano y adquiere vital importancia en la generación de alimentos de alto valor nutritivo, empleo e ingresos económicos para la población. Asimismo es una fuente de insumos para la industria alimentaria y de divisas para los Estados Unidos Mexicanos.

Las modalidades de captura son variadas y dependen de factores como el arte de pesca (de arrastre, anzuelo, arpón...), la cercanía o lejanía a la línea de costa (de ribera, altura y gran altura) y el fin por el que se realice (en el contexto mexicano: deportivo, comercial, didáctico, consumo directo y fomento). La pesca comercial tiene propósitos económicos y está clasificada en función de las características de la embarcación en: de altura y ribereña. La modalidad de pesca que nos ocupa, es la pesca comercial ribereña que según la Secretaría de Agricultura Ganadería y

Desarrollo Rural (2012), se practica en embarcaciones con eslora menor o igual a 10 m.

La pesca artesanal y comercial ribereña, aunque parezcan sinónimas, son más bien complementarias. En líneas generales, la motorización y modernización de la flota han introducido modificaciones en prácticas y técnicas tradicionales que han mutado el *modus operandi* de los pescadores. El término “pesca artesanal” no aparece reconocido en ningún texto legal mexicano. En todo caso, tanto la pesca artesanal como la comercial ribereña, se encuadran en la denominada por la FAO (2011): pesca en pequeña escala. Esta última no dispone de una definición universal, pero diversos países la emplean refiriéndose a una modalidad haliéutica que utiliza unos criterios relativos a un tamaño reducido y/o un tipo determinado de embarcación, la utilización o no de motor, la modalidad de captura, el tiempo dedicado a las faenas, los conocimientos empleados, la tecnología desarrollada y siempre emprendida sobre la plataforma continental.

La pesca artesanal, por su producción, forma de organización legal y deficiencias en las infraestructuras de conservación de la mercancía, abastece fundamentalmente al mercado local. Además, los pescadores suelen tener otras actividades económicas: plurifuncionalidad laboral.

La pesca comercial ribereña, dispone de unas embarcaciones con motores fueraborda más potentes e infraestructura de conservación del pescado en la lancha. Lo que permite una mayor capacidad de captura y un mejor mantenimiento del producto. Da lugar a una gama mayor de tipologías de pescador. También, existe un esfuerzo en el manejo del producto, en pos de la calidad y la higiene, con el fin de obtener permisos de comercialización internacional. Todo ello, se refleja en una mayor tecnificación, nuevos espacios de conservación/almacenaje y una red de distribución bien articulada que va más allá de las fronteras. Desde luego, la forma y estructura de la organización legal en la pesca comercial ribereña también presenta ciertas particularidades.

La pesca debe ser considerada un recurso natural renovable, siempre y cuando su tasa de regeneración sea superior a la de explotación. La tradicional visión de que los océanos son un lugar inagotable de recursos ha sido superada. El manejo pesquero de tipo sostenible es fundamental para la conservación de los recursos marinos. La pesca tradicional, en términos generales, es respetuosa con los ritmos de la naturaleza. La irrupción de los mercados internacionales en estos espacios periféricos y la regulación por parte del Estado ¿cómo han modificado las formas de organización del sector?

En México, la Ley General de Equilibrio Ecológico y Protección del Ambiente (LGEEPA) considera seis categorías de protección. Según la Comisión Nacional de Áreas Naturales Protegidas (CONANP), a principios del 2016, habían 177 ANP de jurisdicción federal que abarcaban una extensión de 25.628.230 ha. Existían 66 Parques nacionales, convirtiéndose en la figura más frecuente; sin embargo, superficialmente no era la más representativa pues se contabilizaban 1.411.319 ha protegidas bajo mencionada categoría. Le seguían las de Reserva de la biosfera (41, extendidas por 12.751.149 ha), Área de protección de flora y fauna (39 que ocupaban una superficie de 6.795.963 ha), Santuario (18 con 150.193 ha), Área de protección de

recursos naturales (ocho, distribuidas en 4.503.345 ha) y Monumento natural (cinco emplazados sobre 16.269 ha). Había contabilizadas 69 ANP en ecosistemas marinos y litorales, de las cuales 36 eran exclusivamente áreas marinas protegidas (AMP). En definitiva, el 10,57% de la superficie terrestre y el 1,54% del mar territorial mexicano (franja de mar adyacente al continente e islas, que se extiende hasta las 12 millas náuticas mar adentro desde la línea de costa), se encontraban bajo alguna categoría de protección establecida en la LGEEPA.

Si bien la figura Reserva de la Biosfera, no es la más común, sí es la que abarca mayor superficie de todas las categorías federales de conservación. Actualmente, hay 14 reservas marinas y marítimo-terrestres. De las 12.751.149 ha extendidas por las reservas de la biosfera, poco más del 71% corresponde a superficie terrestre y algo menos del 29% a zonas marinas (dato muy superior al conjunto federal de ANP). La superficie sobre la tierra media de una reserva en México alcanza las 311.000 ha. El área media marina protegida alcanza casi las 220.000 ha. En el ámbito de las reservas de la biosfera, la mayor extensión marina protegida es la de Islas Marías (océano Pacífico, estado de Nayarit) con 616.989,57 ha y la de menor es precisamente Ría Celestún con 19.555,76 ha (golfo de México, estados de Campeche y Yucatán).

El decreto de creación de la Reserva de la biosfera Ría Celestún (RBRC) se publicó el 27 de noviembre del 2000; dos años después se aprobó su programa de manejo. La reserva, situada al noroeste de la península de Yucatán, comprende una superficie total de 81.492,33 ha (61.926,57 ha es de superficie terrestre y el resto marinas). Se considera una reserva pequeña; por su superficie ocupa la posición número 30 entre las 41 existentes. Es casi 4 veces más pequeña que la superficie media nacional de las reservas de la biosfera. Dentro de dicha categoría y del grupo de naturaleza marítima y marítimo-terrestre, su superficie marina es 11 veces menor a la media nacional, aunque representa el 25% de su área protegida.

Desde un punto de vista administrativo, la RBRC se extiende por los municipios de Celestún, Maxcanú y Calkiní. Los dos primeros pertenecen al estado de Yucatán y el último al de Campeche. Únicamente hay dos localidades costeras: Isla Arena (municipio de Calkiní) y Celestún.

Isla Arena y Celestún son las dos únicas localidades de la RBRC, eminentemente pesqueras. La primera localidad, tiene tan solo 754 habitantes y la segunda 6.810. Según los últimos datos oficiales de 2010 (INEGI), la población empleada en Isla Arena alcanzaba los 242 trabajadores (231 pertenecen a la población masculina y sólo 11 a la femenina). Prácticamente, toda la población ocupada se dedica al sector de la pesca comercial ribereña, pues no hay censada ninguna embarcación mayor. Hay registradas unas 300 lanchas que representan el 8% de las 3.776 embarcaciones activas dedicadas a la pesca ribereña del estado de Campeche. En tiempos de la pesca del pulpo maya, las 300 lanchas dan trabajo a algo más de 600 pescadores-jornaleros. La pesca de este cefalópodo propicia movimientos migratorios temporales de trabajadores de otras localidades como Champotón (a 320 km de distancia por carretera), Villamadero (a 202 km), Seibaplaya (a 187 km) y Campeche (a 166 km). Los pescadores ribereños isleños no suelen separarse más de 10 M (18,52 km) de la línea de costa, allí pescan: corvina, jurel, pargo, chac chi y pulpo maya. Pero las distancias aumentan en la pesca del cazón, el mero y la rubia, los pescadores

comerciales llegan a distanciarse hasta las 40 M de la línea de costa (algo más de 74 km), lo que implica llegar a zonas con una profundidad que supera las 12 brazadas. Hay que tener presente que la plataforma continental es excepcionalmente ancha en esta zona occidental de la península de Yucatán, llega a alcanzar los 180 km (Lugo-Hubp, 1992). A pesar de esta característica, la zona marina protegida sólo abarca unos tres kilómetros mar adentro desde la línea de costa. Por lo que la actividad pesquera ribereña de esta localidad, al igual que la de Celestún, se realiza en aguas no protegidas. Ciertos colectivos pesqueros de Celestún están demandando un mayor control de la actividad pesquera. Incluso han solicitado la creación de espacios de no-pesca, denominados zonas de refugio pesquero. Es pues una oportunidad para el gobierno mexicano ampliar la zona marítima protegida de la RBRC pues contribuiría, no sólo a regular la actividad pesquera por medio de las herramientas que ofrecen las ANP, sino también para alcanzar las Metas de Aichi en el que se encuentra la protección del 10% de las zonas marinas y costeras (Objetivo estratégico C, meta 11).

Para dedicarse a la pesca comercial ribereña es necesario constituirse legalmente. Puede ser desde la esfera privada, mediante empresas o permisionarios; o desde el sector social, en sociedades cooperativas, sociedades de producción rural y solidaridad social y uniones de pescadores. La forma más habitual de organización es la de persona física con permiso de pesca. Popularmente esta figura es conocida como permisionario. En Isla Arena existen 137. También se presentan personas morales, donde se emplazan las sociedades cooperativas de producción pesquera. En la localidad isleña hay 5 cooperativas con un total de 150 lanchas. En promedio, cada una suele emplear a 30 trabajadores. Mayoritariamente los trabajadores provienen de localidades cercanas: San Nicolás, Santa Cruz, Tankuché y Santa María. En Campeche, las cooperativas de producción pesquera se constituyeron beneficiadas por el gobierno del estado, al privilegiarlas con programas de apoyo tanto para la adquisición de activos productivos como en la compra de combustibles.

Existe una tercera figura al borde de la ilegalidad: los *matriculeros*. Se trata de pescadores que teniendo matriculada su embarcación en capitanía marítima, no poseen licencia de pesca. La autoridad federal, representada en la Comisión Nacional de Acuicultura y Pesca (CONAPESCA), y siguiendo las directrices de la Carta Nacional Pesquera, no concede más permisos. Para solventar esta situación, el Estado de Campeche llegó a un arreglo con las autoridades federales para que los *matriculeros* pudieran ejercer la actividad haliéutica. Al ser un acuerdo con las autoridades de aquel estado, los *matriculeros* no operan en las aguas del vecino estado septentrional de Yucatán. Se estima en medio centenar el número de este tipo de pescador ribereño que opera en las aguas campechanas de la RBRC y que suele también desplazarse al sur, a la contigua Reserva de la Biosfera de Los Petenes.

La situación de bloqueo en la emisión de permisos de pesca, ha creado un jugoso mercado de venta. En la actualidad, un permiso de pesca de escama puede llegar a costar unos 40.000 pesos mexicanos (MXN) -unos 2.300 dólares estadounidenses, (USD)- y de escama y pulpo casi los 60.000 MXN (aproximadamente 3.400 USD). A lo que habría que sumar unos 10.000 MXN (580 USD) extraordinarios de gastos administrativos por el cambio nominativo de la propiedad.

Aunque, según los pescadores de Isla Arena, existe pesca ilegal, hay una verdadera conciencia del cuidado de los recursos marinos. Y es que más de las  $\frac{3}{4}$  partes de la población viven de ellos. Los pescadores isleños han conseguido que los de Celestún y otras localidades del estado de Campeche, no practiquen la actividad haliéutica a unas 10 M frente a las costas de su localidad. Esta distribución de los espacios de aprovechamiento de naturaleza sociocultural se ve tensada en ocasiones. La demanda de los mercados internacionales y el buen precio que ha llegado alcanzar en determinados momentos ciertos productos como el pepino de mar (que si bien es pagado al pescador por unos 50 MXN/Kg, pre-cocido se vende a 300 MXN/kg. y en los mercados asiáticos, su precio oscila entre los 100 y 500 USD/Kg.) y el pulpo maya (en 2013, el pulpo rojo, *Octopus maya*, superó los 100 MXN/Kg.; hoy se vende entre 30 y 35 MXN/Kg.) ha motivado a los pescadores foráneos, a penetrar en las 10 M de “aguas isleñas”.

La producción pesquera en Isla Arena, suele venderse en playa a los intermediarios (*coyotes*) que o bien la trasladan a Celestún donde se almacena (convirtiéndose en un espacio de almacenamiento intermedio) o se traslada directamente a los grandes centros de distribución: las congeladoras de Puerto Progreso y Mérida. De allí se dirige a dos mercados: el nacional y el internacional. El primero, el menos importante, tiene sus centros en Mérida, Cancún y Ciudad de México. El segundo, el más lucrativo, en EE.UU. (Miami y Luisiana; normalmente el boquinete y la corvina), Europa (España, Italia, Holanda, Alemania y Dinamarca; fundamentalmente el pulpo maya) y Asia (Corea, Japón, China y Hong Kong; cuando se abre la veda, suelen comprar el pepino de mar; Japón también adquiere frecuentemente pulpo maya).

El núcleo de Celestún es el centro productivo de pescado más importante de la RBRC. Enclavado en el estado de Yucatán, posee una población empleada activa de 2.648 trabajadores -2.101 masculina y 547 mujeres- (INEGI, 2010). El censo de pescadores de la localidad ronda los 1.500. Si se considera al municipio de Celestún, el 58,14% de la población se dedica al sector primario, aquí la pesca tiene una posición predominante. El sector secundario, ocupa la segunda posición, al absorber al 28,12% de la población empleada activa que fundamentalmente se dedica al primer procesamiento y empaquetado de la producción pesquera. El sector terciario, empieza a despegar por el desarrollo turístico, ocupa al 13,36%. En marzo de 2016, según datos de CONAPESCA, había registradas 61 unidades económicas físicas o lo que es lo mismo 61 personas con permiso de pesca y equipo. Hay que sumar las 22 unidades económicas morales en forma de Sociedades Cooperativas de Responsabilidad Limitada de Capital Variable (17) y Sociedades Anónimas de Capital Variable (5). Estos datos ofrecen un avance sustantivo del peso de la actividad pesquera en la localidad de Celestún. Además, en dicha localidad se encuentra la única fábrica de hielo y también el único centro de abastecimiento de gasolina en la reserva. Además, el censo de embarcaciones menores ronda las 900 unidades y las mayores se acercan a la treintena.

De entre todas las unidades económicas morales, la que destaca por su importancia es Hul-Kin SA de CV que comenzó a funcionar en 1986. Empresa de capital hispano-mexicano tiene unos 40 empleados de forma directa entre las áreas de administración, recepción del pescado, proceso, embalaje y distribución. Los pescadores que trabajan a la empresa, obtienen un salario ligado a la ganancia del día y al número de



compañeros integrantes de la embarcación. De tal forma que si salieron tres pescadores en una embarcación, la ganancia del día, menos los gastos de la jornada laboral (gasolina, hielo y alimentación), se divide entre cuatro: los tres pescadores y la propietaria de la embarcación (Hul-Kin). El precio del producto lo estipula la empresa. Hul-Kin dispone de unas 200 embarcaciones menores y 15 de tipo mayor. Cuando los mercados internacionales demandan productos, la empresa compra a los pescadores libres y pequeñas cooperativas de Celestún e Isla Arena; evidentemente a un precio superior. Hul-Kin cuenta con permisos de escama (canané, rubia, mero, pargo, robalo...) pulpo, pepino y tiburón (cazón). La empresa está certificada por la Comisión Federal para la Protección contra Riesgos Sanitarios (COFEPRIS) para la venta internacional. Exporta su producción de pescado fresco vía aérea (desde los aeropuertos de Mérida o Cancún) y congelado, vía marítima (desde Puerto Progreso o Puerto Morelos). Cuando se autoriza la pesca de pepino de mar, éste se exporta a Hong-Kong. También suele haber intermediarios en Los Ángeles (USA), que compran el pepino de mar y luego lo envían al mercado asiático. El destino fundamental del pescado fresco suelen ser Miami y del congelado Nueva York y la ciudad de Panamá. El pulpo maya se exporta esencialmente a España, en ocasiones a Japón. La venta nacional, que es bastante más reducida, se dirige hacia la ciudad de México, Chetumal, Cancún, Mérida y Campeche. El peso de esta empresa es tan fuerte en la economía de la localidad que su presidente municipal es el socio mexicano.

En Celestún, las embarcaciones suelen alejarse hasta los 100 km aproximadamente, al interior del mar. Esta situación ha implicado modificaciones en la fisonomía de la tradicional embarcación ribereña que ha visto elevado su casco; además abundan los motores de 85 HP. Como se mencionó, la presión de los mercados internacionales, está impactando en los aspectos socioculturales.

La introducción de las localidades de Isla Arena y Celestún en las redes internacionales de compra-venta de productos marinos ha propiciado la modernización de la flota pesquera, la inversión en infraestructura que asegure una mejor calidad e higiene del procesamiento, la llegada de inversión extranjera y movimientos pendulares en las temporadas de mayor captura. Sin embargo, ha modificado el tradicional reparto de los espacios de pesca con lo que se ha tensionado las relaciones entre ambas localidades. Igualmente, ha obligado a los pescadores de Celestún a optar por soluciones técnicas, pues al concentrar un mayor número de trabajadores del mar, la presión sobre el área es innegable. De tal forma que deben salir más lejos a pescar y paralelamente, se alzan voces que proponen, desde el propio sector, la creación de zonas de no-pesca. La posible ampliación del ANP hacia las aguas contiguas puede servir para armonizar estos procesos de cambio impulsados desde la globalización.

La información que se presenta es resultado de una investigación financiada por el Programa de Apoyo a Proyectos de Investigación e Innovación Tecnológica (PAPIIT) de la UNAM, que lleva como título *Organización del sector pesquero comercial ribereño en las áreas naturales protegidas del Estado de Campeche*, correspondiente a la clave IA300716. Su intención es contribuir a enriquecer los aún escasos, estudios que desde la ciencia geográfica, existen sobre la actividad pesquera comercial ribereña en Latinoamérica.



## A INDÚSTRIA DA PESCA: PROPOSTA DE ANÁLISE GEOGRÁFICA.

César Augusto Avila Martins  
Doutor em Geografia (Desenvolvimento Regional e Urbano)  
Universidade Federal Rio Grande  
Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

O processo de mundialização de empresas da indústria de base e de bens de consumo com suas conseqüências econômicas, políticas, ambientais e no mundo do trabalho, bem como a emergência de monopólios e oligopólios são relativamente estudadas. As estratégias e ações da industrialização de pescado são menos estudadas, mas permitem apreender as dinâmicas e tensões que constituem a essência do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo nas distintas formações sociais.

A indústria pesqueira é uma das últimas atividades econômicas que possui como fonte essencial para o seu desenvolvimento a extração de seres vivos transformados em matéria-prima industrial. O setor de processamento de pescado envolve majoritariamente a produção de diferentes mercadorias como os congelados, as conservas e os defumados. Apesar da elevação da disponibilidade de pescado produzido em cativeiro nas distintas formas de aquicultura, a pesca ainda é essencial para o processamento industrial da fonte de proteína animal mais perecível. Entre os gargalos da industrialização de pescado, esta a distribuição desigual das diferentes espécies quanto a sazonalidade, as características dos indivíduos para manipulação fabril e a concorrência com outros alimentos produzidos por cadeias produtivas altamente organizadas e oligopolizadas.

O texto objetiva apresentar uma perspectiva para análise do setor industrial pesqueiro baseada no pressuposto que a atual fase de desenvolvimento do capitalismo como forma hegemônica das relações sociais com elevação das forças produtivas eivadas dos processos de inovação com aumentos dos fluxos e da ociosidade planejada, está articulada como o crescente processo de hegemonia do capital financeiro e na combinação contraditória entre a Natureza, o Estado, o capital e o trabalho. A perspectiva permite análises transescalares, mas o texto está assentado prioritariamente nas escalas mundial e nacional com exemplos das dinâmicas de empresas espanholas e brasileiras dos setores de enlatamento e congelamento, onde a matéria-prima representa, por exemplo, cerca de 50 % do preço final de um enlatado de pescado e a força de trabalho oscila entre 6 e 15% nas fábricas de conservas na Espanha e no Brasil. Justifica-se o recorte com as empresas que realizam prioritariamente o enlatamento e o congelamento, pois as duas formas de processamento minimizam a alta perecibilidade da carne de pescado, permitindo o aumento do volume de seu comércio internacional na direção de constituir mais um *commoditie*, garantindo a disponibilidade de uma proteína de alta qualidade para o consumo humano em concorrência com outros alimentos.

As principais fontes da pesquisa foram os dados mundiais da produção pesqueira, de seus produtos e do comércio internacional disponibilizados nos sistemas *Fisheries and Aquaculture Information and Statistics Service* e *Fisheries statistics: commodities* da *Food and Agriculture Organization* (FAO). Para a dinâmica geral das empresas do setor de conservas de pescado foram utilizados os relatórios da *Canned Food Industry Market Research Reports*. A pesquisa articulou os dados mundiais com pesquisas na Espanha e no Brasil. Da Espanha, foram utilizados os dados do *Instituto Nacional de Estadística* e de publicações especializadas como *Fomento de*

*produccion: 25.000 maiores empresas españolas, Alimarket Alimentación e Ardan- Informe econômico y competitividad.* Os dados e as informações foram cotizados com entrevistas realizadas em 2012 na *Asociacion Nacional de Fabricantes de Conservas de Pescados e Mariscos* (ANFACO), localizada em Vigo e em empresas conserveiras galegas que respondem por aproximadamente 75% a produção industrial pesqueira espanhola. Para o Brasil, as informações sobre a pesca são dos boletins estatísticos do Ministério do Meio Ambiente Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (MMA/IBAMA) e do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), da atividade industrial pesqueira são do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA) e do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS). A base das informações sobre as empresas são do *Datamark-market inteligente Brazil* e do Sistema de Inspeção Federal do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SIF/DIPOAMAPA). No Brasil as atividades de campo foram realizadas nas sedes das maiores empresas do setor de conservas e de congelamento com autorização do SIF/DIPOAMAPA para comercialização em todo território nacional e com instalações nos municípios catarinenses de Itajaí e Navegantes e no estado do Rio Grande do Sul, unidades federadas responsáveis por cerca de 60% da produção brasileira de pescado.

A indústria pesqueira como dependente da dinâmica natural da produção de pescado enfrenta a contradição do aumento das capturas em praticamente todos os corpos de água que com diferentes graus de comprometimentos, são afetados pelas forças naturais como os fenômenos *El niño* e *La niña* e também pela emissão de efluentes, grandes obras de infraestrutura e em função do aumento dos fluxos de embarcações. No conjunto, as capturas estão presentes em praticamente em todos os corpos de água que em muitas áreas apresentam elevados graus de comprometimento de suas qualidades ambientais e há indicações de descompassos entre os ritmos de reprodução natural e da atividade econômica. Entre os resultados está não apenas o comprometimento da quantidade e da qualidade do pescado transformado em matéria-prima industrial, mas das atividades de produtores que trabalhavam em ritmos próximos a reprodução de algumas espécies e viviam e vivem como pequenos produtores mercantis.

Como exemplo de manifestações dos ritmos naturais que impuseram e impõem oscilações climáticas e afetam a produção pesqueira, veja-se, por exemplo, que no século XV ocorreu o aquecimento das águas do litoral da Galícia que forçaram a migração das baleias e do bacalhau para o Norte e permitiu a presença das sardinhas que impulsionaram nos séculos seguintes o incremento da pesca e a construção de um dos mais importantes parques fabris pesqueiros do mundo. No século XXI, há indicações de mudanças naturais que através de diagnósticos iniciais sugerem o deslocamento de alguns estoques de suas áreas tradicionais e obrigam as diferentes formas de organização da pesca a adaptarem suas estratégias de captura e eventualmente criam novas tensões e conflitos. Em conjunto com as alterações das dinâmicas naturais cíclicas, há eventos extremos que comprometeram por anos a quantidade e a qualidade do pescado capturado. Entre esses estão os eventos extremos como o vulcanismo ou *tsunamis* e também acidentes como os ocorridos com o navio petroleiro *Exxon Valdez* no Alasca em 1989, com o *Prestigie* no litoral da Comunidade Autônoma da Galícia na Espanha em 2002, com a plataforma da *British Petroleum* no Golfo do México em 2010 e o derramamento de resíduos de barragens da mineradora Samarco em Minas Gerais no Brasil em 2015.

Com as dinâmicas naturais que incluem aquelas determinantes dos volumes e sazonalidades das diferentes espécies de pescado estão os limites e limiares para produção industrial de pescado que apresenta grandes empresas mundiais eventualmente verticalizadas ou horizontais com a presença do capital financeiro. Nas disputas oligopolistas são estabelecidas intrincadas relações sobre o direito do que,

como e onde pescar envolvendo Estados Nacionais e acordos internacionais. Estes estão relacionados com regamentos para as capturas, a comercialização, salubridade dos processos, áreas marítimas protegidas por questões ambientais, econômicas ou políticas, cotas para capturas de espécies migrantes como vários tunídeos e negociações para exploração de pescarias por países detentores de tecnologias mais avançadas. Entre os resultados está o aumento das exportações mundiais de pescado de 25% para 37% do total das capturas entre 1976 e 2012 com uma queda do preço por quilo que oscilou entre três e dois dólares em 1990, quando iniciaram os resultados da produção em escala da aquicultura, para menos de U\$ 2 em 2012.

Num contexto de abundantes informações e denúncias sobre o comprometimento de vários estoques que incluem o desaparecimento dos chamados peixes selvagens, há a concentração da pescarias e do processamento em algumas espécies, como as reconhecidas como sardinhas e atuns. Das 23 espécies ou gêneros que respondem por cerca de 40% das pescarias mundiais, cinco são sardinhas e atuns. Daí o destaque das empresas que realizam a pesca e especialmente o processamento das duas espécies. A pesquisa destaca que a produção de atuns em conserva teve um aumento da produção de 520 mil toneladas em 1976 para 1.677 mil toneladas em 2009 enquanto o total do pescado em conserva passou de 4.740 mil toneladas para 7.554 no mesmo período.

O crescimento da produção de atuns em relação a produção total de conservas de outros pescados exemplifica a proposta de análise, pois sua gênese está na consolidação da posição dos produtores asiáticos com empresas pertencentes a grupos econômicos, que verticalizam e horizontalizam suas organizações com frotas que atuam em estoques em diferentes áreas oceânicas. A estratégia remonta a frota japonesa que na década de 1930 ligada ao imperialismo nipônico, detinha a supremacia nas áreas de pesca na Ásia e até o final da década de 1960, com a coordenação de grupos empresariais como a Mitsui e a Mitsubishi, pescavam em praticamente todos os pesqueiros mundiais.

No nível das empresas, grupos econômicos historicamente oligopolizam o setor em distintas formações sociais: no Japão pela Hagoromo Foods e Maruha Corporation; nos Estados Unidos da América pelas empresas Starkist (grupo Heinz), Chicken of the Sea (grupo Tri-Union Seafoods) e Bumble Bee (grupo ConAgra Foods); na Itália por Bolton Alimentari e General Conserve; na França pela Petit Navire do grupo Thai Union Frozen Group (TUF) e Salpiquet do grupo Bolton. Na Espanha, as empresas Calvo, Frinsa, Garavilla e Jealsa Rianxeira lideram o mercado. Entre as estratégias estão a aquisição ou a construção de fábricas em distintos países como realizado pela Calvo (Brasil e El Salvador) e Jealsa (Brasil, Chile e Guatemala) ou a transferência da produção, como a MW Brands que produz a marca italiana "Mareblue" nas fábricas da França, Portugal, Gana ou Sheichelles. No Brasil, no final do século como um dos sinais da crise econômica, das limitações alguns estoques e do esgotamento das políticas estatais oriundas da extinção da Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE) e advindas do Decreto 221/67 que preconizava a indústria de pesca como indústria de base, ocorreu a reestruturação do setor e o começo da presença de grandes empresas espanholas no país. O processo seguiu uma trajetória da presença de capitais estrangeiros no setor iniciada em 1973 quando a *Quaker Oats* estadunidense adquiriu a indústria Coqueiro fundada em 1937 em São Gonçalo no estado do Rio de Janeiro. Em 2000 a Coqueiro foi adquirida pela Pepsico. Em 2011, a firma foi adquirida pelo grupo Camil que abriu seu capital e no processo de diversificação do *portfólio* também comprou a Ferreira Mercado de Pescados (FEMEPE de Navegantes/SC), aumentando a concorrência oligopolista no setor.

A concorrência arrasta não apenas o comprometimento dos estoques, mas das condições de trabalho salariais nos barcos e nas fábricas com as possibilidades de deslocamentos das unidades produtivas.

Nas embarcações, apesar dos avanços para segurança da navegação e no trabalho na pescaria, a atividade é reconhecida pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como “*la profesión más peligrosa*” e não são incomuns o descumprimento de acordos trabalhistas e mesmo o uso de trabalho escravo, especialmente em embarcações que praticam a pesca fora das pactuações dos acordos de pesca.

Nas fábricas há registros, por exemplo, na Espanha de lutas sindicais desde século XIX. No país ibérico, apesar das melhorias nas condições de trabalho, as trabalhadores enfrentam a ameaça do deslocamento das fábricas de algumas das maiores empresas de conserva de pescado galegas para América Latina e África. O processo de transferência de parte da produção com a instalação de fábricas fora da Espanha pode ser exemplificado na mudança da estrutura territorial de três das quatro das maiores empresas galegas: a Calvo empregava em Carballo, 550 pessoas e 300 em Esteio Muros, enquanto sua unidade no Brasil possuíam 2.000 trabalhadores e a de El Salvador, 1.000; a Jealsa de um total de 3.500 trabalhadores, empregava entre 300 e 400 na Guatemala, 300 no Chile, 300 no Saara Ocidental (fechada em 2014) e 800 no Brasil, com fábricas em Rio Grande (Rio Grande do Sul) e no Ceará; a Salica com cerca de 2.500 trabalhadores, sendo 10% em Bermeo e o restante no Equador.

No Brasil, há escassos registros de resistências dos trabalhadores empregados nas frotas industriais e nas fábricas, mas ocorreram e ocorrem movimentos de pescadores que vivem como pequenos produtores mercantis ameaçados por problemas ambientais em suas áreas de trabalho e moradia. As resistências nas fábricas normalmente esta relacionado a iniciativas pontuais, especialmente de mulheres em relações as precárias condições de trabalho, a sazonalidade e aos baixos salários.

Por fim, a proposição de análise da industrialização de pescado, à luz das ligações genéticas entre as dimensões naturais (as diferentes espécie tornadas matéria-prima), econômicas (as empresas do setor), políticas (as regulações, sobretudo estatais) e sociais (os trabalhadores dos barcos e das fábricas), constitui uma possibilidade de investigação acadêmica que ao partir da lógica hegemônica do modo de produção, compreende as distintas escalas e permite a elaboração de proposições para a minimizar as desigualdades econômicas e territoriais nas distintas formações sociais.

cavilamartins@yahoo.com.br; cesarmartins@furg.br

## **GEOGRAFÍA, CAPITALISMO GLOBAL E IMPACTO LOCAL.**

### **ESTRATEGIAS DE REPRODUCCION SOCIAL DE LAS COMUNIDADES RAQUELES EN LA PROVINCIA DE LA PAMPA EN EL CONTEXTO DE AVANCE DE LA FRONTERA AGROPECUARIA<sup>1</sup>**

Profesora Natalia Analía Miguel

Facultad de Ciencias Económicas y Jurídicas

UNLPam

Santa Rosa. La Pampa

#### **Resumen**

Desde los años 70 a la actualidad la reestructuración global del capitalismo hizo que cobre mayor fuerza la dimensión económica sobre la política, la cultural o la social, entre otras. El dinamismo económico es un fenómeno muy fuerte que transforma los territorios de una manera acelerada y genera escenarios de creciente inestabilidad (Ciccolella, 2007).

En este contexto, el territorio, como objeto de estudio de la Geografía, está marcado por lo que Milton Santos llamaba una aceleración contemporánea y por ello es fundamental que la disciplina se oriente hacia el estudio de los procesos, el movimiento y el cambio por sobre lo permanente e inmutable (Harvey, 1988).

Debido a la interconexión actual los cambios que acontecen localmente se configuran a partir de las transformaciones ocurridas a otras escalas, incluso cuando esta conexión se manifiesta de una manera vaga y aparente.

La comprensión del territorio desde una perspectiva multidimensional y multiescalar, resulta clave para el análisis de las problemáticas de la realidad social. Este enfoque entiende a la territorialización como un proceso de dominio –desde el aspecto político y económico- y de apropiación –desde el aspecto simbólico cultural- del espacio por los grupos sociales, porque es evidente que las relaciones de poder tienen una expresión territorial.

El territorio según Haesbaert (2007) es relacional, porque es definido desde relaciones histórico-sociales e incluye la complejidad del vínculo dinámico entre los procesos sociales y naturales y podríamos agregar, globales y locales. Los sujetos se territorializan creando configuraciones espaciales propias a través del ejercicio del poder material e inmaterial, de dominación y de apropiación.

En el territorio de la provincia de La Pampa, las comunidades ranqueles comparten una larga historia de persecuciones y pérdida de espacio. Con el correr de los años se incorporaron, invisibilizados, a la sociedad y, a la fuerza disimularon su condición indígena y se olvidaron de sus costumbres y de su lengua.

---

<sup>1</sup> La presente ponencia corresponde a los siguientes proyectos:

- “Economía, actores sociales y territorios. Perspectivas teóricas, análisis de casos y estrategias didácticas”. Aprobado por Resolución N° 199-14- CD-FCEyJ- UNLPam.

- “Sociedad, economía y ambiente. Perspectivas teóricas, análisis de casos y estrategias didácticas” en el marco del Programa de Investigación “Contextos territoriales contemporáneos: abordajes desde la geografía”, aprobado por Resolución N° 093-14-CD-FCH-UNLPam.

En las últimas décadas, motivados por un nuevo contexto político y social, de manera individual, algunos descendientes ranqueles generaron encuentros con otros ranqueles que al principio negaron su identidad, acostumbrados a ocultarse. Es así como, poco a poco, organizaron instituciones y grupos de trabajo que, en la actualidad, les permiten posicionarse y dialogar en mejores condiciones con diferentes instituciones y actores sociales, a diferentes escalas.

A pesar de ello, es evidente que no existe un plano de igualdad entre las partes y la lucha por sus derechos se convierte en un reclamo que debe mutar y adaptarse a los permanentes cambios que se desarrollan en el contexto socio económico, de gobiernos y políticas públicas.

El presente trabajo propone identificar las estrategias de reproducción social de las comunidades ranqueles en la provincia de La Pampa, como una manera de precisar las conexiones e interdependencia que los procesos globales tienen en las configuraciones territoriales locales y cómo los grupos indígenas, que se ven afectados en su cotidianeidad por procesos globales, pueden contribuir a perfilar los acontecimientos del conjunto.

Al momento de reflexionar sobre el impacto que procesos tales como el avance del capital, la frontera agropecuaria y los paquetes tecnológicos tienen sobre los lugares y cómo estos lugares, a su vez, se vuelven espacios de resistencia donde los sujetos desarrollan estrategias de intervención, se hace imprescindible otorgar a la Geografía el papel central para explicar las conexiones y comprender e interpretar una realidad social cada vez más dinámica.

Resulta evidente que los procesos económicos globales como los mencionados, generan un alto impacto en el ambiente y en las relaciones sociales y se dan, además, en el contexto de un Estado nacional y provincial que no ofrece soluciones adecuadas y permite la profundización y expansión de un modelo empresarial sobre los espacios de la agricultura familiar con graves consecuencias para los sectores más desprotegidos.

En un contexto de avance de la frontera agropecuaria en Argentina, donde los espacios de margen como el oeste de la provincia de La Pampa vuelven a ser valorados a partir del proceso de sojización y el corrimiento de la actividad ganadera, las comunidades ranqueles se organizan y desarrollan diferentes estrategias que pueden interpretarse como resistencias frente a la dinámica del capital.

Para abordar el concepto de estrategias de reproducción social, se parte de las ideas centrales de la teoría desarrollada por Pierre Bourdieu. En primer término se dirá que los campos sociales son “[...] espacios de juego históricamente construidos con sus instituciones específicas y sus leyes de funcionamiento propias” (Bourdieu, 1987 en Gutiérrez, 2005:31).

La estructura de un campo, sea político, económico, científico, del deporte, de la religión, entre otros, es un estado de las relaciones de fuerza entre los agentes o las instituciones comprometidas en el juego. El campo se define, entre otras cosas, a partir de lo que está en juego y los intereses. Además de un campo de fuerzas, un campo social es un campo de luchas destinadas a conservar o transformar ese campo de fuerzas. Es importante señalar en este punto, que el principio a partir del cual se distinguen los campos sociales, es el tipo de capital que está en juego y que la distribución desigual de ese capital es lo que define las diferentes posiciones constitutivas de un campo (Gutiérrez, op.cit.).

El concepto de habitus se refiere a “[...] aquellas disposiciones a actuar, percibir, valorar, sentir y pensar de una cierta manera más que de otra, disposiciones que han sido interiorizadas por el individuo en el curso de su historia. El habitus es, pues, la historia hecha cuerpo” (Gutiérrez, op.cit.:65).

En vínculo con las nociones de campo y habitus, resta referirnos a la noción de estrategia: “[...] ella es el producto del sentido práctico como sentido del juego, de un

juego social particular, históricamente definido.” (Bourdieu, 1987 en Gutiérrez, op.cit.:73).

Según Bourdieu (2014:31) toda sociedad reposa sobre la relación de dos principios dinámicos: “[...] una tendencia a perseverar en el ser, de un dinamismo interno, inscrito, a la vez, en las estructuras objetivas y en las estructuras “subjetivas”, las disposiciones de los agentes”. Estos principios varían en importancia según las sociedades; en la relación de estos dos principios se definen las estrategias de reproducción (Bourdieu, op.cit).

El autor menciona en su obra, grandes clases de estrategias de reproducción, que se encuentran en todas las sociedades. Estas estrategias tienen por principio no una intención consciente y racional, sino las disposiciones del habitus. Así se hallan las estrategias de inversión biológica, dentro de las cuales las más importantes son las estrategias de fecundidad y las estrategias profilácticas. Las estrategias sucesorias, educativas, de inversión económica, de inversión social, de inversión simbólica, de sociodicea (Bourdieu, op.cit).

Una vez delimitados los conceptos centrales de la teoría del autor, regresemos al caso en estudio propuesto con el fin de enumerar diversas acciones desarrolladas por las comunidades ranqueles en las últimas décadas.

El punto de partida para el desarrollo del trabajo fue conocer las diferentes comunidades ranqueles que poseen personalidad jurídica en el territorio de La Pampa, es decir, aquellas que han seguido las disposiciones de la legislación nacional en el cumplimiento del requisito de inscripción en el Registro Nacional de Comunidades Indígenas (RENACI), dependiente del Instituto Nacional de Asuntos Indígenas (INAI). Esta acción se visualiza como una estrategia desarrollada por las comunidades para poder dialogar con las instituciones del estado y lograr el acceso al territorio, ya que la personalidad jurídica y la posesión y propiedad comunitaria de las tierras que tradicionalmente ocupan es reconocida constitucional y convencionalmente. Esto significa que, desde una visión que tiene en cuenta los derechos de los pueblos originarios, el requisito de inscripción resulta innecesario y excesivo.

Otra de las estrategias desarrolladas fue la conformación del Consejo de Lonkos, con una estructura que reproduce las lógicas de las organizaciones del estado, y la obtención de una casa que funciona como sede y lugar de encuentro en la ciudad de Santa Rosa. Esto representa, para las diferentes comunidades, el logro de tener un ámbito desde donde continuar con la reivindicación de los derechos suprimidos.

Así mismo, desde el Consejo de Lonkos y en vinculación con la Municipalidad de Santa Rosa, se han dictado charlas en los colegios secundarios de la provincia, se organizan talleres de cerámica ranquel y cursos de lengua ranquel.

En estrecha relación con otras instituciones del ámbito local, como la Universidad Nacional de La Pampa y la Subsecretaría de Cultura de La Pampa han colaborado en la elaboración y presentación de investigaciones sobre la cultura ranquel.

Pueden mencionarse, además, la organización de eventos comunitarios y jornadas como el “Vuta Travunche”, que en acción conjunta con el Consejo Provincial del Aborigen, se llevan adelante distintas actividades destacándose la muestra de artesanías, las comidas típicas y sobre todo el desarrollo de juegos ancestrales (juegos a caballo, cinchada, la chueca, destrezas con boleadoras, entre otras); charlas informativas y foro de la juventud Rankül y la realización del Parlamento, que implica la reunión de todos los Lonkos de las distintas Comunidades Ranküles.

En síntesis, es posible afirmar que las principales estrategias desarrolladas por las comunidades ranqueles en la provincia de La Pampa, son las de inversión económica, las de inversión social y simbólica.

Las primeras “[...] en el sentido amplio del término, tienden a la perpetuación o el aumento del capital bajo sus diferentes formas [...] orientadas hacia la instauración o el sostenimiento de relaciones sociales directamente utilizables o movilizables, a corto



o a largo plazo, es decir, hacia su transformación en obligaciones duraderas, subjetivamente percibidas (sentimientos de reconocimiento, de respeto, etc.) o institucionalmente garantizadas (derechos), y, por lo tanto, en capital social y en capital simbólico, producido por la alquimia del intercambio –de dinero, de trabajo, de tiempo, etc.– y por todo un trabajo específico de sostenimiento de las relaciones”. Mientras, “[...] las estrategias de inversión simbólica son todas las acciones que apuntan a conservar y a aumentar el capital de reconocimiento (en los diferentes sentidos), propiciando la reproducción de los esquemas de percepción y de apreciación más favorables a sus propiedades y produciendo las acciones susceptibles de apreciación positiva según esas categorías” (Bourdieu, op.cit.:37). Las acciones mencionadas, llevadas a cabo por las diferentes comunidades ranqueles, resultan estrategias que buscan generar un mayor acercamiento e interés de la sociedad en general, además del fortalecimiento del capital cultural y la promoción de la cultura.

[nataliamiguel33@hotmail.com](mailto:nataliamiguel33@hotmail.com)



## **GEOGRAFÍA ECONÓMICA ARGENTINA: CONSTRUCCIONES, MIRADAS, PROPUESTAS EN EL MARCO DEL CAPITALISMO.**

### **LA ACTIVIDAD AGROPECUARIA PAMPEANA COMO ESTUDIO DE CASO<sup>1</sup>**

**María del Carmen Labey<sup>2</sup>**

**Facultad de Ciencias Económicas y Jurídicas**

**Facultad de Ciencias Humanas**

**Universidad Nacional de La Pampa**

**Santa Rosa. La Pampa**

La Geografía actual supera la acumulación de conocimientos sobre determinados espacios, y como lo plantean Albet y Benejam “ [...] trata de comprender, interpretar y transformar estos mundos locales y globales en los que estamos inmersos y contribuye decisivamente a ofrecer pautas de explicación, valoración y representación de nuestro lugar en este mundo cambiante” ( 2000; 10)

En el contexto del mundo globalizado es necesario incorporar el análisis de la dimensión espacial a partir de una postura complejizada, superadora de la homogeneización que plantean diferentes teorías económicas. En consecuencia, este proceso denominado globalización, tiene que ser analizado desde una perspectiva multiescalar, en tanto no sólo abarca la tecnología sino también la población, sus modos de producción, la utilización de los recursos naturales y su cultura.

Así, esta nueva lógica de estructuración de lo que se puede denominar capitalismo global, implica una mirada renovada desde la Geografía Económica para poder comprender este proceso evolutivo.

De este modo, coincido con Méndez (2004) en una visualización revalorizada del territorio considerándolo un actor dinámico en la economía global.

“[...] Se trata, pues, de recordar una vez más que el territorio no es un simple escenario inerte donde tienen lugar los fenómenos que identifican la globalización de la economía. Cada territorio cuenta con un patrimonio de recursos (naturales, humanos, culturales, infraestructurales) que generan un diverso grado de atractivo para la implantación de las

---

<sup>1</sup> Este trabajo se enmarca en el desarrollo de los siguientes proyectos de investigación:

- “Economía, actores sociales y territorios. Perspectivas teóricas, análisis de casos y estrategias didácticas”. Aprobado por Resolución N° 199-14- CD-FCEy J- UNLPam.

- “Sociedad, economía y ambiente. Perspectivas teóricas, análisis de casos y estrategias didácticas” en el marco del Programa de Investigación “Contextos territoriales contemporáneos: abordajes desde la geografía”, aprobado por Resolución N° 093-14-CD-FCH-UNLPam.

<sup>2</sup> [mariadelcarmenlabey@gmail.com](mailto:mariadelcarmenlabey@gmail.com)

empresas, pero que también pueden ser aprovechados por las sociedades y las instituciones locales para responder a los retos actuales de una forma innovadora.” (Méndez, R. 2004: 205)

El objetivo de esta presentación es compartir una propuesta didáctica de un tema amplio y conflictivo como: la evolución y perspectivas de las actividades agropecuarias en la tradicionalmente denominada “región pampeana”, en el marco del desarrollo de la cátedra Geografía Económica Argentina, de la carrera de Contador Público Nacional de la Facultad de Ciencias Económicas y Jurídicas de la Universidad Nacional de La Pampa.

A modo de síntesis, se considera que la cátedra tiene el desafío de profundizar en el análisis desde la construcción social del territorio, a partir de la relación entre la sociedad y la economía en el marco de un mundo complejo, cambiante, heterogéneo y globalizado. Para esto se conceptualiza a partir de un territorio con características diversas con el propósito de analizar los procesos de organización y construcción de la sociedad. Así, se trata de responder a interrogantes en situaciones disímiles como las de la estructura productiva.

Una sintética revisión de las últimas décadas, posibilitan visibilizar a escala nacional, profundos cambios sociopolíticos y económicos, que resultaron de la aplicación generalizada del denominado modelo de ajuste estructural y que manifiesta consecuencias negativas, visibles en los procesos de reproducción de los diversos grupos sociales.

La consolidación del capitalismo global se refleja desde fines del siglo XX, en el territorio nacional, bajo la forma de privatizaciones de empresas estatales, en el desmantelamiento del llamado Estado Benefactor, la apertura de la economía nacional orientando la producción hacia el mercado externo, la transferencia de servicios y prestaciones desde el Estado Nacional hacia las provincias y municipios, la reducción del gasto público a partir de la disminución del gasto social y el aumento de las políticas de recaudación impositivas entre otras variables.

En la década del '90, como consecuencia de la aplicación de un modelo excluyente, se incrementaron procesos como aumento de la pobreza, del desempleo, de la flexibilización laboral, de la subordinación a los mercados internacionales, de la desaparición del ahorro interno, así como de las pequeñas y medianas unidades de producción, entre otros. Asimismo, se produjo una intensa modificación del sistema productivo y en consecuencia la vida económica y social de la sociedad argentina fue profundamente afectada.

Durante la primera década del siglo XXI se pueden observar algunos cambios en el modelo que no significan la desaparición de los procesos anteriormente mencionados. De todos modos disminuyen procesos como el asistencialismo internacional, se realizan esfuerzos por consolidar algunos instrumentos macroeconómicos, y se cancela una parte de la deuda externa, entre otros. Igualmente se mantienen problemáticas de carácter estructural que repercuten en la posibilidad del desarrollo económico.

Considero que futuros profesionales de las Ciencias Económicas deben analizar estos procesos y su efecto en los diversos sectores de la economía nacional para comprender la situación actual y pensar en perspectivas futuras.

El caso aquí desarrollado parte de un supuesto para guiar el desarrollo de la clase que establece que: “Desde sus orígenes hasta la actualidad, la actividad agropecuaria de la Región Pampeana, y de la provincia de La Pampa dentro de esta, se estructuró al ritmo de las demandas de los mercados internacionales. De este modo se desarrolló y modernizó siguiendo las lógicas de las exigencias del mercado mundial que generalmente fueron de naturaleza extractiva”.

Luego se explicitan los objetivos propuestos y se explican los marcos teóricos a partir del trabajo con los siguientes autores:

- ☞ Bustos Cara, Roberto (2002) «Los sistemas territoriales. Etapas de Estructuración y Desestructuración en Argentina» Anales de Geografía de la Universidad Complutense. Disponible en <http://revistas.ucm.es/index.php/AGUC/article/viewFile/AGUC0202110113A/31202>
- ☞ Ferrer, Aldo (1995) “Los ciclos económicos en la Argentina: del modelo primario exportador al sistema de hegemonía financiera” (diciembre) Disponible en: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=30801202> ISSN 1130-2887
- ☞ García Delgado, Daniel (1998) « Estado-nación y globalización. Fortalezas y debilidades en el umbral del tercer milenio» Ed. Espasa Calpe Argentina S.A./ Ariel, Buenos Aires, 299 pp.
- ☞ Sili M. y L. Soumoulou (2011) «La problemática de la tierra en la Argentina. Conflictos y dinámicas de uso, tenencia y concentración» Disponible en [http://www.ifad.org/pub/land/argentina\\_s.pdf](http://www.ifad.org/pub/land/argentina_s.pdf)

De este modo el desafío es realizar una clase dinámica, que posibilite inferir diversas posturas frente a un mismo problema, hecho o proceso y comprender las transformaciones sobre el territorio, así como visibilizar la situación de los diversos actores sociales.

A modo de ejemplo, citamos las diferentes denominaciones de un mismo período que establecen los autores y que dan cuenta de la diversidad de miradas:

- Valorización de la Región Pampeana y consolidación de Buenos Aires/ Modelo Agroexportador/ Internacionalización-nacional-liberal oligárquica / Sistema Territorial Moderno Liberal
- Concentración territorial y anclaje rural (1930/1955) / Modernización y desarrollo rural (1955/1976) / ISI (1930/ 1976)/ Desestructuración y estructuración (1930/1945)/ Sistema territorial nacional (1945/1975)
- Modernización excluyente (1976/20...)/ Desestructuración-reestructuración (1975/1990)/ Sistema territorial de integración supranacional (1991- 20...)

Al problematizar se posibilita una mayor apertura hacia diferentes lecturas de la realidad socio-económica, a través de la inclusión de tendencias opuestas que generen pensamientos bifurcados en una misma interpretación, explicación, argumentación y contraargumentación. La actitud del estudiante es fundamental, porque de su compromiso con la propuesta depende que pueda avanzar en la problematización. Y con respecto a la actitud del docente, tiene que mantener un alto nivel de coherencia entre su acción y su perspectiva teórica y práctica.

En el caso planteado, se generan abordajes territoriales a diferentes escalas. En momentos predomina la escala nacional, en otros la regional y también la local o provincial, porque La Pampa, en el espacio que denominamos “Agropecuario de mercado”, se analiza con mayor profundidad.

En la recuperación del territorio, la escala se convierte en un instrumento donde el abordaje “[...] se concentra, entonces, en los procesos que modelan y constituyen las prácticas sociales en diferentes niveles de análisis. En este sentido, la escala estaría definida por procesos sociales que se despliegan en diferentes ámbitos (o en distintos niveles) que se determinan mutuamente” (Blanco, 2007: 49).

De este modo los estudiantes pueden visibilizar situaciones heterogeneas, intereses contradictorios, conflictos entre actores, rol del Estado, acumulación por desposesión (Harvey; 2004), entre otras variables de análisis para profundizar las relaciones entre la Geografía, la Economía y las Ciencias Sociales en general, además de comprender las lógicas del sistema capitalista, los procesos estructurales de acumulación y las situaciones de acumulación y despojo propias del sistema económico imperante.

## LA NECESARIA INNOVACIÓN TECNOLÓGICA EN LA GANADERÍA BOVINA PARA CARNE.

**Fratini, Susana Beatriz**  
**Universidad Nacional de Luján**

Tras diez años de intervención del Estado en la trama ganadera, se abren nuevas expectativas en el sector cárnico bovino. Las posibilidades de recuperación del stock ganadero, de aumentar la productividad ganadera, de elevar la calidad de la carne, de reconquistar los mercados perdidos, de volver a generar ingreso de divisas por exportaciones cárnicas y de recomponer la cadena de valor, depende de la incorporación de innovaciones tecnológicas en diversos aspectos, lo que permitirá recuperar la rentabilidad perdida.

El trabajo tiene como objetivo analizar las innovaciones necesarias para el eslabón de productores criadores e invernadores tradicionales. Para lograr esto se deberán realizar modificaciones en la calidad de los bienes de capital e insumos; en la forma y eficiencia de la utilización del trabajo humano y en la organización de los procesos productivos (Piñeiro, Fiorentino y Trigo, 1982). Los mismos autores consideran que el correcto análisis del proceso tecnológico es el reconocimiento y explicación de la relación dialéctica entre relaciones sociales y cambio técnico (...), la lógica del proceso de acumulación característico de cada situación de producción y las relaciones que lo caracterizan son el marco que determinan el tipo de cambio técnico que puede ocurrir (Piñeiro, Fiorentino y Trigo, 1982).

La cuestión tecnológica debe ser enmarcada en el contexto de los intereses económicos generales y de las relaciones entre los distintos grupos sociales. En este aspecto, no debemos obviar la intervención del Estado, el que actúa por medio de la política económica y la política científico-técnica, la cual se expresa vía marco legal e institucional, que regula la incorporación de nueva tecnología y el sistema organizacional de generación y transferencia que crea o promueve. Observando las innovaciones señaladas por Piñeiro, Fiorentino, Trigo (Op. Cit.), se realizará un análisis para el eslabón de productores criadores e invernadores tradicionales.

### **. MODIFICACIONES EN LA CALIDAD.**

Tomando como fuente de información las entrevistas realizadas a nueve (9) productores ganaderos criadores e invernadores tradicionales del Partido de Gral. Belgrano, en la Cuenca del Salado, entre Abril y Mayo de 2013, la aplicación de estrategias tecnológicas, a pesar de la crisis atravesada por el sector ganadero, fue permanente. Sin embargo, la intensidad de la inversión varió notablemente entre los distintos actores, en gran medida por la alta presión tributaria (elevación del valúo inmobiliario y del costo del flete, a lo que debe sumarse ganancias; bienes personales; anticipos de ganancias) sufrida por los productores, además del atraso cambiario y las retenciones del 15% por exportaciones. Los productores sentían que los altos costos cerraban las posibilidades de realizar inversión en tecnología, por lo que decayó la calidad y los niveles de producción. No obstante, los productores realizaron inversiones en innovaciones tecnológicas para mantener la calidad del producto final, entre ellas la introducción de nuevas variedades forrajeras, la suplementación de la alimentación, el silaje (inoculado o no), la mejora genética, eran una constante. Pero, a diferencia del paquete tecnológico sojero, ampliamente conocido y de fácil acceso, la incorporación de mejoras vía asesoramiento técnico previo, tenía diferentes procedencias. Por un lado, institucionales (INTA, Grupos CREA, Cambio Rural) y otros como criaderos de semillas (forrajeras); veterinarios (sanidad, genética; manejo

reproductivo del rodeo); la experiencia del propio productor y de otros productores, con los que intercambia opiniones. Es decir, la orientación del proceso innovativo parece disperso y de intensidad difícil de evaluar. Los Programas y Planes Ganaderos implementados en el período llegaban al productor fuera del momento requerido. El Estado no llegó a los productores ganaderos criadores e invernadores de manera asertiva e intensiva, para promover la incorporación de nuevo conocimiento tecnológico.

#### **. MODIFICACIONES EN LAS RELACIONES DE PRODUCCIÓN.**

Los cambios acaecidos en el inicio de 2016 recuperaron las expectativas en la cadena de la carne, uno de los sectores productivos más castigados. La desregulación del sector comercializador, mediante la eliminación de las retenciones y los permisos de exportación (ROE rojo), permitirán reiniciar la producción de novillos pesados de exportación, con trazabilidad. Sin embargo, los tiempos de la ganadería para carne son lentos, ya que deben respetar el ciclo de cría, recría y engorde. Por otra parte, la pérdida de los tradicionales mercados externos para las carnes argentinas y la elevada presión impositiva que sufren los productores, son limitantes que enfrenta el sector. Esto es que, las relaciones sociales de producción impuestas durante doce años por el Gobierno kirchnerista, lejos están de desaparecer. Meses antes del otoño, estación marcada por una escasez de oferta y con ello el alza del precio de la carne, se observó que mientras el precio del ganado en pie del Mercado de Hacienda en Liniers tendía a la baja, en las carnicerías ocurría la situación opuesta. En la cadena de valor, los formadores de precios suelen ser los frigoríficos, supermercados e hipermercados, por su carácter oligopólico.

Los hipermercados con sus numerosas sucursales, debido al volumen que manejan, tienen incidencia en la fijación de los precios al público. Se estima que el 28% de la carne vendida utiliza este canal. Estas grandes cadenas, para su abastecimiento utilizan diversos canales de comercialización, adquiriendo o alquilando frigoríficos, comprando hacienda en pie y realizando la faena por su cuenta; también han desarrollado estrategias de compra directa, especialmente en feedlots, evitando de esta manera intermediarios (Santángelo y García de la Torre, 2004). La Cámara de la Industria y el Comercio de Carnes (CICCRA), que agrupa a frigoríficos, acusó a los supermercados e hipermercados compradores directos de hacienda, de cargar 50% de margen al precio, en un producto de rotación diaria, demostrando el poder en la formación del precio final (Clarín, 10/02/16).

Lo expuesto deja en claro que se busca que los actores que participan en el mercado encuentren el equilibrio, en tanto que el Gobierno controla las reglas de la competencia. Esta situación puede demandar más tiempo del deseado, por lo que existe la posibilidad de importar cortes de carne desde Uruguay u otros orígenes para presionar la baja de los precios (La Nación, 09/02/16). Pero también se contempla la posibilidad de importar animales para faena directa, invernada –es decir, que vengan como terneros y luego se engorden en Argentina- y para reproducción (La Nación, 27/02/16). Cabe consignar que los hechos son testarudos y, finalizado el primer trimestre de 2016, las medidas citadas no se han aplicado o no dieron resultado.

Esas medidas están en consonancia con el segundo objetivo del Proyecto presentado por la Cadena de la Carne el 27/07/15 en la Muestra Anual de la Sociedad Rural Argentina, realizada en Palermo, el que señala la necesidad de “controlar las reglas de la competencia” (La Nación, 1º/08/15). El Acuerdo de la Cadena de Carnes, compromiso político para lograr el desarrollo ganadero y reducir la volatilidad del negocio, fue suscripto por veintidós (22) entidades de la carne. Las premisas del Proyecto de Acuerdo de la Cadena de Carnes son la existencia de una moderna economía de mercado y un marco institucional “amigable” para las inversiones. El

trabajo postula que el sector podría en 2025, pasar del stock de 52 millones de cabezas actual a uno de 58-60 millones, llevar la producción de carne vacuna de 2,7 a 4,5 millones de toneladas (equivalente en la res), pasar de exportar el 7% al 45% de la carne producida y aumentar de US\$ 1000 millones anuales a US\$13.000 millones las ventas al exterior, totalizando 300.000 puestos de trabajo formales, entre directos e indirectos.

### **. MODIFICACIONES EN LA ORGANIZACIÓN DEL PROCESO PRODUCTIVO.**

El cambio más esperado se encuentra en la forma de organizar el proceso productivo y, particularmente, realizar un replanteo ganadero por parte de productores criadores e invernadores tradicionales. Las recientes medidas tomadas para el sector ganadero, con la eliminación de las retenciones a las exportaciones (15%) y la devaluación del peso (55%), genera una mejora en el tipo de cambio, por lo que las exportaciones de carne se vuelven competitivas. Algunas de las modificaciones a realizar en los planteos productivos son:

#### **CRÍA Y RECRÍA.**

En la Cuenca del Salado, en los suelos más pobres, no cultivables, con limitaciones de drenaje, el sistema de cría para la producción de terneros es la actividad predominante. El rodeo de cría es manejado extensivamente en gran escala sobre pastizales naturales, las que son pastoreadas continuamente. Sólo los productores más capitalizados realizan pastoreo rotativo o fertilizan los campos. Pero también existen zonas con suelos mixtos y mayor potencial para la producción de forrajes de calidad, que abre la oportunidad para realizar el planteo de cría-recría de terneros. El Coordinador Nacional del Programa Carnes del INTA (Rearte; 2012) asevera que la Argentina necesita más terneros y, para eso, uno de los caminos es incrementar la carga. Para lograrlo, se requiere aumentar la eficiencia de los rodeos, incrementando los índices de parición y de destete. La Cuenca del Salado es una de las regiones del país donde se puede visualizar un aumento del stock.

El otoño inicia la zafra de terneros. El 80% o más se oferta de Marzo a Mayo con destino a invernadores a pasto o feedlots. La situación actual abre la oportunidad a los productores criadores no sólo de elevar el stock ganadero, sino también realizar una recría más prolongada a campo. Una recría eficiente significa pasar de producir 100-120 kg/ha de carne a 270-360 kg/ha de carne a lo largo de un año. Por otra parte, la recría generaría una oferta de terneros no estacional. Esto, a su vez, también diversificaría las fechas de venta de los novillos, situación que ocurre durante la primavera, particularmente entre Octubre y Noviembre (salidos de feedlots), lo que podría extenderse unos meses más adelante.

Las posibilidades del productor criador para enfrentar una recría de 4-5 meses, dependerá de la incorporación de tecnología. Esto se traduce en mejorar el índice de procreo, pero también invertir en forrajes, alambrados, aguadas, etc. Las posibilidades de inversión, está directamente relacionado con el precio que se pague por los terneros, lo que le permitirá financiarse y abrirse a otro juego. El ternero es un capital, un bien de cambio casi líquido, que lo ayudaría a tener un planteo productivo superador.

#### **FEEDLOTS (Engorde a corral).**

Continuando con la temática de la recría, el servicio de hotelería que brindan algunos feedlot y que ciertos criadores emplean para no vender sus terneros durante la zafra, parece hoy una opción poco rentable, por los altos precios que cobrarán los feedloteros ante la elevación del precio de los granos para engorde, particularmente del maíz. Los feedlots tienen un costo de producción elevado, producto del precio de los granos y el alza inflacionaria del resto de los insumos. Su estrecho margen de



ganancia significa que salir a pagar precios más elevados es sinónimo de salir del negocio (Diario La Nación, 08/03/14). Probablemente continúen en el negocio aquellos que engordan produciendo su propio alimento (maíz, silo) y compran en el mercado sólo los pellets y los núcleos<sup>1</sup>, y los que engordan como parte de una cadena comercial que incluye la faena y la venta de carne minorista (Diario La Nación, 23/01/16).

La situación más crítica la atraviesan quienes engordan terneros, con maíz comprado, ya que el precio de los terneros es elevado (producto del ciclo de retención, aunque se espera que durante la zafra de otoño se reduzca el precio, en virtud de la oferta), en tanto que el precio del maíz es alto (aunque no se esperan subas, producto de la buena oferta mundial).

### **CICLO COMPLETO. (Cría, recría y engorde).**

El modelo ganadero de ciclo completo entusiasma a los productores ganaderos que hoy apuestan no sólo a satisfacer las necesidades del mercado interno sino también volver a exportar. Hablar de ciclo completo significa que el productor abarca las etapas de cría, recría (con animales propios y comprados) y engorde, el que puede hacerse a campo o a corral (feedlot) para la terminación. La Cuenca del Salado se encuentra en un proceso de transición hacia la actividad de ciclo completo.

El planteo productivo de ciclo completo requiere contar con capital y financiamiento adecuado para poder enfrentar todo el ciclo, que dura aproximadamente tres años. Esto puede ser encarado por productores ganaderos de cualquier escala. El Ciclo Completo Eficiente ofrece ventajas económicas comparativas, manteniendo un nivel de ingresos superior al de un planteo de cría mejorado<sup>2</sup> y con muy buena estabilidad a lo largo del tiempo, frente a otros planteos ganaderos que muestran marcada variabilidad y estacionalidad, como la invernada de compra. Las cuatro claves a considerar para lograrlo son: mejorar la base forrajera, incorporar el destete anticipado, introducir la suplementación a campo de la recría con reservas e implementar el encierre de terminación (Cassina, 2009).

### **CONTRATOS DE CAPITALIZACIÓN (Pools Ganaderos).**

Consiste en la capitalización de hacienda de cría o de animales de invernada, es decir, un planteo ganadero hacia terceros, del que pueden participar incluso aquellos inversores que no tienen campo. En un contrato de capitalización participan un "Capitalista", persona o sociedad, propietaria de hacienda o con capital para adquirirla, la que coloca por un tiempo determinado en un establecimiento agropecuario, propiedad de un "Propietario Capitalizador", se trate de otra persona o sociedad, que tendrá la obligación del manejo, cuidado y alimentación, repartiendo al final del contrato las ganancias (terneros o kilos de ganancia de peso –en el caso de un planteo de invernada-), en proporciones determinadas (Diario La Nación, 21/03/15).

### **CONCLUSIÓN.**

La recuperación del sector ganadero bovino argentino podrá alcanzarse en unos años, siempre y cuando se pongan en práctica modificaciones resultantes de la aplicación de innovaciones tecnológicas. Las modificaciones en la calidad de la carne, aspecto nunca abandonado por los productores criadores e invernadores tradicionales, a pesar de los duros años de crisis enfrentados por el sector, deben considerar los requerimientos del mercado externo. La recuperación del stock, la productividad

---

<sup>1</sup> Suplemento que normaliza el aporte vitamínico mineral de la dieta de los bovinos a fin de compensar el déficit natural de los alimentos. Se incorpora al alimento balanceado cuando éste es la única fuente de alimentación, como suele ocurrir en los feedlot.

<sup>2</sup> Entiéndase con recría.

ganadera y la producción de carne, están directamente relacionados con el incremento en la producción de terneros, es decir, el índice de procreo, junto a la tasa de destete. La inversión en genética, forrajes y suplementaciones asegurará lograr dicho objetivo. A continuación, la búsqueda de lograr novillos de exportación con el peso, la calidad y la trazabilidad exigida por los mercados compradores, implicará continuar apuntando a la inversión en forrajes, aspectos sanitarios y de control de la cadena productiva (trazado), lo que se verá reflejado en el precio desde la demanda. Los cambios que deben operarse en las relaciones de producción tienen por objeto recomponer la cadena de valor de la carne vacuna. Esto será un desafío, ya que las prácticas intervencionistas del Gobierno kirchnerista, protegió a ciertos eslabones de la cadena, formadores de precios, con fuerte contenido oligopólico. Por el momento, el actual Gobierno, si bien desreguló al sector, aún no encontró la manera eficaz de controlar el precio de la carne destinada al mercado interno, controlando abusos. Dejar que los consumidores se enfrenten a los eslabones de elaboración, transporte y venta para equilibrar los precios, no parece ser muy útil.

Finalmente, las modificaciones en la organización del proceso productivo, lo que significa realizar un replanteo ganadero por parte de productores criadores e invernadores tradicionales, es el más esperado. Los planteos de cría/re cría; el ciclo completo y los “pools ganaderos”, para aquellos inversores que no tienen campo, permitirán ofrecer mayor rentabilidad al productor ganadero.

#### **BIBLIOGRAFÍA.**

Cassina, Eduardo (2009) “Ciclo Completo Eficiente. Intensificación de la Actividad Ganadera”. INTA Centro Regional Buenos Aires Norte. On line. [www.produccion-animal.com.ar](http://www.produccion-animal.com.ar)

Diario Clarín. El país. Artículo: “Carne: Cruces y Distorsiones Según el Local y los Barrios”. (10/02/16).

Diario La Nación. Artículo: “Polémica por el Precio de la Carne”. (09/02/16).

Diario La Nación. Economía. Artículo: Bertello, Fernando. “A un Paso de Comer Carne Uruguaya: Inician el Trámite para Importar Ganado”. (27/02/16).

Diario La Nación. Campo. Artículo: Marín Moreno Carlos. “La Industria Exportadora de Carne Vacuna Recuperó Poder Adquisitivo”. (23/01/16).

Diario La Nación. Campo. Artículo: Groba Alejandra. “El Acuerdo para que la Carne Vacuna Aproveche su Potencial Exportador”. “Un Intento por Bajar la Volatilidad del Negocio”. (1º/08/15).

Diario La Nación. Campo. Artículo: Ferrari, Oscar. “Breve Manual de Instrucciones para una Capitalización Ganadera Exitosa”. (21/03/15).

Diario La Nación. Campo. Artículo: Sammartino Félix. “Zafra de Terneros: Criadores vs. Feedloteros”. (08/03/14).

Entrevistas a Productores Ganaderos del Partido de General Belgrano. Abril-Mayo 2013.

Piñeiro, Martín; Fiorentino, Raúl; Trigo, Eduardo; Balcázar, Álvaro; Martínez, Astrid (1982) “Articulación Social y Cambio Técnico. La Producción de Azúcar en Colombia”. Serie Investigación y Desarrollo. Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura (IICA). San José. Costa Rica.

Rearte, Daniel (2012) “Intensificación Ganadera: Triplicar la Producción por Hectárea”. INTA Informa. 06/09/12.

Santángelo, F.; García de la Torre, P. (2004) “Costos de Transacción en la Cadena de Carne Vacuna Argentina”. UCA. Trabajo presentado en el Cuarto Seminario Hereford. Octubre 2004. [www.ipcva.com.ar/files/costos\\_trans.pdf](http://www.ipcva.com.ar/files/costos_trans.pdf). Disponible Agosto 2004.

[susana.fratini@gmail.com](mailto:susana.fratini@gmail.com)

## A ARQUITETURA DA CRISE FINANCEIRA

Zeno Soares Crocetti  
professor doutor  
Universidade Federal da Integração Latino Americana/UNILA/Foz do Iguaçu/Brasil  
Artigo de pesquisa em andamento/zeno.crocetti@unila.edu.br

### Introdução

O estudo sistemático das crises do sistema capitalista fez parte do projeto teórico que Marx não pôde concluir. Não obstante, ao longo de sua principal obra, O Capital, é possível recolher elementos que permitem uma aproximação consistente da explicação sobre esse fenômeno próprio do modo de produção em questão. Esses elementos estão distribuídos não apenas de modo esparso ao longo dos vários capítulos que compõem a obra, mas também encadeados como o desenvolvimento lógico a partir dos momentos fundamentais da economia capitalista, identificadas pelo autor desde o primeiro parágrafo.

Para Marx a crise no sistema capitalista, ou as três modalidades de crises, são o momento de reunificação dos polos contrários autonomizados. A concorrência é a forma como a lei geral de funcionamento da acumulação capitalista se impõe aos capitais individuais na concretude do sistema. Assim como a lei da queda da taxa de lucro, a lei geral da acumulação está sempre operante, manifeste-se ou não. Isso nos levou a compreender as crises a partir do elemento básico da produção capitalista, a mercadoria. As crises representam apenas, ainda que de modo extremamente violento, a irrupção dessa contradição entre produção e realização, desdobrada da contradição básica entre valor de troca e valor de uso, decorrente da diferenciação entre trabalho concreto e trabalho abstrato, característica central do modo de produção. As modalidades de crises do capitalismo para Marx são;

1. As **crises conjunturais cíclicas de superprodução**,
2. A **crise estrutural** do capitalismo, intrínseca ao capitalismo e que tenderia a ser cumulativa.
3. A **crise final**, onde aconteceria o colapso do capitalismo, que seria substituído pelo socialismo através da "revolução do proletariado".

Esse trabalho pretende abordar a questão das crises a partir das pesquisas de Marx, Schumpeter, Kondratiev, Piketty, Rangel, Mamigonian, Wood, Mandel, Hobsbawm e Amin e associando-as com a lei geral de acumulação capitalista, cujo fundamentalismo ocidental, é o consumo. Para explicar a conexão lógica que une o fenômeno das crises à contradição básica do sistema, retomaremos as formas mais abstratas dessa oposição para, em seguida, abordar seus desdobramentos ao longo do desenvolvimento da teoria sobre o capital.

Considero esse tema complexo e excessivamente explorado. Sendo estas análises provisórias no conjunto do conhecimento, uma vez que essa pesquisa encontrasse em sua fase inicial e podem ser alteradas e aprofundadas posteriormente, com a continuidade dos estudos no campo das relações da sociedade, do território, da economia e das tecnologias. Este texto é ainda um esboço, portanto peço que o considerem com generosidade nos debates.

**Palavras-chave:** Geografia econômica, economia política, globalização, neoliberalismo e território usado.

### A Gênese da crise

*Poucos observadores, em 1849, poderiam ter predito que 1848 iria ser a última revolução geral no ocidente. As reivindicações políticas do liberalismo, radicalismo democrático e nacionalismo, apesar de excluírem a "república social", viriam a ser gradualmente realizadas nos 70 anos seguintes na maioria dos países desenvolvidos, sem maiores distúrbios internos, e a estrutura social da parte desenvolvida do continente iria provar a si mesma ser capaz de resistir às explosões catastróficas do século XX, pelo menos até o presente (1974). A razão principal para isso reside na transformação e expansão econômica extraordinárias dos anos entre 1848 e o início da década de 1870, que é o assunto principal*

*deste capítulo. Foi o período no qual o mundo tornou-se capitalista e uma minoria significativa de países "desenvolvidos" transformou-se em economias industriais.*

*Esta era de desmedido avanço econômico começou com um boom que viria a ser o mais espetacular ocorrido até então, e, sobretudo por ter sido temporariamente impedido pelos eventos de 1848. As revoluções haviam sido precipitadas pela última e talvez maior das crises econômicas do tipo antigo. O novo mundo do "ciclo do comércio" que apenas os socialistas haviam reconhecido como o ritmo básico e modo de operação da economia capitalista tinham seu tipo próprio de flutuações econômicas e suas próprias dificuldades. Porém, em meados da década de 1840, embora a difusa e incerta era do desenvolvimento capitalista desse a impressão de estar chegando a um fim, ao contrário, o grande salto para a frente estava apenas por começar. 1847-48 viu um severo tropeço do ciclo do comércio, provavelmente agravado por problemas remanescentes mais antigos. De qualquer modo, de um ponto de vista puramente capitalista, era apenas uma depressão aguda naquilo que já parecia uma tumultuada economia de negócios. James de Rothschild, que olhava a situação econômica de 1848 com bastante complacência, era um homem de negócios sensível, mas profeta político bem pobre. O pior do "pânico" parecia ter passado e as perspectivas em longo prazo eram mais róseas. Porém, embora a produção industrial tivesse se recuperado bem rapidamente, mesmo depois da virtual paralisia dos meses revolucionários, a atmosfera geral permanecia incerta.*

*Hobsbawn, A Era do Capital, p. 9-14.*

A fase atual do capitalismo, como sistema político hegemônico mundial, é na realidade o neoimperialismo, que se alimenta da conquista de territórios, mas não mais territórios extensões de terras como no passado, mas sim de territórios produtivos, territórios de consumo, o "fundamentalismo Ocidental hoje é o Consumo". O fim da Guerra Fria, não significou, de maneira alguma, que o mundo tenha superado a bipolaridade e reencontrado a estabilidade, sob a hegemonia dos Estados Unidos. Pois, se há vencedores, é difícil nomear quem é o vencedor. Os Estados Unidos? A União Europeia? O Japão? A tríade juntos?

A derrota do "império do mal" abre novos mercados, cuja conquista pode provocar uma nova guerra mundial.

O globalitarismo, essa Nova Ordem Mundial, regrediu no tempo e no espaço, essa estranha modernidade, que dá dois passos para frente, três para trás. A primeira década no novo milênio assemelha-se mais aos séculos bárbaros precedentes do que ao futuro racional, descrito por tantos romances de ficção científica. Pois, centenas de países e nações, riquezas e, sobretudo, uma imensa força de trabalho disponível aguardam seu novo patrão. Única é a função de mestre do mundo, numerosos são os candidatos. Vem aí uma nova guerra entre os que pretendem fazer parte do "império do bem".

Ela tem início logo após o fim da 2ª Guerra Mundial, na Europa, depois nos EUA, onde o capitalismo imperava com maior vigor. Essa ordem surge como reação teórica e política contra o Estado intervencionista e de bem estar social. Sua tese original é o texto de Friedrich Hayek, O Caminho da Servidão, datado de 1944.

É um ataque velado e radical contra os mecanismos de controle do Estado, imposto pelo Mercado. Prega liberdade total de comércio, sem limites, sem controles. Sobrevivem de estratégias, orquestradas pelas mídias de aluguel, que em uni som vivem denunciando, esbravejando que qualquer tentativa de barrar os avanços do neoliberalismo globalizado é uma ameaça letal à liberdade, econômica e política. Sua mensagem é drástica apesar de suas boas intenções, o projeto de administração do Estado moderado, imposta via Consenso de Washington aos países da periferia do sistema capitalista, poderá conduzir ao mesmo desastre que o Nazismo Alemão, ou seja, a servidão moderna.

Hayek inconformado com o avanço do Estado de Bem-estar na Europa, em 1947 convocou alguns simpatizantes de sua orientação ideológica para uma reunião na Suíça. Entre os participantes estavam também inimigos declarados do (novo programa – New Deal, estadunidense). Nesse encontro se fundou a sociedade de Mont Pèlerin, uma espécie de Franco-maçonomia Neoliberal, retamente organizada e dedicada. Seu objetivo básico era combater o

keynesianismo e o solidarismo reinantes e preparar as bases do novo capitalismo, duro e livre de regras.

#### Modelos Ciclos de Kondratiev

CICLOS ECONÔMICOS DE KONDRATIEV							
Primeiro Ciclo		Segundo Ciclo		Terceiro Ciclo		Quarto Ciclo	
Fase (a)	Fase (b)	Fase (a)	Fase (b)	Fase (a)	Fase (b)	Fase (a)	Fase (b)
1790-1815	1815-1848	1848-1873	1873-1896	1896-1920	1920-1948	1948-1973	1973- (?)

FONTE: MAMIGONIAN: 1987, p. 63-71.

Nesse período, (1945-60), o mundo vivia sua idade do ouro, apresentado o crescimento mais rápido da economia, ou seja, estávamos surfando na onda do ciclo longo de Kondratieff em sua fase “A” expansiva. Por essa razão, a polêmica contra a regulação social, tem uma receptividade maior, e Hayek e seus companheiros pregam que o novo igualitarismo deste período, promovido pelo Estado, de Bem-estar, destruiu a liberdade dos cidadãos e a vitalidade da concorrência. Desafiando o consenso oficial da época, eles argumentavam que a desigualdade era um valor positivo – Na realidade imprescindível em si, pois disso precisavam as sociedades ocidentais. Essa tese permaneceu na teoria Neoliberal por mais de 20 anos.

#### Crise Estrutural

Com a crise cíclica estrutural do Capitalismo, deflagrada com a primeira e segunda crise do petróleo de 1973/74 e 1978-79, fase “B” do ciclo longo de Kondratieff, que levou o mundo a uma bruta recessão, combinando com baixas taxas de crescimento da economia aliada as altas taxas de inflação, pela primeira vez, abriu caminho para as ideias Neoliberais, que passaram a ganhar maior visibilidade. As raízes da crise, afirmava Hayek e seus companheiros, estavam localizados no poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira mais geral, do movimento social organizado, que corroeram as bases da acumulação capitalista com suas pressões reivindicativas sobre os salários, e com sua pressão parasitária para que o Estado aumentasse cada vez os gastos sociais.

Os salários e os encargos sociais segundo a análise neoliberal destruíram os níveis necessários de lucros das empresas e desencadearam processos inflacionários que levaram a uma crise geral das economias capitalistas, esses argumentos foram usados em rede mundial articulados em comum acordo com a Mídia de Aluguel corporativa mundial para mascarar a crise Geral do Capitalismo, diagnosticada por Marx, e estudada por Kondratiev e Schumpeter. O remédio era claro; manter o Estado forte; sim; mas só na sua capacidade de romper e esmagar o poder dos sindicatos e o controle monetário, mas sem ação e fraco para investimentos, intervenções econômicas e gastos sociais. Mas o receituário só terá sucesso se vir associado à estabilidade monetária, controle inflacionário, que irá garantir as bases do intervencionismo Neoliberal.

*Cerca de 61% de todos os estadunidenses eram “classe média” em 1971, enquanto, hoje, o número caiu para 51%. A classe média está envolvida em uma guerra até a morte nos Estados Unidos com os agentes de Wall Street que pretendem privá-los do trabalho, tirar seus ativos, executar a hipoteca de suas casas, e deixá-los sem nenhum dinheiro para enfrentar a velhice. É apenas uma boa e velha luta de classes – e como Warren Buffett opinou – a classe dele está ganhando.*

*Mike Whitney, Washington Post.*

Sendo assim; uma nova e saudável desigualdade iria voltar a dinamizar as economias avançadas, que naquele momento (1973-79), estavam às voltas com uma estagnação, resultados das políticas de Keynes, ou seja, a intenção anticíclica de redistribuição social, as outras haviam desgraçadas o mundo normal da acumulação e do livre mercado. Anulavam pela força do controle da circulação das ideias, vide controle da mídia de aluguel, e a compra de pesquisadores vassallos, na periferia do Sistema Capitalista e no Centro do Império também (John Williamson, Milton Friedman, etc.) para reafirmar e legitimar sua tese, Dessa maneira, o crescimento da

economia cresceria quando a estabilidade monetária (fim da Inflação) e os incentivos essenciais para retomada do desenvolvimento e da modernidade.

O modelo neoliberal levou mais de uma década para ser implantado, pois a maioria dos países europeus adotava a cartilha Keynesiana. O pioneiro do modelo foi o Chile, sob a tutela militar de Pinochet, no início dos anos 1970, começou de modo avassalador, desregulamentação econômica, profissional, desemprego em massa, repressão sindical, concentração de renda em favor da elite, privatização de bens públicos, tudo isso inspirado no modelo neoliberal estadunidense de Milton Friedman.

O crescimento da última década foi celebrado como a expressão de um triunfo inexecedível da experiência capitalista dos Estados Unidos sobre o resto do mundo. Avaliações peremptórias não hesitaram em apontá-la como superior não só à experiência socialista, como também a de outros tipos de capitalismo, como o japonês e os modelos europeus de sociedade e de economia.

O crescimento desse período teve início na segunda metade de 1992, foi lento até mais ou menos 1995/1996 e, paradoxalmente, começou a se acelerar após as crises mexicana, asiática e brasileira. Em boa medida a economia estadunidense se nutriu das crises na periferia do sistema para ganhar nervos e musculatura. O período que vai do final dos anos 1970 até esse salto, marca uma lenta recuperação do poderio econômico, militar e financeiro dos Estados Unidos. Ele se fez não só com as transformações política e econômica da URSS, mas também com a imposição do padrão capitalista de financeirização estadunidense do país às demais nações.

Desde os anos 1970, os Estados Unidos já vinham abandonando certas referências que marcaram seu crescimento no pós-guerra, bem como desmontando regras prudenciais de gestão financeiras adotadas a partir dos anos 1930 e consolidadas durante o esforço bélico. Tais características haviam contribuído significativamente para a recuperação da Europa no pós-guerra, além de abrirem espaços para a industrialização de países periféricos. A existência de um bloco socialista competindo com o capitalismo foi igualmente decisiva na ampliação das oportunidades de desenvolvimento no planeta.

É importante lembrar que a direção política do capitalismo estadunidense nesse período era bem mais heterogênea do que a atual. Havia, por exemplo, dentro do governo Roosevelt, uma fração muito importante do Partido Democrata que preconizava um futuro salvaguardado pela aliança entre os Estados Unidos e a União Soviética. O inimigo verdadeiro, desse ponto de vista, seria o velho imperialismo europeu, o que explica, em parte, as dificuldades do representante inglês em Bretton Woods, John Keynes, para viabilizar suas propostas de reforma do sistema monetário internacional.

Ao contrário do que ocorreu no final da I Guerra Mundial, porém, e que levou à crise do capitalismo desregulado de então, cujo ápice foi a Depressão de 1929 e dos anos 1930 - em 1944 os EUA tomaram a decisão política de não repetir os erros do passado. O Plano Marshall e o impulso dado à reconstrução europeia para a unificação econômica foram decisivos para a economia alemã e a francesa se rearticular. Da mesma forma, o financiamento estadunidense foi o divisor que permitiu a reconstrução econômica japonesa.

A impressão dominante naquele momento era a de que o capitalismo estava diante de um sólido e prolongado ciclo de expansão a salvo das flutuações cíclicas violentas inerentes à sua dinâmica de crescimento. Novas formas de regulação e controle do sistema haviam sido introduzidas sob o impulso de forças sociais que emergiram ao final da Guerra, entre elas os partidos comunistas, que tiveram papel relevante na definição das estratégias de reconstrução do capitalismo europeu. Entre as principais características dessa nova institucionalidade estava a admissão de que o Estado, obrigatoriamente, deveria promover a regulação do ciclo econômico.

Os Estados nacionais passaram então a se apropriar e a dispendir uma fatia do produto nacional muito superior àquela observada nos anos 1920. O maior controle público sobre o excedente evitaria que as flutuações do ciclo econômico redundassem em ajustes baseados na contração quase automática da renda e do emprego como ocorrera até 1929. A segunda característica associada às coligações sociais e políticas que emergiram nesse período foi o crescimento do salário real e dos benefícios sociais, paralelamente ao aumento da produtividade do trabalho. Um terceiro pilar fundamental de sustentação dessa arquitetura foi à instituição do controle dos movimentos de capitais entre os países, sobretudo dos capitais de curto prazo.

Vale lembrar que a reforma que Keynes e Dexter White tentaram aprovar em Breton Woods envolvia, grosso modo, as seguintes balizas: o dinheiro internacional seria simplesmente uma moeda de conta, permitindo que os países trocassem mercadorias por mercadorias. O dinheiro funcionaria assim apenas como referência de cálculo. Os países que tivessem déficit registrariam num banco internacional, em sua conta, a dívida com os demais. A compensação entre os déficits e superávits tornaria desnecessário saldar dívidas através de movimentos de capitais de curto prazo. Keynes, a partir da experiência nefasta dos anos 1920, estava convencido de que não era prudente delegar aos mercados a regulação do fluxo monetário internacional. Tampouco eles deveriam assumir a responsabilidade pelo fornecimento de liquidez aos países que porventura registrassem déficit na balança de pagamentos.

Como se sabe esse sistema não foi aceito em sua totalidade nem pelos Estados Unidos, nem pela Inglaterra. Mesmo assim o acordo de Bretton Woods permitiu que os países controlassem suas contas de capital, proporcionando-lhes maior autonomia na fixação das políticas monetária e fiscal. A prerrogativa de proibir a entrada e a saída de capitais manteve-se até meados da década de 1980, inclusive no Brasil, garantindo certo grau de proteção à política econômica contra ondas de volatilidade e movimento especulativo no plano internacional. Ao contrário do que ocorre hoje, caso houvesse uma crise na Bolsa de Nova York, os governos não tinham que elevar a taxa de juro – dispunham de instrumentos para impedir que os efeitos da turbulência fossem integralmente internalizados.

O que se verifica agora é exatamente o oposto. Capitais se movem livremente pelo planeta apostando na desvalorização das moedas; promovendo chantagem explícita contra políticas de juro baixo; ou ainda tomando posição nos mercados à vista, ou de contratos futuros, contra economias supostamente dotadas de moedas frágeis. Se esses mercados funcionam livremente, a especulação é inevitável - por definição, eles são mercados especulativos. Falar em controle de capitais tornou-se um anátema a partir dos anos 1970 – pelo menos foi assim até a emergência da nova crise acionada pelo estouro da bolha imobiliária nos EUA. Na verdade, os grandes protagonistas do processo econômico, a grande empresa internacional e os grandes bancos, frequentemente ganham mais dinheiro no mercado financeiro do que na produção de mercadorias.

Quando uma empresa está localizada em vários mercados, como ocorre hoje, poderá ter um ganho fenomenal se estiver bem posicionada diante de uma alteração cambial – o que não é difícil considerando-se que têm acesso a boas informações e relações estreitas com grandes bancos. Em caso de aposta equivocada, todavia, as perdas, como estamos vendo, podem assumir contornos sistêmicos imprevisíveis.

Para os reformadores de Bretton Woods a estabilidade do câmbio e dos juros era fundamental para a tomada de decisão na esfera produtiva do capitalismo. Uma decisão de longo prazo, como é o caso de um grande investimento, requer um horizonte razoável de segurança e para isso duas taxas devem oferecer certo grau de previsibilidade: a taxa de juros e a taxa de câmbio. Esses são dois preços-chave da economia que informam fundamentalmente a decisão capitalista: a taxa de juros indica qual é a conveniência do detentor da riqueza mantê-la sob a forma de capital monetário ou investi-la sob a forma produtiva, ou qualquer outra forma. Para isso a estabilidade da taxa de juro em um patamar moderado é fundamental. No caso da taxa de câmbio, o que se espera é que ela amplie o horizonte de paridade entre o dinheiro particular – as moedas nacionais – e a moeda de referência mundial. Se esses preços flutuam erráticamente, a decisão do capitalista torna-se totalmente desordenada.

A lógica do controle dos capitais que prevaleceu nos anos 1950/60 permitiu que as economias pudessem crescer de maneira mais ou menos equilibrada gerando, não por acaso, aquilo que se convencionou chamar de milagre alemão, milagre japonês, milagre italiano... Tudo ancorado na arquitetura de um capitalismo domesticado, quer dizer, do capitalismo controlado politicamente pela intervenção do Estado em cada país. Essa institucionalidade impediu que fossem reproduzidas as crises dos anos 1920, e mesmo as crises do final do século XIX em boa parte do século XX.

## **Conclusão**

Uma das razões pelas quais a crise do capitalismo não acabou foi que as novas tecnologias continuam proporcionalmente atrasadas. Atrasadas porque a financeirização foi prioridade para ter uma lucratividade imediata. O capitalismo está atrasado do ponto de vista de revolução tecnológica. E só essa revolução tecnológica é que vai permitir à economia mundial toda se recuperar. A atual crise da primeira década dos 2000, essa crise vai acelerar a corrida tecnológica porque está demonstrado que aqueles que ficarem esperando excessivamente vão ficar para trás.

A questão da revolução tecnológica é uma questão da qual não se escapa. Isso não é uma coisa que se possa controlar ou deixar de controlar. São leis do capitalismo. O capitalismo quando entra num período depressivo é obrigado a procurar novas fórmulas de lucratividade. E uma delas são tecnologias novas. Nesse sentido, dá para dizer que o fordismo já acabou, foi substituído pelo toyotismo. Dá pra dizer que a segunda revolução industrial já acabou ela está sendo substituída pela terceira. Então, é um fenômeno inexorável — não é coisa que dá pra ser a favor ou contra.

A relação produção/consumo para o capitalismo é fundamental. Não se pode brincar. Conseqüentemente, o que vem por aí — num futuro relativamente próximo — é uma diminuição da jornada de trabalho, como já houve nas outras revoluções industriais. Porque para o capitalismo não interessa ter uma população desempregada muito numerosa. Há uma margem de tolerância política. E, por outro lado, há uma necessidade de que a relação entre produção que sobe verticalmente pela revolução tecnológica seja acompanhada por uma capacidade de consumo. Essa capacidade de consumo pode ser induzida pelos Estados, sob a forma de uma redução da jornada de trabalho como aconteceu em todas as revoluções industriais.

#### REFERÊNCIAS

- AMIM, S. O desenvolvimento desigual: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico. Rio de Janeiro: Forense, 1973.
- BENSAID D. Marx, o intempestivo - grandezas e misérias de uma aventura crítica. Rio de Janeiro: Civilização, 2005.
- CHESNAIS, F. [et al.] A Finança Capitalista. São Paulo: Alameda, 2010.
- CROCETTI, Z. S. Geografia e Poder: A dialética do território. In: Geografia e interfaces de conhecimento debates contemporâneos sobre ciência, cultura e ambiente. Londrina: EDUEL, 2011, p. 229-252.
- FIORI, J. L. História, Estratégia e Desenvolvimento. São Paulo: Boitempo, 2014.
- HOBBSAWM, Eric. A Era do Capital 1848-1875. São Paulo: Paz & Terra, 3ª edição.
- HOLLOWAY, John. Mudar o mundo sem tomar o poder. São Paulo: Boitempo, 2003, 1ª edição.
- JOHNSON, Chalmers. As Aflições do Império. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- KAPLAN. R. D. A vingança da Geografia. Rio de Janeiro: Campus, 2013.
- KLEIN, N. A Doutrina do Choque. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KONDRATIEFF, N. D. (1939) The Long Wave Cycle. London: E P Dutton, 1984, 138 p.
- MAMIGONIAN, A. Teorias sobre a industrialização brasileira. Florianópolis: Cadernos Geográficos. UFSC/CFH/GCN, nº 2. Imprensa Universitária, 2000.
- MANDEL, Ernest. Las ondas largas del desarrollo capitalista. Madrid: Siglo XXI, 1986. 1ª edição.
- MARX, K. O Capital, Volume I, II e III. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 3ª edição.
- PERKINS, J. Confissões de um assassino econômico. São Paulo: Cultrix, 2005.
- PIKETTY, T. O Capital no século XXI. São Paulo: Intrínseca: Rio de Janeiro, 2014.
- SANTOS, M. Por Uma Outra Globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000, 79-116.
- SCHUMPETER, J. A. Ciclos Econômicos. In: A Teoria do Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- SMICK, D. M. O Mundo é Curvo. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009.
- SOROS, G. O Novo Paradigma Para os Mercados Financeiros. São Paulo: Agir, 2008.
- WALLERSTEIN, I. O universalismo europeu. São Paulo: Boitempo, 2013.
- WHEEN, F. Como a Picaretagem Conquistou o Mundo. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- WOOD, Ellen. A Origem do Capitalismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 1ª edição.



————— Império do Capital. São Paulo: Boitempo, 2014.

ZIZEK, S. Primeiro como tragédia, depois como farsa. São Paulo: Boitempo, 2013. 3ª edição.



## **MOVILIDAD, POBREZA Y TRANSPORTE EN EL ÁREA METROPOLITANA DE BUENOS AIRES: UNA APROXIMACIÓN AL ESTUDIO DE LA MOVILIDAD FEMENINA**

Lic. Solange Paula Redondo  
Universidad de Buenos Aires

### Introducción

A lo largo de este trabajo se intentará dar cuenta del estado de la cuestión sobre la movilidad femenina en contextos de pobreza y su vinculación con las tareas de cuidado infantil, como ejes estructurantes para repensar políticas sociales más inclusivas e igualadoras.

En este tipo de análisis debemos considerar que las posibilidades de movilidad están relacionadas con el acceso al transporte como recurso fundamental para efectivizar derechos y hacer uso de los servicios básicos que facilitan la superación de desigualdades.

Para las mujeres madres el acceso al transporte resulta un factor determinante en tanto permite desarrollar las tareas que implican el cuidado de los niños pequeños y compatibilizarlo con su inserción laboral y con sus actividades personales.

Las áreas periféricas de las grandes ciudades, como es el caso del Área Metropolitana de Buenos Aires se caracterizan por las deficiencias en la infraestructura de transporte, como así también en la distribución geográfica de servicios básicos, que en su gran mayoría se concentran en la Ciudad de Buenos Aires, obligando a llevar a cabo una movilidad cotidiana a un alto porcentaje de la población. Dicha movilidad presenta ciertas diferencias por género y estrato socioeconómico; mientras los hombres suelen llevar a cabo una movilidad cotidiana de tipo pendular, en sentido lugar de residencia- lugar de trabajo; las mujeres se ven obligadas a una movilidad encadenada que muchas veces implica la combinación de varios modos de transporte y sus trasbordos, incrementando los costos económicos y temporales que caracterizan a la movilidad del Área Metropolitana de Buenos Aires.

Si vinculamos la variable temporal con los patrones de movilidad e itinerarios de las mujeres, evidenciaremos que el desarrollo de infraestructura de transporte será central para garantizar el acceso a los servicios que faciliten la satisfacción de necesidades al interior de las familias. La movilidad entonces está condicionada por la geografía y las características espaciales de quienes allí habitan, por lo cual el diseño e implementación de políticas de transporte debe considerar el diseño urbano y la oferta existente para de ese modo facilitar el acceso.

### Movilidad femenina, transporte y acceso a servicios básicos al oeste del Conurbano Bonaerense

El presente estudio se centra en la movilidad llevada a cabo por las mujeres- madres quienes en su mayoría tienen a su cargo las tareas de cuidado de los niños pequeños del hogar, especialmente en contextos socioeconómicos menos favorables, donde la carencia de recursos económicos impide la mercantilización de las mismas y la deficiencia en la infraestructura de transporte, sumado a la desigual distribución geográfica de los servicios

más demandados por las familias, como los servicios educativos y sanitario, contribuye a aumentar las desigualdades y la marginalidad social.

En estudios previos hemos dado cuenta que la zona oeste y sur del Gran Buenos Aires es la que concentra mayores índices de pobreza (Liberali; Redondo, 2014), por lo cual analizar las necesidades de movilidad de grupos vulnerables como las mujeres- madres adquiere relevancia.

Las variables descriptas serán analizadas en la localidad de González Catán, partido de La Matanza a fin de evidenciar como impacta el déficit de servicios públicos en los itinerarios y trayectorias vinculadas al cuidado infantil que desarrollan las familias y en particular, las mujeres. El área de estudio constituye un ejemplo elocuente (aunque no una excepción) de las situaciones de inmovilidad, exclusión y marginalidad que experimentan quienes residen en la periferia del Conurbano Bonaerense. Es allí donde muchas veces las distancias se vuelven extremas y donde la ausencia de políticas de transporte es la principal barrera de acceso a la satisfacción de necesidades que faciliten la reducción de la pobreza en la que estos sectores se encuentran inmersos.

### Población y déficit de servicios básicos

La localidad de González Catán presenta una estructura demográfica con un predominio de mujeres (51% según el Censo de Población y Vivienda 2010) y un alto porcentaje de niños menores de 14 años.

El desarrollo de infraestructura y la provisión de servicios básicos necesarios para satisfacer las necesidades de la población son responsabilidad del Estado, quien a través del diseño e implementación de políticas públicas debe garantizar su correcta distribución geográfica para que todas las personas puedan acceder a ellos en tiempo y costos razonables. Pero en un país que durante varias décadas tuvo un Estado que no solo no reguló sino que favoreció que el manejo de gran parte de los servicios básicos esté en manos privadas, las consecuencias no pueden haber sido otras que el aumento de la marginalidad social y la desigualdad creciente. La localidad estudiada se caracteriza por las deficiencias en la distribución de servicios básicos que son provistos por empresas privadas que deciden los lugares más rentables para realizar la prestación, los cuales no son las localidades más periféricas del conurbano.

De los 43 barrios identificados en la localidad, 32 cuentan con energía eléctrica, en tanto se ha evidenciado un importantísimo déficit en la provisión de gas natural, donde el 86% de los barrios acceden al mismo a través de garrafas.

Respecto a los servicios sanitarios y educativos, la localidad de González Catán cuenta con dos hospitales el hospital interzonal de agudos “Simplemente Evita” y el hospital materno- infantil “Dr José Equiza”; las salas de salud presentan importantísimas deficiencias tanto en recursos humanos como insumos, lo cual obliga a los pacientes a recurrir a la atención en guardias hospitalarias colapsando aun más el castigado sistema de salud bonaerense. Por otra parte la localidad cuenta con una Unidad de Pronta Atención (UPA) emplazado en el km 29.5 de la Ruta Nacional n° 3.

Al observar los datos recogidos durante el trabajo de campo es posible afirmar que el acceso a los servicios sanitarios desde los barrios que componen la localidad presenta serias dificultades, que se profundizan si incorporamos al análisis las deficiencias en el acceso al transporte, provocando que las personas allí residentes vean limitadas sus posibilidades de movilidad en tanto los tiempos y costos de traslado superan los límites de sus posibilidades. Asimismo se evidenció que las distancias que son necesarias superar para llegar a hospitales y centros de salud varían entre 10 y 50 cuadras, sólo un pequeño porcentaje de los barrios cuenta con estos servicios en su interior.

Con los servicios educativos la situación no mejora demasiado, aunque las escuelas de educación primaria son más extendidas, la educación inicial es aun muy deficiente, sin mencionar los servicios de cuidado infantil que son inexistentes. La disponibilidad de servicios educativos es el dispositivo que facilita la institucionalización del cuidado de niños pequeños y por lo tanto descomplejiza la inserción de las mujeres- madres al mercado laboral, aunque resulta evidente que el diseño e implementación de políticas públicas aun no han tomado nota de esta problemática. La localidad cuenta con un total de diecisiete jardines de infantes y diecinueve escuelas primarias de gestión estatal. Del mismo modo que acontece con los demás servicios mencionados, la distribución geográfica de establecimientos educativos es muy heterogénea, dejando sin cobertura a gran cantidad de población, quienes deben recorrer grandes distancias para acceder a los mismos.

Resulta necesario poner de manifiesto que para hacer efectivo el uso de dichos servicios no basta con que el Estado provea los mismos sino que debe garantizar su acceso a través de la infraestructura de transporte, considerando los costos económicos y temporales que implica la movilidad cotidiana urbana, en especial la movilidad femenina.

Si pensamos en la accesibilidad debemos prestar atención a los servicios de transporte; al respecto el área de estudio es recorrida por nueve líneas de autotransporte que en su mayoría transitan por las rutas n°3 y n° 21 e ingresan a algunos barrios circulando por las escasas calles pavimentadas; algunas conectan la localidad con otras del partido (como por ejemplo Ramos Mejía o San Justo) u otras localidades de partidos vecinos (como Morón); mientras que algunas líneas llegan a distintos puntos de la Capital Federal (Liniers, Constitución y Plaza Miserere). Los costos económicos y temporales varían en función de la distancia a recorrer y las frecuencias ofrecidas por las empresas, que en las zonas más alejadas pueden superar los 40 minutos.

Por su parte los viajes locales, que recorren distancias relativamente cortas, son también prestados por los denominados "micros truchos" ("el verde" según los entrevistados) que se encuentran en muy malas condiciones, no solo en lo que a aspectos legales se refiere, sino también en material rodante.

Respecto al transporte ferroviario la línea Belgrano Sur del ferrocarril Metropolitano AMBA cuyo recorrido comprende desde la estación Buenos Aires (Barrio de La Paternal) hasta la localidad de González Catan, presta servicios de lunes a sábado, brindando a lo largo de toda la jornada un total de 42 servicios con una frecuencia aproximada de 20 minutos entre cada uno y un tiempo total de recorrido de una hora.

#### La movilidad femenina en González Catán

La movilidad femenina en González Catán se caracteriza por presentar patrones bien marcados que limitan los desplazamientos como consecuencia de la desigual distribución de servicios y la falta de inversión en políticas de transporte que contemplen las necesidades de movilidad de las mujeres- madres.

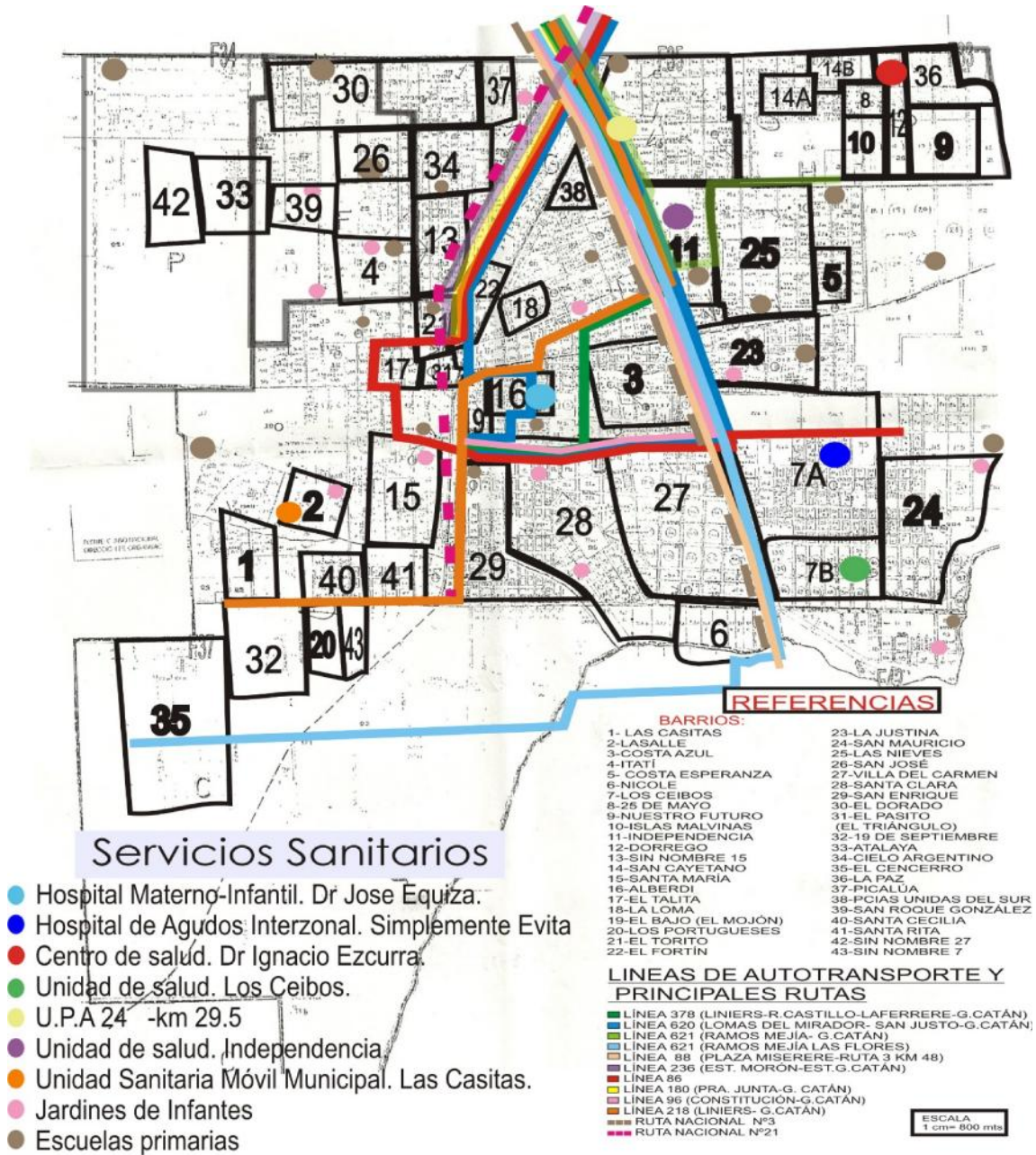
En términos generales la movilidad cotidiana presenta diferencias por género y estrato socioeconómico (Díaz Muñoz, A; 1989), basadas principalmente en las heterogeneidades en los roles al interior de las familias, donde históricamente predominó un modelo de hombre proveedor y mujer cuidadora. En el contexto de pobreza analizado, la inserción laboral de las mujeres resulta más dificultosa, como consecuencia de los bajos niveles educativos alcanzados que limita el acceso a empleos más calificados, lo cual junto con las deficiencias en la disponibilidad de servicios de cuidado, educativos y fundamentalmente en la infraestructura de transporte, incrementa los costos económicos y temporales de los desplazamientos, provocando que para estos sectores poblacionales la pobreza de tiempo sea una de sus rasgos principales (Esquivel V, 2015)

Dicha movilidad responde a actividades vinculadas a la organización del hogar y el cuidado de los niños pequeños, razón por la cual es una movilidad encadenada, que incluye la combinación de distintos modos de transporte; limitando los desplazamientos y obligando a las mujeres a desarrollar estrategias que les permitan mejorar la gestión del tiempo, fundamentalmente reduciendo su radio de acción dentro de los límites de sus propios barrios, a fin de poder recorrer las distancia a pie o en colectivo. (Redondo, S; 2012).

#### El ¿acceso? Al transporte y a los servicios demandados

En el plano que se presenta a continuación se evidencia no sólo la desigual distribución de servicios educativos y sanitarios sino también la carencia de los mismos. Respecto de los servicios de transporte público se observa que el recorrido del transporte automotor se efectúa a través de las rutas principales (Ruta 3 y Ruta 21) y al interior de los barrios la cobertura se da en las escasas calles pavimentadas, lo cual genera situaciones de aislamiento e inmovilidad para sus residentes, especialmente cuando se cruza la información referida al transporte con la distribución de establecimientos sanitarios y educativos que si bien parecieran no responder a un patrón particular, resulta claro que son insuficientes para cubrir las necesidades de la población compuesta por un alto porcentaje de niños y jóvenes adultos. Tal como se mencionó, en la localidad de González Catán parte de las necesidades de movilidad es cubierta por líneas de colectivos ilegales, las cuales no se han cartografiado debido a que no realizan un recorrido estipulado que en muchos casos se superponen con los servicios prestados por las empresas. Esto permite reflexionar acerca del papel ejercido por el Estado y el mercado en la prestación y regulación de los servicios de transporte público, aunque coincidentemente ninguna de las dos “opciones” contempla las necesidades reales de movilidad de la población, por lo cual resulta imprescindible tener en cuenta que el acceso al transporte permite la satisfacción de necesidades básicas.

Localización de barrios, principales rutas de transporte automotor, líneas de colectivo que recorren la localidad, servicios sanitarios y educativos.



correo electrónico: redondosolange@gmail.com

## O SURGIMENTO DO MODELO BASEADO NA GRANDE EMPRESA CAPITALISTA MODERNA NA INDÚSTRIA DE LEITE NO BRASIL

Doutorado  
Joel José de Souza  
Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)  
Cidade: Canoinhas/Brasil

Com o fim do tabelamento dos preços do leite na década de 1990<sup>1</sup>, um novo padrão de envase passou a tomar espaço no setor: o uso das embalagens do tipo longa vida (leite em caixinha – UHT<sup>2</sup>). Em 1990, o leite longa vida correspondia por 4,4% do mercado de leite fluido vendido no país; em 2000, esse tipo de embalagem já representava 68,8% e, em 2006, esse valor já era 75,8% (ABLV, 2010). O novo padrão de envase representa para o setor uma mudança na estrutura produtiva, permitindo a quebra definitiva da barreira regional gerada pelas grandes distâncias dos mercados em um país continental como o Brasil, que limitava um maior alcance espacial para o principal produto em volume do setor, o leite fluido.

O novo padrão produtivo gerou a possibilidade de mudanças estruturais em toda a cadeia produtiva. Na Região Sul do Brasil, tais mudanças foram impulsionadas pelo surgimento de novos grupos no setor e modernização dos já existentes. Entre as novas empresas que surgem na região e cooperativas que retornaram à industrialização, podem ser destacadas: 1990 – Cedrense, em São José do Cedro/SC; 1993 – Bom Gosto, em Tapejara/RS; 1996 – Terra Viva, em São Miguel do Oeste/SC; 2001 – Nestlé, em Palmeira das Missões/RS; 2002 – Cordilat, em Cordilheira Alta/SC; 2002 – Silvestre, em Três Barras/PR; 2004 – Aurolat, em Pinhalzinho/SC; 2007 – Castrolanda, em Castro/PR; 2008 – Relat, em Estação/RS; 2008 – Italac, em Passo Fundo/RS; e, em 2008, o retorno ao setor da CCGL<sup>3</sup>, em Cruz Alta/RS; em 2012, retorno da Cooperativa Batavo (Frísia) e a industrialização, em Carambeí/PR.

Tais mudanças tiveram como resultado um novo padrão produtivo baseado em plantas industriais, com capacidade de produção superior aos quinhentos mil litros/dia nas unidades instaladas na década de 1990, e, nos investimentos pós-1990, plantas com capacidade acima de um milhão de litros/dia (Tabela 1).

Tabela 1 – Unidades industriais para processamento de leite, instaladas na Região Sul do Brasil pós-anos de 1990, com capacidade de processamento superior a 1 milhão de litros/dia

Empresa	Investimento/ R\$	Capacidade	Principal produto	Localização
Aurora	160 milhões	2 milhões/l/dia	Leite em pó e UHT	Pinhalzinho/SC
CCGL	120 milhões	1 milhão/l/dia	Leite em pó	Cruz Alta/RS
Relat	30 milhões	1,2	Pó do soro do	Estação/RS

<sup>1</sup>O leite fluido tipo C, principal produto em volume do setor lácteo, teve seu preço tabelado, de 1945 a 1990.

<sup>2</sup> UHT é a sigla usada para o leite longa vida ultrapasteurizado, que é o leite líquido homogeneizado, que foi submetido durante 2 a 4 segundos a uma temperatura entre 130 e 150° C, mediante um processo térmico de fluxo contínuo; imediatamente resfriado a uma temperatura inferior a 32° C e [envasado assepticamente](#) (ABLV, 2010).

<sup>3</sup> A CCGL foi líder do setor no Rio Grande do Sul da década de 1970 a 1990, quando vendeu o setor de lácteos (Elegê) para o grupo Avipal, que hoje pertence à Brasil Foods. A marca Elegê é hoje a líder nacional em UHT.

		milhão//dia	leite	
Embaré	237 milhões	2 milhões//dia	Leite em pó, condensado e balas	Sarandi/RS
Castrolanda	95 milhões	1 milhão//dia	Leite em pó	Castro/PR
Cooperativa Batavo	38 milhões		Leite em pó	Pato Branco/PR

**Fonte:** Elaborada pelo autor com dados retirados do site da Milkpoint e em saídas de campo (2011 e 2012)

Esse novo padrão industrial teve como resultado a reorganização espacial do setor, com a alteração do padrão estrutural das unidades produtivas – de pequenas fábricas e usinas de leite, para produção industrial concentrada em plantas industriais com maior capacidade de produção –, visando diretamente a ganhos em escala, quebrando definitivamente com o caráter regional das indústrias localizadas na Região Sul do Brasil. Outra mudança importante ocorrida nos anos 1990, e que teve uma influência direta sobre o setor, está ligada ao local de comercialização final dos produtos, os quais mudaram dos tradicionais balcões de padaria, como principal local de venda direta do leite, para as gôndolas dos supermercados, sobretudo das grandes redes, que passaram a dominar a comercialização do leite fluido. Referida mudança permitiu ganhos em escala de todo o ciclo do produto, que inicia na produção, passa pela industrialização, chegando, então, à comercialização.

O impulso fundamental que põe e mantém em funcionamento a máquina capitalista procede dos novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados e das novas formas de organização industrial criadas pela empresa capitalista (SCHUMPETER, 1961, p. 110).

Tais mudanças, que passaram a ocorrer a partir da década de 1990, foram ocasionadas por investimentos em logística em toda a cadeia produtiva, como, por exemplo, o aumento no uso de resfriadores de leite nas propriedades, possibilitando um maior alcance espacial na captação de leite feita pelas indústrias, pela disseminação da coleta a granel, com o uso dos caminhões isotérmicos. Martins e Faria (2006, p. 54) afirmam que “os laticínios introduziram o conceito de logística integrada, o que levou ao fechamento de postos de resfriamento, redução de rotas de coleta, demissão de pessoal e aumento de carga transportada por caminhão”. Em síntese, maior competitividade do setor em face do mercado, tendo como reflexo a busca constante por inovações em todas as escalas do setor produtivo.

O processo de concentração industrial teve como um dos resultados a entrada de grandes grupos do agronegócio de capital nacional no setor, como Brasil Foods e Cooperativa Aurora, e a formação de novos, como a LBR por meio da política de fusões e aquisições, que passou a ocorrer na última década, trazendo como resultado mudanças estruturais em toda a cadeia produtiva. Mudanças tais que tiveram início na década de 1990 com a entrada de grupos de capital estrangeiro, como Parmalat, e que, nos anos 2000, passa a ser feita por grupos de capital nacional, como resposta do setor à influência do neoliberalismo econômico implantado pelos governos do Brasil nos anos 1990, cujas consequências eram o impedimento do desenvolvimento do capital local em países periféricos, como no caso do Brasil, colocando a periferia do sistema a serviço do imperialismo, freando o desenvolvimento do capital nacional.

O aumento da concentração industrial gerado por grupos de capital nacional nos anos 2000 ajudou a gerar ganhos de competitividade da indústria nacional diante das de capital estrangeiro no setor, formando uma estrutura oligopolista, tendo, na captação da matéria-prima, o principal momento de concorrência entre as empresas, gerando reflexos importantes sobre os produtores



No caso dos produtores de leite, a Região Sul do Brasil tinha 606 mil produtores em 1996, destes apenas 412 mil continuavam na atividade em 2006, totalizando uma perda de 32% do número de produtores (IBGE, 1996, 2006). A diminuição do número de produtores não levou a produção a declinar, pelo contrário, a produção aumentou 28% no mesmo período, pois, para sobreviver no modelo capitalista de produção, os produtores que continuaram suas atividades foram obrigados a aumentar seus ganhos em escala, assim como na indústria.

O aumento de produtividade, por sua vez, deve ser computado de forma líquida, com aumento de ganhos menos aumento de custos, pois, ao alterar-se o modo de produzir, a economia incorre em novos custos (serviços). Não basta que o tecelão possa produzir na fábrica mais do que o tecelão na fazenda (deduzindo a amortização do capital). Deve obter também um aumento de produção suficiente para compensar o aumento havido nos custos, representado pelos serviços (RANGEL, 2005, p. 124).

As propriedades rurais envolvidas com a produção de leite no país, na busca pelo equilíbrio entre aumento de produção e custos produtivos, estão gradativamente sendo transformadas no que é conhecido na literatura como modelo de produtor familiar americano (*farmer*), ou seja, um pequeno empreendedor ousado, pequeno industrial inovador, isto é, um pequeno-burguês-capitalista. O resultado dessa mudança tem como reflexo o surgimento de propriedades rurais com um maior volume de produção diário, gerado para compensar o aumento nos gastos produtivos em razão do maior volume de investimentos na aquisição de insumos.

O fortalecimento da ligação entre produtores e indústria tem como fator determinante a substituição gradativa da coleta de leite não resfriado (leite transportado em galões), pela coleta a granel (leite resfriado na propriedade). A granelização teve como característica duas mudanças importantes para o setor: a primeira foi a de aproximar a indústria dos produtores, enfraquecendo o papel do freiteiro (ou leiteiro) na intermediação, e o segundo ponto é a “introdução do conceito de logística integrada, o que levou ao fechamento de postos de resfriamento, redução de rotas de coleta, otimização da mão-de-obra e aumento do volume transportado por caminhão” (CARVALHO, 2010, p. 3).

A pecuária leiteira gera bons resultado, quando produz leite em escala (grandes volumes). Para alcançar a escala, existe a necessidade de capital para adaptar-se às exigências de mercado. A escala melhora o poder de troca nas negociações, tanto nas compras como nas vendas, e há a redução de custos, como, por exemplo, de frete (NOGUEIRA et al., 2006, p. 113).

A indústria de laticínios, a partir da introdução dessas mudanças na Região Sul, passou a sofrer um processo de transição, baseado no modelo da grande empresa capitalista moderna, que visa eliminar concorrência, gerando unidades produtivas com capacidade ociosa e maior poder de atuação espacial, tendo em vista não somente o mercado regional, como acontecia até início da década de 1990 no Brasil, mas também um modelo que credencie o setor a ter uma maior competitividade no mercado internacional. A imposição de novos padrões produtivos representa, para o setor, o que Schumpeter (1961) chama de destruição criadora, que leva a mudanças estruturais em toda a cadeia produtiva.

Similarmente, a história da aparelhagem produtiva de uma fazenda típica, desde os princípios da racionalização da rotação das colheitas, da lavra e da engorda do gado até a agricultura mecanizada dos nossos dias

— juntamente com os silos e as estradas-de-ferro — é uma história de revoluções, como o é a história da indústria de ferro e aço, desde o forno de carvão vegetal até os tipos que hoje conhecemos, a história da produção da eletricidade, da roda acionada pela água à instalação moderna, ou a história dos meios de transporte, que se estende da antiga carruagem ao avião que hoje corta os céus. A abertura de novos mercados, estrangeiros e domésticos, e a organização da produção, da oficina do artesão a firmas, como a U. S. Steel, servem de exemplo do mesmo processo de mutação industrial — se é que podemos usar esse termo biológico — que revoluciona incessantemente\* a estrutura econômica a partir de dentro, destruindo incessantemente o antigo e criando elementos novos. Este processo de destruição criadora é básico para se entender o capitalismo. É dele que se constitui o capitalismo e a ele deve se adaptar toda a empresa capitalista para sobreviver (SCHUMPETER, 1961, p. 110).

Como consequência para o setor, há a mudança de padrão das plantas industriais levando à padronização de toda a cadeia produtiva, dentro dos requisitos internacionais de produção, em que a adoção do pagamento por qualidade (valorizando os sólidos do leite) surge como forma de incentivar e obrigar a modernização na propriedade rural, fechando, dessa forma, o padrão industrial de produção para todo o ciclo de produção do leite. Confirmando a tese de que o modelo baseado na economia natural passa a ser totalmente dominado pela economia de mercado, no qual o agricultor passa a desempenhar um novo papel, que numa economia desenvolvida seria chamada de trabalhador industrial (RANGEL, 2005).

## REFERÊNCIAS

ABLV (Associação Brasileira da Indústria de Leite Longa Vida). **Estatísticas**. Disponível em: <<http://www.ablv.org.br/Estatisticas.aspx>>. Acessado em: 1 mai. 2010.

CARVALHO, Glaucio R. **A indústria de laticínios no Brasil: passado, presente e futuro**. Embrapa Circular Técnica, Juiz de Fora, 2010.

IBGE. **Censo Agropecuário**. Rio de Janeiro, 1996 e 2006.

MARTINS, Paulo do Carmo; FARIA, Vidal Pedroso de. Histórico do Leite no Brasil. In: CÔNSOLI, Matheus Alberto; NEVES, Marcos Fava (Org.). **Estratégias para o Leite no Brasil**. São Paulo: ATLAS S.A, 2006.

NOGUEIRA, Maurício Palma et al. Produção Leiteira. In: CÔNSOLI, Matheus Alberto; NEVES, Marcos Fava (Org.). **Estratégias para o Leite no Brasil**. São Paulo: ATLAS, 2006.

RANGEL, Ignácio. **Ignácio Rangel Obras Reunidas**, v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ignácio Rangel Obras Reunidas**, v. 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

## **FINANZAS, INDUSTRIA Y TERRITORIO: LAS FORMAS DE FINANCIAMIENTO PARA LA INVERSIÓN PRODUCTIVA EN LA CIUDAD DE TANDIL (PROVINCIA DE BUENOS AIRES, ARGENTINA)**

Derlis Daniela Parserisas

Centro de Investigaciones Geográficas  
Instituto de Geografía, Historia y Ciencias Sociales  
UNCPBA-CONICET  
Tandil, Argentina

[dparserisas@fch.unicen.edu.ar](mailto:dparserisas@fch.unicen.edu.ar)

El presente trabajo es parte de las actividades realizadas en el proyecto: Reestructuración productiva e industria en ciudades medias de Argentina y Brasil (REPICIME) desarrollado, durante los años 2013 y 2014, por investigadores, becarios y estudiantes de la Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, la Universidad Nacional de La Plata (Argentina) y la Universidad Estadual Paulista (Brasil). El proyecto fue realizado en el marco de Proyectos de Redes Internacionales VII, financiado por el Ministerio de Educación de la Nación.

En las actividades realizadas por el grupo de estudio de la ciudad de Tandil, se analizaron diferentes aspectos de localización, producción, comercialización y financiamiento de las actividades industriales. La fuente de información con la que se trabajó fue el Relevamiento Industrial realizado en el partido de Tandil durante el año 2013.

Este trabajo persigue reflexionar, específicamente, sobre algunas de las formas en que las finanzas se relacionan con la industria y el territorio. Pensamos que en los procesos de producción y de consumo, las finanzas cumplen un rol fundamental en dos sentidos: son mediadoras entre las propias actividades urbanas y constituyen, al mismo tiempo, una división territorial del trabajo en la ciudad. Mediante la intermediación bancaria y otras entidades financieras, las finanzas están presentes en el proceso productivo, en la comercialización y en los consumos urbanos.

Entendemos que las finanzas son un contenido del territorio y constituyen una de las variables clave –que junto con la información y el consumo- explican el periodo actual.

En cuanto a la importancia del sistema financiero Silveira (2011: 2) indica que alcanza una difusión mayor en el periodo actual, vinculada lógicamente con los sistemas técnicos. “La pluralidad de sistemas técnicos y formas de trabajar está subordinada al dominio de fuerzas externas que imponen la modernización de la agricultura y de la explotación de minerales y energía, de la industria y del sector de servicios y, especialmente, del sistema financiero”.

Proponemos examinar: ¿De qué manera los instrumentos financieros, por ejemplo créditos, ejercen influencias sobre las demás actividades urbanas, entre ellas las actividades industriales? O, dicho de otro modo, nos interesa comprender las relaciones entre las actividades productivas y sus formas de financiamiento, considerando las posibilidades de acceso al crédito. Se tiene en cuenta que ello constituye una de las principales problemáticas que deben hacer frente las unidades productivas, fundamentalmente micro y pequeñas, que forman parte de la industria tandilense.

De acuerdo a esas inquietudes, el objetivo del trabajo consiste en analizar cómo es producido el espacio urbano en Tandil a partir de las formas de financiamiento a las que recurren las industrias según sus posibilidades de acceso al crédito. El análisis lo proponemos considerando los establecimientos, según tamaño y rama de actividad, que realizaron inversiones en los últimos diez años.

El trabajo se desarrolla a partir de las siguientes cuestiones: inversiones realizadas en la empresa durante la última década, formas en que fueron realizadas esas inversiones y, según la opinión de los encuestados, qué necesidades consideran primordiales para mejorar la empresa.

Para comprender las formas predominantes de financiamiento de las empresas industriales en la actualidad es necesario considerar las transformaciones en el sistema financiero argentino y en su estructura crediticia como también los cambios económicos que se consolidaron durante la década de los años noventa.

Allami y Cibils (2010: 2) señalan que como consecuencia de las reformas implementadas durante los noventa, basadas en la apertura económica, la desregulación y descentralización de diversas actividades estatales, se transformó la estructura económica. En ese contexto: “La desarticulación del entramado industrial afectó particularmente a las pequeñas y medianas empresas (PyMEs). Este tipo de unidades productivas, por poseer una menor capacidad financiera, tecnológica y de presión política respecto a las grandes -y menor competitividad-, tuvo mayores dificultades para adaptarse a las transformaciones en curso”.

Por otro lado las situaciones de financiamiento productivo se vieron afectadas por los procesos de extranjerización y concentración de entidades que se profundizaron aún más en esos años. Tuvo lugar una expansión en cuanto al total de filiales (sucursales) bancarias y no bancarias en el territorio nacional, sin embargo, se redujo la cantidad de bancos públicos y privados debido a diferentes procesos de adquisiciones, fusiones y privatizaciones.

López y Mareso (2014) explican que en la última década los bancos de capitales privados incrementaron los préstamos para las familias con un dinamismo mayor que el financiamiento para empresas. “Se evidencia una pérdida de dinamismo de los préstamos a las empresas en relación al crecimiento observado del crédito para las familias” (López y Mareso, 2014: 8). Esos cambios en la estructura de crédito deben comprenderse en el contexto actual de estímulo al consumo, y el financiamiento de éste, a través de la oferta creciente de tarjetas de crédito y préstamos personales.

En los últimos diez años el sistema financiero, ha incentivado el crédito para consumo con un dinamismo mucho mayor que los créditos destinados a la inversión productiva. Ya que

los préstamos personales y las tarjetas de crédito en el corto o mediano plazo generan mayor rentabilidad y liquidez para los bancos.

La lógica del sistema financiero en la formación socioespacial nacional se reproduce en el comportamiento del crédito para actividades productivas y las formas de financiamiento que desarrollan los establecimientos industriales de Tandil.

La intermediación financiera tiene un rol significativo en la ciudad a través de acciones concretas como pueden ser: el crédito bancario que se ofrece para las empresas, los préstamos personales para consumo, la presencia de empresas de seguros y recaudadoras de pagos de servicios, la oferta y el consumo de tarjetas de crédito o el pago de salarios mediante la intermediación bancaria. De esa manera, las finanzas están presentes en los procesos productivos, en la comercialización y en los consumos urbanos.

Nos interesa aproximarnos a las relaciones que pueden definirse entre diferentes actores que producen el espacio urbano. Específicamente comprender algunas de las relaciones entre el sistema financiero, a través de la oferta de créditos productivos, y las empresas industriales de la ciudad.

Las inversiones constituyen un factor importante en el proceso productivo, sin embargo a partir de los resultados obtenidos en el Relevamiento Industrial de Tandil, del total de los 670 establecimientos relevados, 416 de ellos realizaron inversiones en la última década, es decir el 62% del total de las empresas.

Consideramos las formas de inversión de las industrias según el tamaño económico y la rama de actividad a la que pertenecen. En cuanto al tamaño, el 96% de los establecimientos que conforman el espacio industrial corresponden a Micro y Pequeñas empresas. Según las ramas de actividad, predominan las industrias alimenticias y metalmecánicas.

En los últimos diez años, la forma más importante de financiamiento en la industria de Tandil ha sido a través de recursos propios. Esa situación se comprende en el contexto del mayor dinamismo que ha tenido el crédito destinado a consumo.

De Nigris (2008: 79) señala a los créditos para consumo como otro de los factores que afectan a las pequeñas empresas: “El direccionamiento actual del crédito que se orienta a operaciones de muy alta rentabilidad y baja incobrabilidad (préstamos personales y consumo) implica una aplicación competitiva con el crédito Pyme”.

Al aproximarnos a la situación del crédito para las inversiones productivas en Tandil reconocemos que existen diferentes actores sociales involucrados como son los bancos, los establecimientos productivos y el Estado en sus distintas escalas de acción nacional, provincial y municipal. Estos actores intervienen según sus posibilidades, estrategias y acciones políticas produciendo determinadas formas de acceso al crédito productivo.

La formación socioespacial nacional es explicativa de lo que sucede en el lugar. Si bien en Argentina en los últimos años el volumen de créditos destinados al sector privado viene incrementándose notablemente, la participación de las pequeñas y medianas empresas, en el acceso al préstamo, ha sido levemente descendente (Allami y Cibils, 2010). Esa situación podría comprenderse si consideramos que los préstamos para

consumo, tarjetas de crédito y préstamos personales, son los que adquieren una mayor participación en el volumen de dinero destinado al sector privado.

Para las micro y pequeñas empresas del país las limitaciones para acceder a financiamiento productivo es uno de los principales problemas que deben afrontar (De Nigris, 2008), y esa situación se reproduce también cuando nos enfocamos en las formas de inversiones que realizan los establecimientos en Tandil.

Por un lado, las micro y pequeñas empresas de la ciudad son las que tienen menores posibilidades de acceso al financiamiento bancario, por lo tanto, desarrollan estrategias de auto-inversión, es decir, presentan una alta proporción de financiamiento de sus inversiones a través de recursos propios. Pero también es importante señalar que la posibilidad de acceso a créditos o subsidios aparece como la necesidad primordial en todas las ramas de actividad industrial en la ciudad.

Por otro lado, las grandes empresas, aunque invierten con recursos propios, son las que tienen más posibilidades de diversificar sus fuentes de financiamiento. Es decir, tienen posibilidades de desarrollar otras estrategias que son posibles por su tamaño y por sus formas de organización. Es por ello que acceden con menor restricción al crédito ofrecido por bancos, ya que éstos optan por financiar, en primer lugar, a empresas grandes. Eso conlleva menores riesgos de incobrabilidad y mayor rentabilidad porque son clientes que poseen más solvencia y respaldo para garantizar el pago de las deudas.

Sin embargo, es importante destacar que el financiamiento bancario para actividades productivas en la ciudad es promovido principalmente por entidades públicas, a través del Banco de la Provincia de Buenos Aires y el Banco de la Nación Argentina.

## **Construção de usinas hidrelétricas na Amazônia: Complexo tapajós uma avaliação crítica do licenciamento ambiental e os impactos as populações atingidas.**

**Jacqueline Araújo<sup>I</sup>; Odinei Silva<sup>II</sup>**

O Presente trabalho analisar qualitativamente as informações contidas no relatório de impactos ambientais da construção das hidrelétricas no complexo tapajós e as ações impactantes para as comunidades ribeirinhas, indígenas e as cidades adjacentes. O texto foi construído em quatro capítulos e um capítulo final com as reflexões conclusivas. O primeiro capítulo apresenta questões que possibilitam o entendimento existente entre o território, o meio ambiente e o Estado, buscando inserir as discussões sobre a forma como se dá a vinculação do homem com seu meio e sobre o processo de interação social, que interfere nas escolhas individuais, coletivas e institucionais. Após a discussão sobre as questões ambientais, o segundo capítulo apresenta a caracterização da Amazônia, região escolhida para o estudo em virtude de sua importância para a expansão da geração hidrelétrica no país e da particularidade apresentada pelo grande número de terras indígenas identificadas e a identificar, incluindo os índios isolados ainda não contatados. O terceiro capítulo introduz a discussão sobre os conflitos ambientais em terras indígenas e o quarto capítulo apresenta a discussão que permita a adoção de soluções pautadas na promoção da equidade entre governo e populações tradicionais. A metodologia, empregada para efeito desta pesquisa, é exploratória e pesquisa participante. Para tanto, as seguintes usinas hidrelétricas do Complexo tapajós, no estado do Pará, compõem o estudo: São Luiz do Tapajós com potencial de gerar 6,133 MW, Jatobá 2,338 MW, Chocorão 336 MW. No Rio Jamaxim e Cachoeira do Caí, 802 MW. Jamaxim, 881 MW. Cachoeira dos Patos, 528 MW. Jardim do Ouro, 802 MW.

**Palavras Chaves: Conflitos, Sustentabilidade , Desenvolvimento, Hidreletricas.**

---

I. Licenciatura Pela em Geografia. Especialista em Geografia da Amazônia. E-mail: [jacquelinegeografa@gmail.com](mailto:jacquelinegeografa@gmail.com)

II. Licenciatura Plena em Geografia- UVA. Universidade Estadual do Ceará. E-mail: [odineis@gmail.com](mailto:odineis@gmail.com)

**Abstract :** The present work qualitatively analyze the information contained in the report

of environmental impacts of the construction of dams on the Tapajos complex and impactful actions to riverine communities, indigenous and adjacent cities. The text was built in four chapters and a final chapter to the conclusive reflections. The first chapter presents issues that enable the existing understanding between the territory, the environment and the state, seeking to enter discussions on how to give the linking of man with his environment and the process of social interaction, which interferes with the choices individual, collective and institutional. After the discussion on environmental issues, the second chapter presents the characteristics of the Amazon region chosen for the study because of its importance to the expansion of hydroelectric generation in the country and feature presented by the large number of identified indigenous lands and to identify, including isolated Indians have not contacted. The third chapter introduces the discussion on environmental conflicts in indigenous lands and the fourth chapter presents a discussion that will allow the adoption of guided solutions in promoting equity between government and traditional populations. The methodology employed for the purpose of this research is exploratory and participatory research. Therefore, the following hydroelectric plants of the Tapajos Complex in the state of Pará, comprise the study: São Luiz do Tapajós with the potential to generate 6,133 MW, 2,338 MW Jatoba, Chocorão 336 MW. Rio Jamaxim and Waterfall Fall, 802 MW. Jamaxim, 881 MW. Cachoeira Patos, 528 MW. Jardim Gold, 802 MW.

**Key Words : Conflict, Sustainability , Development, hydroelectric plants.**



## IMPACTOS DEL CAMBIO CLIMÁTICO EN DESTINOS TURÍSTICOS

Pablo Miranda Álvarez  
Posgrado de Geografía  
Instituto de Geografía  
Universidad Nacional Autónoma de México  
Ciudad de México, México

El cambio climático se presenta como uno de los desafíos más grandes que el ser humano debe enfrentar hoy en día, especialmente porque ha sido parte del problema desde la época preindustrial. El turismo como una actividad espacial se encuentra en interacción directa con el sistema climático, dentro del cual se enmarca el cambio climático que genera impactos evidentes en cada uno de los componentes del sistema turístico, razón por lo que ha sido objeto de estudio por diversas disciplinas y áreas de conocimiento relacionadas a la actividad turística durante los últimos años.

El destino turístico, componente fundamental de la actividad turística, se encuentra conformado por elementos espaciales, administrativos y productivos cuyas interrelaciones internas y externas permiten el desarrollo de sus productos turísticos actuales y potenciales. El cambio climático como elemento externo en interacción con el destino afecta su equilibrio al alterar los elementos que lo componen, generando impactos económicos y no económicos que en última instancia afectan a la población residente. Es por esta razón que desde la geografía del turismo se hace necesario el estudio de los diversos impactos espaciales que causa el cambio climático en estos destinos con el fin de aportar a su planificación territorial y como insumo en las medidas de mitigación y adaptación.

## A ATIVIDADE TURÍSTICA E O LAZER NO MEIO RURAL, ENSAIO E PERSPECTIVAS: MUNICÍPIO DE CANGUÇU, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL<sup>1</sup>

Éder Jardel da Silva Dutra, Bolsista PNPd<sup>2</sup>.  
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)  
Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.  
ej.dutra@bol.com.br

### Resumo:

A virada do século XX guarda uma série de particularidades que estão postas no contexto do mundo globalizado, especialmente as que implicam o rural latino americano. De uma perspectiva, que o caracterizava como o lugar do abandono e das carências, visualizam-se oportunidades. Como destacam Sacco dos Anjos e Caldas (2004, p.72), “[...] não são poucos, os arautos que anunciaram e seguem anunciando o fim iminente da ruralidade. A visão a respeito do rural não é restrita ao Brasil, mas aos países latino americanos que, de um modo geral, destacavam os espaços rurais como a representação do atraso. Todavia, é necessária a visão das dinâmicas que envolvem o rural, além da agropecuária, e o simbolismo das carências. Wanderley (2009), por sua vez, agrega que o entendimento do espaço rural deve se dar “Ao compreender o mundo rural, como espaço de vida, ou [...] como o lugar em que se vive e de onde se vê o mundo”. O avanço dos sistemas de comunicação (telefonia, internet via rádio, antenas parabólicas, transporte coletivo, estradas, entre outros) demonstra as metamorfoses que vêm ocorrendo nesses espaços.

A consolidação de atividades como o turismo e o lazer rural denotam perspectivas. Hall (2004) pontua acerca do turismo, como segue: “O turismo é hoje uma importante área de interesse acadêmico, governamental, industrial e público. Embora a afirmação de que ele é a maior área de atividade econômica do mundo seja uma verdade muitas vezes citada, o turismo é importante não só por seu tamanho em termos de pessoas que viajam, número de empregados ou quanto dinheiro leva até um certo destino; mas devido ao impacto que exerce na vida das pessoas e nos locais em que elas vivem.” (p. 17).

O presente artigo tem por objetivo demonstrar as particularidades do turismo e do lazer rural no município de Canguçu, destaca-se, entretanto, que essa atividade na realidade local, surge de maneira organizada nos últimos 10 anos. Entendemos o turismo e o lazer, a partir das definições de Candiotto e Farias (2005), que subsidiam sua análise nos postulados da Organização Mundial do Turismo (OMT), que aceita a definição, de turista como aquele que permanece no local por mais de 24 horas até menos de três meses. Se permanecer, menos de 24 horas o viajante é considerado excursionista e conseqüentemente, ira praticar o lazer.

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido para o I Congresso Internacional de Geografia Econômica, a ser realizado na cidade argentina, de Mar Del Plata e destinado ao eixo temático: crise econômica e geografia.

<sup>2</sup> Bolsista do Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD)- Capes, sob a orientação da professora Jussara Mantelli.

Wandscheer (2009, p.44) explicita que “[...] o turismo rural apresenta-se como uma potencial alternativa para muitos espaços e vem crescendo em proporção e importância, à medida que permite a valorização do meio rural”. No caso específico do município de Canguçu, os problemas encontrados pelos agricultores em especial nas atividades tradicionais, como em determinados cultivos agrícolas (fumo, milho, pêssego...), forçam as famílias a buscarem estratégias de sobrevivência. Neste interim é natural, por exemplo, que alguns agricultores procurem alternativas, entre essas está à criação de campings que propiciam atividades de lazer e turismo rural, com a concomitante geração de empregos e renda. Pedron (2007, p. 15) mostra que o turismo rural é uma realidade em crescente expansão: “O turismo em áreas rurais é um segmento do setor turístico que vem se destacando frente a uma crescente demanda em espaços verdes, rusticidade, lides campeiras, paisagens naturais, tranquilidade e contato com a cultura local”.

Ao compreendermos a vertente do turismo rural destacamos os estudos do professor catedrático Ernesto Barera, coordenador da unidade de turismo rural da faculdade de Agronomia, da Universidade de Buenos Aires (UBA). Barera (2006, p. 19) define: “[...] al Turismo Rural como aquella actividad turística realizada en el espacio rural, compuesto por una oferta integrada de ocio dirigida a una demanda cuya motivación incluye el contacto respetuoso con el entorno natural y una interrelación con la población local”.

O turismo e o lazer rural colocam-se como uma oportunidade para os agricultores diversificarem a renda. Presvelou (2004, p. 143) entende que: “As regiões rurais são espaços onde comunidades humanas vivem e trabalham. Ao mesmo tempo, preenchem funções diferentes, de importância vital para toda a sociedade. Essas regiões constituem igualmente lugares de recreação, de lazer e de cultura [...]”.

Essas oportunidades são uma forma de diversificar a renda, permitindo que o homem do campo, em especial o agricultor familiar, possa desenvolver as potencialidades de sua propriedade. Dessa forma, existe a possibilidade de agregar valor aos produtos locais e facilitar as trocas entre universos culturais distintos. Ao estudar o turismo rural na Espanha, com destaque para o caso da Andaluzia, de la Torre, Castro- Freire e Morales-Fernández (2011, p. 304) ressaltam que: “[...] el turismo rural se ha convertido en una posible solución de algunos de los problemas que han surgido en las zonas rurales: altas tasas de paro, éxodo rural, dependencia del sector primario, etc. E con la práctica de esta actividad puede generar y diversificar rentas, produciendo pluractividad, creando empleo, disminuyendo el éxodo rural”.

No caso específico em análise, salienta-se que a área de estudo compreendida pelo município de Canguçu, está situada no Sul do estado Rio Grande do Sul, Brasil. Destaca-se que a evolução da área de estudo, é atrelada à agricultura familiar. Neste lugar, desde os primeiros momentos de povoamento efetivo, ou seja, nas últimas décadas do século XIX, até o momento atual, o espaço é marcado, pela presença das unidades familiares de produção. Foram distintos momentos que marcaram essa realidade, a saber: i) a existência da agricultura de subsistência; ii) a agricultura voltada a produção de variedades agrícolas as indústrias conserveiras; iii) produção fumageira; iv) o surgimento da produção de orgânicos, nos últimos 10 anos e por fim v) as iniciativas pioneiras de alguns produtores com investimentos no turismo rural.

A Associação Brasileira de Turismo Rural (ABTR) destaca a existência de treze atividades, tidas como turismo ou lazer rural, as quais citamos, a saber: i) hotel fazenda; ii) pousada rural; iii) turismo equestre com hospedagem; iv) turismo equestre-dia de campo; v) acampamento; vi) fazenda de pesca com hospedagem; vii) restaurante rural; viii) pesque- e- pague; ix) camping rural; x) hotel ecológico; xi) SPA rural; xii) pousada rural, dia de campo e por fim xiii) fazenda histórica, dia de campo.

Para representar essa realidade, enfoca-se os *campings*, como um fenômeno novo para a realidade local. O presente estudo de caso utiliza a abordagem qualitativa e entrevistas com os proprietários dos *campings*, cumprem o princípio da saturação da amostra. Além disso, o trabalho contou, com informações obtidas junto a Prefeitura Municipal de Canguçu e pontualmente, junto a Secretaria de Cultura, Turismo, Juventude e Mulheres e dão conta que no ano de 2013, já existiam 11 campings destinados ao turismo ou lazer rural, a saber: i) Renascer; ii) Campesque; iii) Dadaio; iv) Aldo; v) Recanto do Lazer; vi) Três amigos; vii) Da Lagoa; viii) Renato Zanetti; ix) São Cristovão; x) Hernandes Rodrigues e por fim xi) Tchê Parque.

A fala dos proprietários de camping traz peculiaridades, de uma realidade que é incipiente, mas que poderá ser uma das formas de geração de empregos e renda. Segue a fala informal de um proprietário de camping: “Eu coloquei esse *camping* aqui porque vi qui tava dando certo aí na colônia di Pelotas e aqui tem uma natureza muito bonita. A ajuda da prefeitura tem sido boa, mas ti digo: não é uma coisa fácil, agrada o povo, olha, não é fácil”. A fala do proprietário revela inclusive certos receios como agradar a clientela, que sem duvida exige uma infraestrutura mínima.

Os fragmentos de outra entrevista, realizada com proprietário de um *camping*, se mostra reveladora, como se salienta: “Com a natureza que nós temo aqui, não precisa construí muita coisa, com esse arroio lindo, essa cachoeira, esse campo, só tem que dá certo. A prefeitura no que pode tem dado um bom auxílio. Eu acho que no futuro Canguçu tem muito que cresce nessa área. [...] Nem é preciso dá muito dinheiro, só em vê o pessoal que vem aqui, sai feliz, dizendo que voltarão. Isso é mais importante que dinheiro”.

Castrogiovanni (2009), fundamentado em Martinez e Monzonis (2000), observa que, entre os benefícios do turismo, estariam: “i) Estabilizar ou diminuir o êxodo rural; ii) valorizar o patrimônio natural e cultural do espaço rural; iii) contribuir para a melhoria econômica das áreas reprimidas; iv) gerar renda complementar aos integrantes das famílias; v) incorporar os filhos maiores no trabalho remunerado; vi) aproximar a população rural e as novas culturas; vii) melhorar as condições de vida da população e, viii) propiciar a valorização dos produtos rurais de qualidade”.

Um dos aspectos enfocados na discussão remete que entre as oportunidades geradas a partir do turismo está à redução do êxodo rural, basicamente da população jovem. Carneiro (2008, p. 265), ao abordar o universo jovem do meio rural, diz que “[...] o desejo de romper com o estilo de vida rural é neutralizado, em algumas situações, pela valorização urbana da vida no campo, sobretudo em locais de forte vocação turística”. Isso resulta que necessariamente valorizem-se os saberes locais, inclua-se a população em oportunidades de trabalho e propiciem-se as trocas entre universos culturais distintos. Conforme menciona Almeida (2003, p. 11), “Para alguns estudiosos, o turismo é uma necessidade vital que conduz ao lazer, à diversão e ao *homo ludens*. Quando a área receptora é o campo e apresenta locais deprimidos ou estagnados, o turismo deve permitir a estes frear o êxodo rural, ali fixar a juventude e ali qualificá-los”.

As atividades turísticas e de lazer consolidaram-se em diversos lugares e, como destaca Marafon (2009, p. 44): “Demandaram número crescente de pessoas para dar sustentação à expansão dessas atividades, o que possibilitou a liberação dos membros da família das atividades rotineiras da exploração agrícola, geradas na expansão do turismo rural”.

As atividades desenvolvidas contribuem para complementação da renda familiar e cumprem importante papel permitindo que a juventude rural tenha possibilidades de trabalho próximo aos locais de origem. É importante que se abram

oportunidades, com atenção especial para o público jovem, que se vê liberado das tarefas rotineiras que envolvem a agricultura e a pecuária em razão do aperfeiçoamento das técnicas produtivas. Entretanto, em Canguçu verifica-se o despreparo de muitos empreendedores que não estão capacitados para desenvolver o turismo e lazer rural. O poder público em suas diferentes esferas deve cumprir suas incumbências e ofertar cursos de qualificação que possibilitem ao homem do campo inserir-se nas transformações do mundo moderno com maior rapidez. Importa preparar esses cidadãos para atender às necessidades das novas atividades e principalmente agregar valor à produção local.

Vieira (2005), secundado por Ruschmann (2000), oferece importante contribuição acerca das potencialidades a partir da implantação do turismo e lazer rural, como segue: “[...] o turismo rural não apresenta a solução para todos os problemas do campo, mas trata-se de uma opção que pode trazer efeitos econômicos positivos, conseguindo contrabalancear uma eventual desintegração das atividades tradicionais [...]”. Duran (2006, p. 526), ao estudar o caso do turismo rural no sul espanhol, menciona que “Las consecuencias del turismo, en lo que se refiere a la creación del empleo y a la consiguiente mejora de las condiciones de vida de la población, han sido muy significativas”.

Procura-se, portanto, dar conta das particularidades que envolvem o turismo e o lazer rural como geradores de emprego e renda para a população rural do município de Canguçu, especialmente para a juventude rural, que encontra uma oportunidade de trabalho próxima ao seu local de origem, evitando assim o êxodo rural, tão presente na área de estudo. Não significa, portanto, que o turismo e o lazer, irão resolver os problemas relativos ao meio rural do município de Canguçu. Entretanto, são mais uma possibilidade, de gerar empregos e renda, especialmente para um universo como o de agricultores familiares, que encontram dificuldades de sobrevivência em atividades tradicionais.

### Referencias bibliográficas

ALMEIDA, M.G. Lugares turísticos e a falácia do intercambio cultural. In: **Paradigmas do turismo**. ALMEIDA, M.G (Org). Goiânia: Alternativa, 2003, p. 11-20.

BARERA, E. **El turismo rural**: um agronegócio para el desarrollo de los territorios. In: Agronegocios alternativos. Enfoque, importancia y bases para la generación de actividades agropecuarias no tradicionales. (2006). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2006. 1-76.

CANDIOTTO, L.Z. P; FARIAS, A.S. Lazer e turismo no Sudoeste do Paraná: modalidades e atrativos. In: ALVES, A. F; FLÁVIO, L. C; SANTOS, R. A. **Espaço e Território**: interpretações e perspectivas do desenvolvimento. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2005, p. 165-194.

CARNEIRO, M.J. Em que consiste o familiar da agricultura familiar? In: COSTA, F.C.C; FLEXOR, G; SANTOS, R.(Orgs). **Mundo rural brasileiro**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Mauad, Seropédica, 2008, p. 255-269.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Pré) ocupações com o turismo rural. In: MEDEIROS, R. M.V; FALCADE, I. **Tradição versus tecnologia**: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 59-66.

DE LA TORRE, G.M.V; CASTRO- FREIRE, M.S; MORALES- FERNÁNDEZ. El Turismo Rural en Andalucía: Un análisis FODA. **Revista Rosa dos Ventos**. v. 3, p. 303-323, nº 3, jul./dez.2011. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul. Disponível

em:

<[http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1140/pdf\\_53](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1140/pdf_53)>.

Acesso em: 14 mar. 2014.

DURAN, F.E. Turismo rural y desarrollo local: estudio de caso del Sur de España. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 68, n. 3, jul.-set., 2006, p. 511-549. Ciudad de México, Universidad Autónoma de México. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=32112601004>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

HALL, C.M. **Planejamento turístico**: políticas, processos e relacionamentos. São Paulo: Contexto, 2004.

MARAFON, G.J. Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir de território Fluminense. In: MEDEIROS, R. M.V.; FALCADE, I. **Tradição versus tecnologia**: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p.35-57.

PEDRON, F.A. **Planejamento do turismo rural**: estudo do roteiro nostra colônia Jaguari, RS. Santa Maria: Facos, 2007.

PRESVELOU, C. Ações inovadoras em turismo rural. In: Almeida, J.A.; FROELICH, J.M.; RIEDL, M. (Orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. 4 ed. São Paulo: Papirus, 2004, p. 143-162.

SACCO DOS ANJOS, F.; CALDAS, N. V. Pluriatividade e ruralidade: falsas premissas e falsos dilemas. In: CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro**: novas ruralidades e urbanização. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2004, p. 72-105.

VIEIRA, E.M. **Políticas públicas e legislação para o turismo rural**. Santa Maria: Facos, 2005.

WANDERLEY, M.N.B. **O mundo rural como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

WANDSCHEER, E.A.R. **Residências secundárias**: manifestações e dinâmicas dos fluxos de visitantes no espaço rural (estudos dos municípios de Itaara e Restinga Seca). Santa Maria: Facos/UFMS, 2009.

## LOS DERECHOS DE PROPIEDAD INTELECTUAL EN ARGENTINA: ADECUACIÓN NORMATIVA AL SISTEMA INTERNACIONAL DE COMERCIO Y TRATADOS BILATERALES DE INVERSIÓN

ALOMAR MESSINEO, *Dafne Salomé*  
*Centro de Investigaciones Geográficas (CIG)*  
*Instituto de Geografía, Historia y Ciencias Sociales (IGEHCS)*  
*Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires*  
*Tandil, Buenos Aires*  
*dafnealomar@gmail.com*

### Introducción

En las últimas décadas, la protección de los bienes intelectuales se ha concebido como la base jurídica sobre la que descansa el desarrollo de sectores económicos que presentan mayor valor agregado en el comercio mundial. Para permanecer en la frontera innovativa, los resultados de las investigaciones y desarrollos tecnológicos han requerido mecanismos para imposibilitar a terceros su uso, imitación o comercialización.

Los derechos de propiedad intelectual (en adelante DPI) se conciben como la herramienta capaz de profundizar la apropiación exclusiva de los bienes intangibles por un período limitado de tiempo. Busaniche (2015) los define como “*una serie de sistemas jurídicos de diferente naturaleza que regula bienes económicos que se conforman como tales en la propia definición que la ley hace de ellos*”. Es decir, que la propiedad sobre bienes intelectuales existe sólo en virtud de que hay una ley que otorga la titularidad a una persona física o jurídica, que obtiene así el derecho de limitar el uso y comercialización de esos bienes por parte de los demás miembros de una comunidad.

Los esfuerzos por parte de países desarrollados de limitar cada vez más la heterogeneidad en materia de propiedad intelectual responden, desde los orígenes, a presiones de grandes cadenas transnacionales, quienes observan en los bienes intelectuales nuevos espacios de alta rentabilidad (Correa, 1990). El presente trabajo se propone evidenciar los mecanismos multilaterales y bilaterales de presión que estos actores utilizaron –y utilizan– en pos de la armonización del sistema de propiedad intelectual a nivel global. En esta línea, se demostrará cómo la Argentina ha adecuado

progresivamente su legislación de patentes a los compromisos asumidos en los organismos multilaterales de comercio.

### **Fundamentación**

En un contexto de reestructuración capitalista e instalación del neoliberalismo a nivel internacional, las empresas transnacionales demandan una homogeneización de normativas de propiedad intelectual en espacios de libre comercio. Los mecanismos de internacionalización productiva, liberalización de capitales y (des)regulación financiera facilitan, así, las operaciones de las grandes empresas transnacionales en el mercado mundial.

Los DPI no han sido excluidos de esta dinámica globalizadora que fortalece las reglas propuestas por los países desarrollados y sus empresas. Las discusiones en la materia al interior de OMC y la incorporación de apartados sobre DPI en tratados de libre comercio e inversiones extranjeras, dan cuenta de la necesidad de contextualizarlos a una realidad globalizada, con predominio del capital financiero y transnacional. En adición, el diseño de nuevos Acuerdos Regionales – como el Tratado Transatlántico para el Comercio e Inversiones (TTIP) y el Acuerdo Transpacífico de Cooperación Económica (TPP) – profundizan las normativas sobre propiedad intelectual en países como Estados Unidos, la Unión Europea y el Sudeste Asiático, incluidos algunos países de América Latina. La protección del conocimiento y capacidad innovativa se ha convertido, por consiguiente, en un punto clave de debate, vis-a-vis sus implicancias sociales y productivas.

### **Consideraciones teórico-metodológicas**

El trabajo de investigación constituye una primera aproximación al objeto de estudio, haciendo hincapié en determinados procesos y subsistemas evidenciados en la problemática a estudiar. El cuerpo teórico-metodológico seleccionado responde a la necesidad de abordar la problemática a diferentes escalas. El entramado de relaciones socio-económicas y políticas que atraviesa el análisis de los marcos regulatorios en materia de propiedad intelectual requiere un abordaje de la temática como un *Sistema Complejo*, concepto propuesto por Rolando García en su libro “Sistemas complejos. Conceptos, método y fundamentación epistemológica de la investigación interdisciplinaria”:



“Un sistema complejo es una representación de un recorte de esa realidad, conceptualizado como una totalidad organizada (de ahí la denominación de sistema), en la cual los elementos no son "separables" y, por tanto, no pueden ser estudiados aisladamente (García, 2006: 21)”.

El eje central del estudio de sistemas propuesto por García está constituido por el análisis de *procesos y subsistemas* en diferentes niveles, así como sus interrelaciones. La investigación ha sido organizada desde los procesos de *tercer nivel/globales* a los de *segundo nivel/nacionales* que permitieran comprender la dinámica de los DPI. Los procesos globales son especialmente considerados, al tratarse de una investigación propia de la disciplina de Relaciones Internacionales.

Particularmente, el análisis se enfoca en el *subsistema jurídico*. Por medio de la sistematización de los marcos regulatorios sobre propiedad intelectual a nivel internacional y nacional, se intenta demostrar que los regímenes legales vigentes en la materia abogan por una mayor “(des)regulación” (Azpiazu, 1999), favoreciendo determinados sectores productivos a escala global.

Desde los años setenta hasta la actualidad, las capacidades de transformación del sistema capitalista han desembocado en un modelo de desarrollo basado en un capitalismo de mercado, flexible y cada vez más transnacionalizado. Uno de los mecanismos utilizado con el objetivo de adecuar a los Estados a dicho sistema ha sido la modificación de las regulaciones internacionales y su posterior aplicación al interior de los Estados nación (entre ellas las regulaciones referidas a los DPI) (Boyer, 1999). En esta misma línea, Ascelrad retoma los textos de Boyer afirmando:

“As normas, na teoria da regulação, consistem, pois, em formas institucionais – leis, regras ou regulamento, não necessariamente formalizados – que impõem, pela coerção direta, simbólica ou mediada, certo tipo de comportamento, econômico ou político, a grupos e indivíduos (Boyer, 1990 en Ascelrad, 2013; pp. 112)”.

La reestructuración capitalista, por consiguiente, liberalizó crecientemente los flujos de capital orientados a la valorización financiera y mercantilizó aspectos de la naturaleza y la vida antes no mercantilizados. Siguiendo a Harvey en su libro “El nuevo imperialismo” (2004):

“La mercantilización de las formas culturales, las historias y la creatividad intelectual supone la total desposesión [...] La corporativización y privatización de activos previamente públicos (como las universidades), por no mencionar la ola de privatización del agua y otros servicios públicos que ha arrasado el mundo, constituye una nueva ola de *cercamiento de los bienes comunes* (Harvey, 2005: 114)”.

La acumulación por desposesión puede ocurrir de diversos modos y su modus operandi tiene mucho de contingente y azaroso. Así y todo, es omnipresente, sin importar la etapa histórica, y se acelera cuando ocurren crisis de sobreacumulación en la reproducción ampliada. En ese marco es que avanzan las regulaciones referidas a la propiedad intelectual. Desde el nivel internacional al nacional se crea un aparato jurídico y una vinculación entre las normas que se van sumando y el comercio y las negociaciones de la agenda internacional. En la práctica, este avance está significando un importante debate en torno a dicha legislación. Mientras que para algunos naturalizan la apropiación formal del conocimiento como parte del actual progreso técnico-económico, otros lo ven como un conflictivo avance sobre aspectos constitutivos de nuestras sociedades.

Metodológicamente, la investigación partió de la recopilación bibliográfica, seguida del análisis de documentos oficiales de organismos internacionales y la revisión del marco jurídico internacional y nacional. Partiendo de fuentes oficiales de la Organización Mundial de Propiedad Intelectual (en adelante OMPI) y documentos de la Organización Mundial del Comercio (en adelante OMC), se avanza a lo largo del capítulo en la búsqueda de nuevos escenarios de profundización de los DPI a nivel internacional.

Por su parte, el análisis de la evolución de los marcos regulatorios sobre propiedad intelectual en Argentina se realizó a partir de la revisión de las normativas nacionales en la materia, sumado a la recopilación bibliográfica. La atención se centró particularmente en la sanción de la Ley de Patentes de Invención y Modelos de Utilidad 24.481 y sus modificaciones ya que se considera la primera normativa, a nivel nacional, en adecuarse a los compromisos asumidos en la OMC.

## **Bibliografía**

- ASCELRAD, H. (2013) “*Desigualdade ambiental, economia e política*”. Revista Astrolabio N° 11. IPPUR, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil. Pp: 105-123.
- AZPIAZU D. (1999). “*La industria farmacéutica. Las estructuras oligopólicas frente a la desregulación y la apertura de la economía*”. En AZPIAZU D., GUTMAN G. y VISPO A. (Comp.) “*La desregulación de los mercados. Paradigmas e inequidades de las políticas del neoliberalismo*”. Grupo Editorial Norma. Buenos Aires. Pp. 164-266.
- BOYER R. (1999) “*Dos desafíos para el siglo XXI: disciplinar las finanzas y organizar la internacionalización*”. Revista CEPAL N° 69. Diciembre. Pp. 33-51. Disponible en: <http://www.cepal.org/publicaciones/xml/1/19251/boyeresp.pdf> Consulta: 08/02/2016.

- BUSANICHE B. (2015) “A 20 años de la firma de los ADPIC. Un debate pendiente sobre la propiedad intelectual y el desarrollo en América Latina”. Fundación Vía Libre. 2015. Disponible en: <http://www.vialibre.org.ar/wp-content/uploads/2015/04/20anos.adpic..pdf> Consulta: 08/02/2016.
- CORREA C. M. (1990) “Patentes, industria farmacéutica y biotecnológica”. Síntesis de la presentación efectuada por el autor en el “Foro de Industrias Farmacéuticas”. Guatemala. 3 de Abril. Disponible en: <http://www-azc.uam.mx/publicaciones/alegatos/pdfs/18/20-04.pdf> Consulta: 08/02/2016.
- GARCÍA R. (2006) “Sistemas complejos. Conceptos, método y fundamentación epistemológica de la investigación interdisciplinaria”. Editorial Gedisa. 1º ed. Barcelona.
- HARVEY D. (2005) “El nuevo imperialismo: acumulación por desposesión”. Revista Socialist Register Enero, 2005. Publicado en CLASO. Buenos Aires. Disponible en: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20130702120830/harvey.pdf> Consulta: 08/02/2016.

## INTERACCIONES ESPACIALES Y FLUJOS COMERCIALES PARA LA PRODUCCION INDUSTRIAL DE TANDIL (PROVINCIA DE BUENOS AIRES)

Josefina Di Nucci  
IGECHCS/CONICET-UNCPBA. Tandil

Partimos de considerar que cada período histórico puede ser visto como un momento de la formación socio-espacial, a partir del análisis del territorio en dos dimensiones: el territorio usado, es decir, las existencias, lo que está presente en él, tal como es utilizado en la actualidad; y el territorio en movimiento, es decir, como está siendo usado y como podría serlo (Silveira, 2007). Tal como afirma Santos (1994) el espacio geográfico puede ser visto como sinónimo de territorio usado; esa relación interdependiente, solidaria y contradictoria entre la materialidad y la acción (humana), entre la base material y la vida que la anima, en cooperación y conflicto

Una actividad económica como la industrial, una de sus ramas específicas o una empresa en particular produce una lógica territorial cuya manifestación visible es una topología; es decir, los puntos y áreas que las empresas seleccionan y que conforman su base material de existencia para la producción, circulación y consumo. Son estos los fijos necesarios para realizar su actividad. “Esta es su propia división del trabajo: una verdadera topología...” (Silveira, 2007: 15). Como indica esta autora “los movimientos entre estos fijos son los flujos, es decir, el circuito espacial de producción...” (Silveira, 2007: 20). Junto a ese aspecto visible de la división territorial del trabajo se encuentra el lado invisible, el cual se vuelve más complejo: “es el conjunto de operaciones que envuelve lugares, el sistema de acciones propio de la empresa, que le da una posición ventajosa a escala global y le posibilita, gracias a la técnica contemporánea, una comunicación en tiempo real y el uso de instrumentos financieros a tal punto perfeccionados que dinero e información se confunden” (Silveira, 2007: 20).

Hay en nuestros países y en nuestras ciudades un enrejado de divisiones del trabajo, una superposición de topologías corporativas, lo cual lleva a afirmar que división territorial del trabajo es un concepto plural (Silveira, 2008).

Proponemos en este trabajo estudiar ese aspecto visible de las empresas, o de la industria tandilense en particular, a partir del movimiento generado por los flujos de materias primas e insumos y de productos finales, entre las industrias de Tandil y los nodos urbanos con los cuales esta ciudad se conecta.

Ahora bien, como resultado de la división territorial del trabajo de las industrias existe cierta articulación entre los núcleos urbanos que, muchas veces, concentran actividades diversas o específicas, especialmente observable a partir de la circulación de objetos materiales, como mercancías, personas y dinero, aunque también inmateriales como información, por ejemplo. De esta manera, se van reforzando las diferenciaciones entre los núcleos urbanos de acuerdo a las funciones o papeles urbanos que poseen en dicha red más o menos articulada.

Santos (1996: 58) afirmaba que “el sistema de ciudades constituye el armazón del espacio”, el esqueleto económico, político, institucional y socio-cultural de un país. “La red

urbana es un conjunto de aglomeraciones que producen bienes y servicios junto con una red de infraestructura de soporte y los flujos que, a través de esos instrumentos de intercambio, circulan entre las aglomeraciones” (Santos, M. 1996: 57). Ahora bien resulta necesario dar un paso más en esta relación entre el sistema de núcleos urbanos y sus papeles económicos, afirmando una vez más aquello expresado por Corrêa (1989: 48): “la red urbana se constituye simultáneamente en un *reflejo de* y una *condición para* la división territorial del trabajo. Es un reflejo en la medida que, en razón de ventajas locacionales diferenciadas, se verifica una jerarquía urbana y una especialización funcional definitorias de una compleja tipología de centros urbanos”. Se observa que la red de ciudades, actuando de manera articulada según sus funciones, se convierte en una condición para el desarrollo de la división territorial del trabajo. Es la red urbana la que vuelve viable y posible a la producción, la circulación y el consumo (Corrêa, 2004).

Observando la jerarquía urbana, el papel de las grandes ciudades es central porque son por excelencia los centros de producción y de consumo y por lo tanto también los grandes centros de distribución y los grandes nudos de circulación. Concentran el comercio mayorista interno y el comercio de exportación e importación (Santos, 1996). “Pero es efectivamente debido a la acción de los centros de acumulación del capital, las grandes metrópolis cabeceras de redes urbanas de extensión mundial o nacional, que la división territorial del trabajo aparece condicionada por la red urbana” (Corrêa, 1989: 50).

No podemos dejar de recordar que siempre, pero aún más en el período actual de la globalización, la red urbana forma parte de la división internacional del trabajo al participar de ésta particularmente a través de sus funciones de intermediación (Corrêa, 2004).

En relación a las actividades industriales y como parte esencial de la producción, es decir de la elaboración misma de los productos, resultan centrales la circulación de flujos de materias primas e insumos que llegan a las industrias y la circulación de los productos una vez elaborados. Para que esta circulación se pueda efectivizar es necesaria la existencia de las ciudades, como puntos de territorio constituyentes de las redes urbanas. “Estos centros urbanos se apropian del valor excedente que circula y crea nuevos valores” (Corrêa, 1989: 52).

Las ciudades que forman parte de esta red urbana existente alrededor de la industria tandilense tanto por ser los lugares de compra de materias primas y de insumos como los principales puntos de venta de los mismos, se apropian de manera diferencial del valor excedente.

En la situación a estudiar aquí la producción, elaboración misma de los productos, se realiza en Tandil pero nos interesa ver a partir de ella con que otros centros urbanos de la provincia de Buenos Aires, del resto de Argentina y del mundo se articula teniendo en cuenta las siguientes variables: tipo y procedencia de materias primas e insumos y mercado de las empresas y principales clientes.

En algún sentido esto nos permite ver la división territorial del trabajo de la actividad industrial de Tandil y de sus firmas, considerando que cada división territorial del trabajo se asocia a un momento del proceso de urbanización y del período de la historia que estamos viviendo.

Existe una historia de la red urbana argentina y de la provincia de Buenos Aires con jerarquías urbanas también heredadas. Esta red de ciudades nos serviría como base o plataforma para estudiar cómo se superpone a ella la división territorial de trabajo de la

actividad industrial. En este caso miramos esta relación a partir de una ciudad media del centro de la provincia de Buenos Aires: Tandil.

Estudiamos dónde compra Tandil sus materias primas e insumos y, en este sentido, con quién se vincula económicamente y, por otro lado, observamos a quién le vende sus productos industriales la ciudad de Tandil, es decir, cual es su principal mercado y dónde se localizan sus principales clientes.

Nos referimos al impacto espacial de la actividad industrial, de su topología empresarial (forma en que se organiza) que se superpone a la red urbana históricamente constituida.

Para la realización de este trabajo contamos con los datos del Relevamiento Industrial de Tandil (CIG/ Municipio de Tandil 2013) sobre un total de 670 empresas que representan el 96 % del total de la existentes en esta ciudad. Se han seleccionado las siguientes variables: - Materias primas utilizadas según orden de importancia y lugar de procedencia del proveedor de las mismas; - Insumos necesarios para el proceso de producción y localidades de procedencia; - Destino principal de la producción y principales clientes, localización y porcentaje de ventas.

El objetivo de esta ponencia es conocer cómo la industria local (o como Tandil) forma parte de la red urbana preexistente aprovechando las interacciones espaciales intraurbanas en lo referido a la adquisición de materias primas e insumos, y a la fabricación, es decir, la comercialización de sus productos.

Qué materias primas utiliza Tandil, qué insumos necesita para su producción, dónde los adquiere y cuál es el mercado de sus productos, es un conocimiento esencial del territorio que no solo deben tener las empresas sino todo tipo de instituciones, en especial los gobiernos en todas sus escalas, al momento de realizar y planear políticas industriales y comerciales, de decidir sobre el trazado y mejoras de rutas y accesos a nuestras ciudades, de decidir incentivos locales y extralocales a la producción, de incentivar o no ciertas iniciativas locales o inversiones externas, etc.

En este sentido no puede perderse de vista que la industria local realiza un uso horizontal del territorio plasmado en la importancia del partido tanto en la compra de materias primas e insumos como en la venta de los productos industrializados. La fuerte horizontalidad mantenida por la industria de Tandil tiene que ser el foco sobre el cual se reveen las políticas industriales muchas veces más preocupada por incentivar las inversiones extralocales que en potenciar las inversiones locales existentes.

Correo electrónico: [josedinucci@yahoo.com](mailto:josedinucci@yahoo.com)